

O CURA DE SÃO LOURENÇO

**Maria do Monte de Sant'Ana e
Vasconcelos**

Edição de

**Andreia Pinho
Tânia Fortunato**

Coordenação de Ângela Correia

**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**

Lisboa

2016

1

ÍNDICE

Nota editorial

Duas Palavras Ao Leitor.

Capitulo I. O Conde De Nesle.

Capitulo II. Anselmo.

Capitulo III. A Entrada No Castello.

Capitulo IV. Morte Do Conde.

Capitulo V. Frederico.

Capitulo VI. Alberto Beaupré.

Capitulo VII. Amelia E Alicia.

Capitulo VIII. Lord Clare.

Capitulo IX. O Baile.

Capitulo X. O Segredo.

Capitulo XI. A Declaração.

Capitulo XII. O Noivado.

Capitulo XIII. A Camponeza.

Capitulo XIV. A Carta.

Capitulo XV. Continuação Da Carta.

Capitulo XVI. Continuação Da Carta.

Capitulo XVII. Continuação Da Carta.

Capitulo XVIII. Continuação Da Carta.

Capitulo XIX. Continuação Da Carta.

Capitulo XX. Continuação Da Carta.

Capitulo XXI. Theresa.

Capitulo XXII. O Livro Da Natureza.

Capitulo XXIII. O Cura De S. Lourenço.

[Capitulo XXIV. A Visita Ao Presbyterio.](#)
[Capitulo XXV. Transformação.](#)
[Capitulo XXVI. O Serão.](#)
[Capitulo XXVII. Conforto Domestico.](#)
[Capitulo XXVIII. O Pae E O Filho.](#)
[Capitulo XXIX. A Italiana.](#)
[Capitulo XXX. Primeirá Confissão.](#)
[Capitulo XXXI. Continuação.](#)
[Capitulo XXXII. A Surpreza.](#)
[Capitulo XXXIII. A Igreja De S. Lourenço.](#)
[Capitulo XXXIV. Segunda Confissão.](#)
[Capitulo XXXV. Continuação.](#)
[Capitulo XXXVI. Continuação.](#)
[Capitulo XXXVII Continuação.](#)
[Capitulo XXXVIII. Continuação.](#)
[Capitulo XXXVIX Continuação.](#)
[Capitulo XL. Continuação.](#)
[Capitulo XLI. Continuação.](#)
[Capitulo XLII. Continuação.](#)
[Capitulo XLIII. A Protecção.](#)
[Capitulo XLIV. A Tia Margarida.](#)
[Capitulo XLV. A Capela Do Tumulo.](#)
[Capitulo XLVI. A Visita De Um Clerigo.](#)
[Capitulo XLVII. As Suppostas Gemeas.](#)
[Capitulo XLVIII. Equívoco.](#)
[Capitulo XLIX. A Correspondencia.](#)
[Capitulo L. Outra Carta De Maria.](#)
[Capitulo LI. A Conversão.](#)

Capitulo LII. Uma Filha Restituída A Seu Pae.

Capitulo LIII. A Alienada.

Capitulo LIV. A Virgem Da Montanha.

Capitulo LV. A Volta Do Cura.

Capitulo LVI. Terceira Confissão.

Capitulo LVII. O Doutor Meneu.

Capitulo LVIII. Alicia.

Capitulo LIX. Lourenzo Negroni.

Capitulo LX. A Irmã Da Caridade.

Capitulo LXI. Conclusão.

Nota editorial

Maria do Monte de Sant'Ana e Vasconcelos Moniz Bettencourt, irmã do primeiro visconde de Nogueiras, Jacinto de Sant'Ana e Vasconcelos Moniz Bettencourt, foi uma escritora madeirense que publicou sempre usando as siglas «M.S.A. e V.» e «M. M. S. A. e Vasconcellos». Nasceu no Funchal, na freguesia de S. Pedro, em 1823 e terá falecido na mesma cidade em 1884.

Segundo Pedro Almeida Vieira, Publicou três romances históricos – *O Cura de São Lourenço* (1855), *O Soldado de Aljubarrota* (1857) e *Bermudo e a Mesa de Prata de Dom Dinis* (1879). – e as obras da autora surgiram, no *Dicionário Bibliográfico Português*, atribuídas à cunhada Matilde Sant'Anna e Vasconcellos, embora mais tarde esta informação tenha sido corrigida. Por este motivo, considera-se que também terá sido Maria do Monte de Sant'Ana e Vasconcelos que traduziu para português obras de autores franceses, bem como, para francês, o romance *Eurico, o Presbítero*, de Alexandre Herculano.

Na opinião de Pedro Almeida Vieira, «esta obra terá sido o primeiro romance histórico português escrito por uma mulher de nacionalidade portuguesa, embora em 1850 tenha sido publicado o romance *Dedicação de uma Amiga*, de Nísia Floresta Brasileira Augusta, que nasceu portuguesa, tornando-se brasileira com a independência daquele país em 1822.»

Crítérios de edição e normas de transcrição

A presente reedição foi preparada a partir do exemplar da primeira e única edição de *O Cura de S. Lourenço* existente na Biblioteca Nacional de Portugal (Cota L. 6855//4 P.), que a Imprensa Nacional imprimiu, em Lisboa, em 1855.

Este exemplar foi encadernado juntamente com várias obras de autores diversos. O volume assim constituído encontra-se em mau estado, o que é reconhecido pela BNP numa nota manuscrita («mau estado»). Tanto a capa como a contracapa estão soltas e a lombada do livro encontra-se

descolada, mantendo-se o conjunto coeso graças aos atacadores que, na BNP, usaram para segurar todas as partes.



Fizemos preceder a transcrição de um índice cujas hiperligações levam automaticamente até à primeira página de cada capítulo.

Adotámos as normas de transcrição que se seguem:

- mantivemos todas as características ortográficas do livro-fonte;
- conservámos o itálico em todas as palavras que assim foram impressas no livro-fonte;
- não reproduzimos o espaço entre os sinais de pontuação e a palavra anterior;
- não reproduzimos o sistema de marcação de discurso entre aspas, que consiste em repetir uma aspa no início de cada linha do texto entre aspas, e substituímo-lo pelo atualmente comum de colocar as aspas no início e no fim do discurso entre aspas;
- substituímos o duplo travessão por um travessão simples;
- optámos por iniciar os capítulos numa nova página, em vez de o fazermos, como no livro-fonte, na mesma página em que o anterior termina.

Bibliografia

Cruz, Visconde do Porto da, *Notas & Comentários para a História Literária da Madeira*, II Volume, 2.º Período 1820-1910, Edição da Câmara Municipal do Funchal, <http://www.bprmadeira.org/imagens/documentos/File/bprdigital/ebooks/Historia_Litvol_II.pdf> acedido a 12 de junho de 2015

Silva, Innocencio Francisco da, *Dicionário Bibliográfico Portuguez*, publicado em 1858 <<https://archive.org/stream/diccionariobibl01fonsgoog#page/n826/mode/2up>> acedido a 12 de junho 2015

Vieira, Pedro Almeida

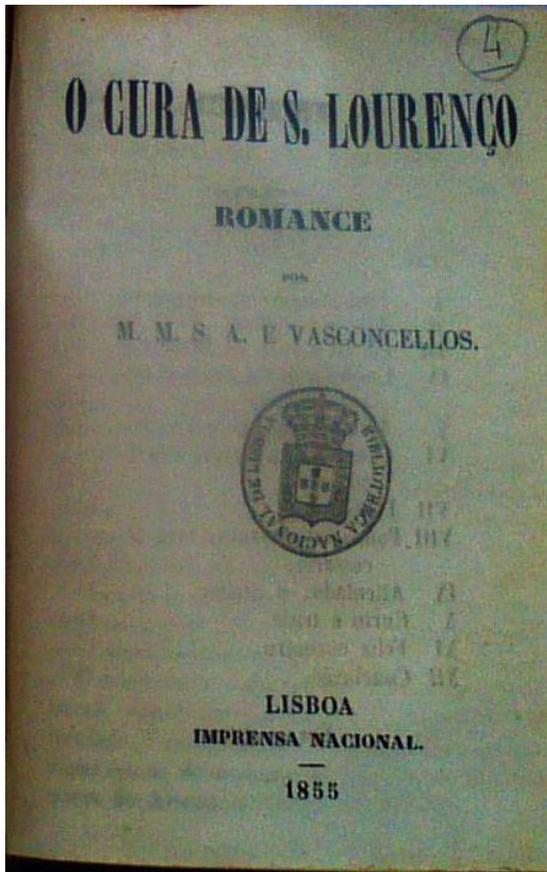
<<http://pedroalmeidavieira.com/indexbh.asp?p/785/1089/M/1829/>> acedido a 13 de abril de 2015, atualmente desativado

Vieira, Pedro Almeida,

<<http://pedroalmeidavieira.com/indexbh.asp?p/785/1089/2999/M/2999/1829/>> acedido a 13 de abril de 2015, atualmente desativado

Maria do Monte de Sant'Ana e Vasconcelos

O CURA DE SÃO LOURENÇO



DUAS PALAVRAS AO LEITOR.

O nosso movimento bibliographico é tão minguido que a apparição de um bom livro considera-se digna de registrar-se como um successo pouco vulgar. Quando, porém, esse livro é obra de uma senhora, devemos sauda-la com duplicada alegria, porque significa um acontecimento verdadeiramente raro. Tão pouco se dedica o sexo delicado entre nós aos labores litterarios!

Todavia as senhoras portuguezas sempre se distinguiram pela elevação da intelligencia, como pelos dotes do coração.

É avultado o catalogo das damas que, pelas letras, adquiriram direito aos applausos da posteridade; e ainda nos nossos tempos tivemos uma digna emula de madame de Stael, a illustre marqueza de Alorna, a Alcipe de Arcadia.

Mas quando não existissem felizmente muitas provas, que vem em apoio da opinião, que enunciámos, o *Cura de S. Lourenço* mostraria de um modo inequivoco que o sexo amavel cultivava em Portugal as letras com vantagem.

O *Cura de S. Lourenço* é um pequeno romance escripto com sentimento. A acção corre placida e naturalmente, e o desfecho é logico, e em harmonia com o fim que se propoz a auctora no* sua composição: mostrar o perigo e a inconsistencia das theorias anti-religiosas, e sua influencia malefica sobre a familia e a sociedade.

Os caracteres em geral estão bem delineados, sem violencia, sem amaneirado de desenho. A linguagem é corrente, e alguns trechos poderíamos citar notaveis pela correcção e pela graça.

Fazer n'este logar o esboço do *Cura de S. Lourenço*, revelar a chave da fabula, que

constitue toda a acção, seria prejudicar os leitores, furtando-lhes o interesse da novidade.

Pena é que sendo a auctora nascida em uma das mais bellas provincias da monarchia, na preciosa ilha da Madeira, que viajantes e poetas chamam a perola e a flor do Oceano, escolhesse para logar das scenas principaes do seu romance as regiões menos pittorescas da França, e adoptasse para os personagens d'elle nomes estrangeiros!

Á parte este defeitosinho, que faz parecer traducção o que é realmente trabalho original, o *Cura de S. Lourenço* é um livrinho agradável, e por todos os titulos, mórmente por ser a primeira producção de uma senhora distincta, merece ser recebido com benevolencia.

F. P.

O CURA DE S. LOURENÇO.

CAPITULO I.

O CONDE DE NESLE.

Mr. de Nesle, descendente dos antigos heroes das cruzadas, Raoul de Nesle, condestavel e armado cavalleiro por Luiz IX, e João II de Nesle, regente de França, na ausencia de S. Luiz, havia herdado de seus antepassados, não sómente a lealdade e o valor, como tambem essa fé robusta na sua religião e no seu Deus, fé por elles tão altamente testemunhada, quando deixavam o solo patrio por largos annos, expondo a vida a todos os azares e incertezas, não em busca d'essa gloria estrondosa e vulgar, d'esses loiros ceifados nos campos de batalha, mas para trazerem junto ao peito uma reliquia d'essa cidade, santificada primeiramente pelas

prophecias, depois pelos milagres, e finalmente pelo sangue de Christo.

Fazendo parte da côrte, Raoul de Nesle tinha ali passado a maior parte da sua mocidade. Sua mãe, dama idosa e respeitavel, conservava até á morte as modas e a elegancia da Fronda. Esse capricho não lh'o tinham inspirado idéas aristocraticas: conservava este luxo antigo, como uma reminescencia da sua alegre juventude.

A condeça viuva deu uma educação esmerada ao seu unico filho. Os primeiros estudos de Raoul tinham sido dirigidos por um theologo eminente; tendo a religião por norte, o seu character se foi formando á proporção que o seu espirito colhia uma e outra flôr, nos abundantes ramos das sciencias.

Madame de Nesle falleceu, dois annos depois do casamento de seu filho com Lucia de Coislin. O conde residia em París, no antigo palacio da

praça de Luiz XV.

Raoul era muito generoso para não professar o amor da igualdade; era republicano de coração. Com quanto amasse de nome e de raça a antiga família dos Bourbons, afogou dentro em si o profundo sentimento pela magestade decaída. A sua alma elevada e livre, não escutava sempre as afeições do coração; n'ella só se encontrava a imparcialidade, quando se tratava do bem geral da grande família da sua nação: não era nem pelo povo, nem pelos grandes, mas pela humanidade inteira. O conde desejava que a civilização, desentranhando e apurando as nobres virtudes que nascem e morrem nas trévas da ignorancia, arredasse o véu que encobre as luzes do proprio entendimento ao pobre e ao pequeno, soltando alfim do longo captiveiro a sua rasão, e a sua vontade!

Todavia, apesar das suas idéas politicas e

religiosas, guardava o devido respeito á antiga magestade de um rei; não como o juiz soberano e arbitrario de um povo, o que só a Deus compete, porém como o patriarcha de uma numerosa tribu, o chefe, o pae de uma familia de homens como elle.

De resto, amante da ordem, gostava de ver conservada sempre em pé essa graduada escala social; repugnando á sua philantropia, que o merecimento illustrado continuasse de rojar-se nos ultimos degraus!

Elle via uma vigorosa geração, que caminhava; era necessario, que uma grande revolução lhe abrisse as portas; e a politica, que tinha creado arbitrariamente as velhas jerarchias, devia chamar todos os homens á mesma luz e á mesma perfeição. Era em 1789.

Moderado nos seus principios, Raoul de Nesle tinha sempre em vista o progresso moral; e nos

primeiros dias d'essa revolução, dias agitados de uma alegria confusa, mas unida do nobre sentimento da liberdade, não só uniu a sua voz ao grito da nação, mas procurou concorrer para o conseguimento da igualdade, que exaltava a populaça até ao delirio, chamando todos á ordem e á concordia.

Mas, pouco a pouco, foi-se annuveando o formoso horisonte das suas esperanças; e, sobre a sua infeliz patria, veiu agglomerar-se uma atmospha pesada e tétrica!

A unidade do governo da multidão arrastou após si a desordem moral: viu-se o cadafalso substituir a lei; e o crime, desenfreado, desconhecer os vinculos da humanidade!

As inquietações moraes causam em certos homens tão grande impressão, que, perturbando-lhes profundamente o seu estado physico, lhes deterioram a saude, que nunca recuperam,

perecendo a final victimas de uma exagerada susceptibilidade.

Em 1791 os medicos decidiram, que a saude do conde de Nesle carecia absolutamente do sol mais quente do sul, e de uma briza mais temperada.

Mas uma das rasões que resolveram o conde a abandonar talvez por muitos annos a sua residencia em París fôra a idade quasi adolescente do seu unico filho, o joven Frederico.

O aspecto da capital não podia senão extraviar uma intelligencia ainda tenra. Em certas idades, a alma toma-se muito da impressão dos olhos, e é mister offerecer-lhe imagens risonhas, faceis e coherentes. Como apresentar-lh'as n'esse cahos confuso do erro e da devassidão?

A riqueza dos paramentos nos templos do antigo culto; a respeitosa observancia dos ritos e

ceremonias, eis o mais digno espectáculo em que podem pousar os olhos e a imaginação, avida de impressões, de um joven. Mas, que era feito d'esses templos sagrados, d'esse religioso apparatus, e d'esse culto? – A bella nave gothica dos Franciscanos acabava de ser demolida; a igreja dos Theatinos tinha-se convertido em um café e sala de dançarinos de corda!

As terras de mr. de Nesle eram no departamento d'Ardêche, no Languedoc. Ali possuía um vasto e antigo castello, cercado de extensissimas alamedas, cujos velhos troncos, tendo resistido aos annos e á intemperie das estações, como as pyramides do celebrado Oriente, rendiam muda homenagem á gloria e esplendor dos seus antigos proprietarios.

Madame de Nesle partiu, um mez antes de seu marido para a provincia, com uma parte de seus domesticos, incluindo o fiel Anselmo, o qual

tinha sobre todos a primazia na estima de seus respeitáveis amos.

CAPITULO II.

ANSELMO.

Aqui daremos de corrida uma pequena noticia do homem, que adiante encontraremos como o grande heroe da nossa historia; porque a honra e a lealdade, quando se alojam no peito do homem, seja illustre ou humilde, dão-lhe a verdadeira nobreza: e porventura os acontecimentos, arrojando o humilde para longe da sua esphera, fazem-lhe desenvolver rasgos sublimes de amor e resolução, e da mais pura e estremada honradez!

Anselmo era filho do jardineiro d'Ardêche. Esta occupação tinha passado de pae a filho.

Era usança antiga dos proprietarios do castello d'Ardêche passarem ali alguns mezes no verão.

O filho do jardineiro tinha apenas um anno mais que o joven Raoul. O conde, nos seus

folguedos infantís, achou sempre n'elle um docil e util companheiro; o pequeno era esperto, e surprehedia o seu joven patrão com engenhosas idéas. A preferencia que elle assim adquiriu sobre todos os camponezes dos arredores, não produziu o mais pequeno orgulho no simples Anselmo; mas neste contacto, um nobre sentimento começou de girar-lhe pelas veias, planta que jámais fenece, torrente que não distilla senão das fontes do amor: – a lealdade!

A habilidade, rara na idade do pequeno Anselmo, e mais que tudo o seu genio humilde, grangearam-lhe a protecção da condeça, que o trouxe comsigo para París, tendo então pouco mais de nove annos. Tratado com desvelo e solicitude, pôde adquirir mais algumas luzes do que ordinariamente se encontram nas pessoas da sua classe, e o seu trato constante com pessoas bem educadas inspirou-lhe o amor do bello, e

fez-lhe adoptar nas suas expressões e modos um ar distincto que o tornava notavel.

Seu pae o casou aos vinte e tres annos com uma pupilla e predilecta, e esta união teve o consento da sua muito estimada protectora.

Anno e meio depois do seu casamento, no mez de junho, Anselmo esperava alegremente o regresso de seus patrões ao castello; porém essa alegria foi perturbada por uma desgraça tão profunda quanto inesperada.

A boa Ignez Beaupré, tendo esgotado os dolorosos soffrimentos de um trabalhoso parto, morreu poucas horas depois de haver dado á luz um filho!

Raoul e sua mãe trouxeram immediatamente para o castello o pobre viuvo. Anselmo tinha unica irmã: Anna Beaupré, casada com o piloto de uma embarcação mercante, fôra residir no porto de Fréjus, no meio-dia da França.

Anna costumava visitar de tempos a tempos seu pae, e achando-se presente ao repentino fallecimento de sua cunhada, tomou nos braços a creança recém-nascida, e começou a alimenta-la com o leite que dava a um filho de sete mezes. Em vesperas de partir, ella procurou seu irmão, e falou-lhe d'esta maneira: – Anselmo, eu levo a creança comigo; não posso consentir que uma mulher estranha nutra do seu leite e do seu sangue o filho de meu irmão! – Entregame a sua primeira infancia, e confia que terá de mim o carinho e o ensino de mãe.

Anselmo acceitou a caridosa proposta de sua excellente irmã, e alguns dias depois ella partia para Fréjus com o pequeno Alberto Beaupré.

A presença de seus amos, e as palavras de consolação e de religião de madame de Nesle, foram pouco a pouco resignando o desconsolado viuvo; mas o que acabou o seu restabelecimento

foi o ultimo accôrdo que tomaram de o conservar outra vez em sua casa como uma especie de mordomo; logar que lhe competia, tanto pela sua intelligencia, como pela sua probidade.

Esta novidade agradou sobremaneira a seus parentes : – «A vida correr-lhe-ha aprazivel na companhia de seus patrões», diziam elles. Anselmo era o orgulho da familia.

CAPITULO III.

A ENTRADA NO CASTELLO.

Frederico tinha acompanhado sua mãe. A primeira educação do joven conde havia sido muito interpollada; a creança até aos dez annos, tivera poucos intervallos de saude.

N'esta idade começava elle apenas a soletrar; sua mãe, que fôra sempre a sua carinhosa enfermeira, foi ao mesmo tempo a sua primeira mestra.

Durante as convalescenças de grandes febres e outras molestias, que deterioraram a debil constituição do joven conde, Lucia de Nesle o entretinha horas e horas, com interessantes historias, todas tiradas das Santas Escripturas. Ella tinha mandado reunir em um volume precioso certo numero de estampas, representando os passos mais simples, bellos e

sempre maravilhosos d'aquelles primeiros tempos.

O longo captiveiro em que o tivera sempre na infancia o seu delicado estado physico, pouco a pouco o impregnaram de uma certa melancolia, que o tornava quasi indifferente, e o arredava mesmo de todos os brinquedos naturaes d'aquella idade. Mas Frederico conservou por muito tempo a innocencia da infancia; e se elle não era muito vivo e expansivo, a chamma do amor nunca no seu coração se extinguia, e era ardente nas suas affeições. A docilidade vinha-lhe da natureza: uma palavra de sua mãe tinha sobre elle tal poder, que não era mister castiga-lo, nem mesmo ameaça-lo. A sua amargurada infancia, e o cuidado de seus paes em afasta-lo cuidadosamente dos perniciosos espectaculos que se offereciam a cada passo na capital, o fizeram transpor os tempos até á idade de doze

annos, n'uma completa ignorancia do mal. Frederico amava extremosamente sua mãe; mas amava-a por inclinação, por gratidão, e por necessidade; amava-a, porque era sua mãe, e sua melhor amiga, e porque d'ella sempre recebêra carinho e protecção. D'esta sorte distinguia elle seu pae dos outros homens; mas avaliava-os todos pela sua innocente concepção, julgando-os todos bons e verdadeiros. Grande erro de educação! Lucia de Nesle nunca se deliberou a apresentar a seu filho as hediondas formas da mentira e da falsidade! E a verdade não usa insinuar-se como a lisonja capciosa; é necessario conhece-los distinctamente, para poder optar entre o mal e o bem.

Mr. de Nesle não queria fazer de seu filho um sabio, mas pretendia que elle soubesse perfeitamente a sua lingua, o latim, arithmetica, e que tivesse alguns conhecimentos da lei civil.

N'esses tempos de revoluções, de subitos engrandecimentos, e fortunas decaídas, não era difficil encontrar o talento posto de parte, deslembrado, e porventura votado á mendicidade! Mas a pureza de costumes, a virtude como a queria o conde, no instructor, e assiduo companheiro por alguns annos, de seu filho, não se achavam logo ao alcance das suas pesquisas. O acaso lhe deparou uma noute o encontro de mr. Pacion, sub-prefeito, demittido do seu emprego por um acto devido ao seu melindre. A intelligencia, e a elevação de sentimentos politicos e religiosos d'este homem de bem, excitaram a attenção do conde; na manhã seguinte elle procurou-o em sua casa, foi affavelmente recebido, e a sua proposição foi acceita.

Mr. de Pacion era um dos que compunham a comitiva que entrou com o conde no castello

d'Ardêche; mr. de Nesle tinha feito uma aquisição duplicamente vantajosa; no respeitavel mestre de seu filho tinha um amigo e um companheiro para os dias e os annos da sua solidão.

Os habitantes d'Ardêche conservavam o antigo costume de celebrarem com suas rusticas festas a chegada dos condes ao castello. Os homens soltavam aos ares alegres vivas, que os echos multiplicavam; e ouviram-se tiros de pistola até altas horas da noute; as camponezas acompanhavam respeitosamente seu nobre senhor até o limiar; e as donzellas traziam suspensos ao braço açafates cheios de bellas flores, que iam espalhando pelo caminho. Este tributo, singelo e edificante, de antiga lealdade, arrancava agora lagrimas e vozes de gratidão: Raoul de Nesle era respeitado e considerado, não só como senhor, mas tambem amado e estimado

como pae e protector dos seus vassallos e dependentes.

CAPITULO IV.

MORTE DO CONDE.

A differença dos ares, e a socegada vida do castello, alliviaram o conde dos seus padecimentos, e quiçá lhe prolongaram a debil existencia; porém esta melhora era passageira; a sua figura, extenuada pela febre lenta, apenas ostentava o antigo garbo; os seus bellissimos cabellos louros, os seus olhos vivos e expressivos, contrastavam fortemente com aquelle rosto macerado, aquella livida tez, desmaiadas as ultimas côres da vida!

Tal era o seu estado physico em 1793, passados já dous annos desde que residia no castello d'Ardêche. Foi no outomno que a molestia se pronunciou com symptomas assustadores, e a morte pousou sobre o leito do bom fidalgo, adejando as sinistras azas. Havia

um anno que elle tinha presagiado o funesto acontecimento, que estava agora pendente sobre aquella triste familia; occupou-se desde então inteiramente da sua ultima jornada. A oração e a meditação vigoravam-lhe o espirito, ao passo que as forças do corpo o abandonavam de dia para dia; e o contentamento interior derramava na sua physionomia uma alegria tão serena, que offerecia verdadeiramente o aspecto da santidade.

Ás vezes elle fallava da morte a sua esposa, como uma separação necessaria, uma ausencia momentanea; as suas esperanças apontavam-lhe uma aureola de gloria na eternidade.

Uma manhã, nos primeiros dias de abril, o conde tocou cedo a campainha; sua esposa, que o sentíra gemer de noute, não se tinha despido, e foi a primeira que acudiu ao seu chamamento.

«Minha boa amiga, lhe disse, estimei que

viesses; queria dizer-te adeus!

O conde fez uma leve contracção para tolher a effusão das lagrimas, em quanto sua esposa enxugava tristemente as suas.

«Lucia, não chores, continuou o doente; occupa-te antes da tua felicidade, cuja via enceto hoje.

«O Senhor Deus vem esta manhã á nossa casa. Condeça de Nesle: como receberieis a visita d'um monarcha da terra? – Certamente adornada com todas as vossas joias mais ricas: como deveis pois adornar-vos para hospedar o Rei dos reis?

«Esta visita de Deus derrama tanta doçura nos ultimos momentos, que agora te digo, o coração não poderia contel-a*; dotou-nos o Eterno com a alma para os gozos de uma felicidade infinita.

«Para que um apparato funebre, na hora em que a eterna e celeste mansão nos abre as portas?

– Não, minha esposa: a minha alma está contente, e a morte antolha-se-me como uma ditosa transição!

«Festeje-se este dia em minha casa como um grande natalicio... vae, Lucia, empenha-te em celebra-lo com luxo e esplendor.»

A condeça saíu, e Anselmo entrou no quarto de seu amo. O conde repetiu-lhe o mesmo que havia dito a sua esposa, porém, com mais minuciosidade: o aio reprimia a muito custo a sua afflicção.

O doente recebeu ás oito horas a visita do padre Gregorio, capellão do castello, que se demorou no quarto até ás dez: Raoul de Nesle não fallou mais, em quanto Anselmo andava executando as ultimas vontades de seu amo.

Ao meio dia em ponto, a porta de ferro massiço do castello abriu-se de par em par, e viu-se entrar primeiramente um respeitavel cortejo de

padres da provincia de todas as idades, e atraz caminhavam, dois a dois, em uma longa fileira, os homens e mulheres dos arredores, antigos subditos e dependentes dos senhores d'Ardêche: as donzellas trazendo, como no dia da chegada de seus amos áquella terra, pequenos cestos cheios de flores do campo.

As ricas salas do conde estavam abertas para receberem este grande concurso. Um momento depois saú da capella interior do castello o acompanhamento do clero, e o sacerdote revestido debaixo de um riquissimo pallio. Era um dia magnifico, e o sol entrando por todas as janellas abertas dos quartos, alegrava com os seus raios a casa, cujas paredes estavam graciosamente enfeitadas de festões de murtas e grinaldas de flores.

Os creados da casa seguiam o pallio, vestidos com os seus melhores trajos; á frente d'elles e

imediatamente atrás do santo sacerdote, caminhava o fiel Anselmo, a par do joven Frederico. Depois seguiam os camponezes a passo lento, e guardando o silencio mais profundo e solemne.

Em frente da porta do grande quarto, estava erigido um altar, sobre o qual o sacerdote foi depor respeitosamente a sagrada custodia. O leito do moribundo estava descoberto. Raoul estava sentado entre almofadas e coxins. Os seus olhos expressivos pareciam soltar-se do quadro mortal do livido rosto; os seus labios descorados confundiam-se, á primeira vista, com a pallidez do semblante: porém, quando se abriam a saudar a pobre gente que entrava, umas ligeiras pregas se desenhavam nos cantos d'esses labios, como projectando um melancolico sorriso.

Junto á cabeceira do leito estavam de joelhos sobre o tapete Lucia de Nesle, o joven Francisco,

e Anselmo.

Os mais bellos vasos da baixella dos Nesles adereçavam por todos os lados o altar, coberto de ricos paramentos, cujo brilho scintillava com as luzes dos candelabros. – Era meio dia: uma serena claridade alumiaava esta scena pathetica. As sombras da morte sumiam-se n'este deslumbrante quadro, que das prateadas alfaias do altar, e ricos diamantes da nobre castellã rematava no alegre e variado matiz das flores naturaes que pendiam dos braços das moças camponezas d'Ardêche.

Houve um pequeno momento de silencio; e depois o sacerdote começou a missa. Chegou a occasião de commungar: o conde recebeu com uma visivel satisfação o pão sagrado das mãos do ministro; o veneravel padre Gregorio administrou este mesmo sacramento á afflicta esposa do moribundo conde, a seu joven filho, e

ao honrado Anselmo. O sacerdote dirigiu-se depois para o altar a passo lento: n'esse momento de grave silencio e de unção a que estavam entregues todas aquellas almas, ouviu-se um leve murmurio para o lado do leito; no mesmo instante todos os olhos para ali se dirigiram, e todos viram, excepto o padre que continuava a missa, o ultimo olhar de adeus que o conde lançou sobre o caro grupo que lhe ficava á cabeceira, quando entregava o espirito a Deus.

Logo que o sacerdote lançou a benção sobre o auditorio, a um leve aceno de Anselmo toda aquella pobre gente foi saíndo, saudosa e compungida, do quarto: nem um leve gemido interrompeu a cerimonia funebre.

CAPITULO V.

FREDERICO.

Dous mezes antes da morte do conde, Frederico tinha igualmente perdido o seu mentor; e essa perda inesperada contribuiu a abreviar o fim de seu chorado pae. O aspecto do joven conde era tambem demasiado grave e melancolico para a sua idade. Este abatimento prematuro, e a profunda magoa da viuva, contristaram os parentes que tinham vindo de París e Montpellier, (cidade natal da condeça) a fazer-lhe a visita de pezames. Empenharam-se, pois, em arranca-la áquella solidão do tumulo.

Madame de Nesle condescendeu com osolicitos rogos de seus parentes, e resolveu-se a deixar o triste castello de Ardêche, partindo, não para París, aonde a sua dor fôra assaltada com frescas recordações, mas para Montpellier.

Montpellier recebeu o seu nome de duas virgens santas: *Mons puellarum*: d'ahi lhe veiu, segundo uma piedosa tradição, a belleza das mulheres.

Mr. Pacion deixára a educação do pupillo bastante adiantada. Frederico tinha uma idéa geral de tudo, mas não aprofundada; todavia, escrevia correctamente a sua lingua, e traduzia bem o latim. Tinha já decorrido um anno que a condeça de Nesle se achava em Montpellier, quando um de seus parentes, mr. De Valmont, decidido a viajar por algum tempo pela Itália e Grã-Bretanha, veiu fazer-lhe a agradavel proposta de levar comsigo o joven conde.

Nada podia ser tão vantajoso como as viagens para desenvolver o character indeciso e acanhado de Frederico; esta idéa tinha occorrido muitas vezes á condeça, porém deteve-a sempre o receio de ver inutilizado o seu trabalho de tantos annos,

expondo a innocencia e simpleza de seu filho aos perniciosos exemplos que a cada passo havia de encontrar. Ella recebeu, pois, como uma benção do ceu o offerecimento do seu bom parente, e não hesitou um momento em confiar á vigilancia do digno cavalheiro a mocidade de seu unico filho. Foi então que o joven conde deu as primeiras mostras da sensibilidade do seu character ardente e affectuoso.

As primeiras palavras da condeça causaram não pequeno sobresalto ao mancebo; pela primeira vez a obediencia filial lhe custava uma repugnancia profunda; a idéa de separar-se de sua mãe jámais lhe passára pelo pensamento; manifestando o seu desgosto, não sómente com tocantes lagrimas, mas tambem com palavras energicas e quasi irresistiveis.

– «Eu louvo a tua sensibilidade, lhe disse a condeça, ella é o grito da natureza, e o effeito do

amor que me consagras; mas não queira Deus que o egoismo me cegue, e que eu consinta em ver-te exposto por elle a excesso algum. Os homens, os tempos, e os mares, não podem nunca desunir dous corações que se amam. Vae, meu filho; viajando e aprendendo, poderás sempre amar tua mãe; as tuas cartas m'o dirão, e mais que tudo a tua submissão á minha vontade.»

Frederico calou-se, e não ousou mais oppor-se ás determinações de sua mãe; sua boa indole suffocava-lhe a vontade, e contrafaze-la não era para elle um sacrificio. A boa condeça o viu prestar-se finalmente de bom grado a todos os preparativos que requerem as vesperas de uma grande viagem.

O joven conde tinha completado os dezesseis annos quando partiu para a Grã-Bretanha, acompanhado do seu nobre parente. Madame de Nesle recommendou-o tambem á protecção de

seu irmão mais velho, o barão de Coislin. Este fidalgo, tendo sido casado em Londres com uma rica herdeira, ahi residia viuvo, senhor de uma fortuna consideravel. Frederico devia habitar com seu tio todo o tempo que se demorasse em Londres. Madame de Nesle entregou tambem seu filho ao cuidado de Alberto Beaupré, que o acompanhou para Dover.

CAPITULO VI.

ALBERTO BEAUPRÉ.

Não fallámos mais do pequeno Alberto Beaupré. E comtudo a sua infancia não foi tão obscura como devêra ser a do humilde neto de um pobre jardineiro!...

Nos primeiros annos Anselmo consentiu, mau grado seu, em que a creança fosse educada longe das suas vistas; porém o brio de Anna foi proficuo ao joven Alberto, que recebeu as lições das primeiras letras com um dos mais habeis professores de Fréjus. Alberto ia visitar seu pae de tempos a tempos, mas voltava sempre para casa de sua tia. Anna finalmente accommodou seu sobrinho em casa de um rico negociante. Alguns anos depois o joven Beaupré mudou de estado, casando-se com uma rapariga dos arrabaldes da cidade. Theresa era filha de uma

lavadeira, conhecida pelo nome de Joanna a Briosa. A boa mulher offereceu aos noivos a sua casa para assistirem juntos, em quanto seu genro ajuntava o dinheiro necessário para comprarom uma pequena herdade na provincia; A mãe Joanna, como a tratavam os visinhos, tinha muitos filhos; os dous mais velhos haviam feito toda a campanha da Italia.

Alberto, quando visitava sua futura sogra, começou de enthusiarmar-se* pela gloria militar com seus cunhados; a boa lavadeira era fanatica por Napoleão, e ao domingo, quando jantavam juntos a sua sopa saborosa, junta com mais alguns petiscos d'aquelle dia, a mãe Joanna levantava-se com o copo na mão, e brindava ao general Bonaparte. Foi na companhia de seus futuros cunhados que Alberto assistiu á grande festa dedicada ao heroe da França em dezembro de 1797.

Por esse tempo a toga consular e a purpura imperial não tinham ainda attenuado o genio emprehendedor do vencedor da Italia: Bonaparte era o objecto do enthusiasmo universal da França; o directorio exagerou mesmo a sua gratidão por meio de uma festa triumphal e pomposa, a qual teve por pretexto a entrega do tratado de Campo Formio. Celebrou-se no Luxembourg em presença de todos os representantes das nações estrangeiras.

No centro do grande largo estava erigido o altar da patria, decorado com as estatuas da liberdade, da igualdade e da paz. As bandeiras tomadas ao inimigo pendiam em fórma de docel sobre os cinco directores, os quaes estavam vestidos em costumes antigos, esplendidos. Bonaparte, então amado prestigiosamente como o grande defensor da republica, eclipsava todo este luxo fardado simplesmente com o uniforme de Lodi e d'Arcole.

A presença do heroe, e o seu bello discurso, em que elle imprimíra o sêllo do republicanismo mais ardente, fascinaram vivamente o mancebo; Alberto tinha apenas vinte annos. Elle uniu a sua voz ao brado da grande nação, invocando a gloria e a santa liberdade; mas, interiormente, estava vexado de ser um homem, de se sentir com animo e coragem, e de ver-se ali como simples espectador das brilhantes façanhas de seus compatriotas!

Em 1798, um anno depois desta epocha memoravel, o jovem Beaupré achava-se casado em companhia de sua sogra.

Foi então, que as desintelligencias que existiam entre o directorio e Bonaparte determinaram o governo a dispor secretamente todos os preparativos da expedição do Egypto. Espalha-se subitamente por toda a França a noticia de que trinta mil soldados, e dez mil

marinheiros, se reúnem nos portos do Mediterraneo, e que um grande armamento se está aprestando em Toulon. Alberto sente agora despertarse em sua alma um impulso irresistivel; não diz nada a sua esposa, e parte para Montpellier. É a seu pae que elle vae abrir o seu coração; a sua vontade depende do consento paternal: implora com lagrimas, intercede com gestos, com meigas palavras, de joelhos, aos pés de seu pae, que abençoe aquelle seu irresistivel desejo de atravessar os mares em busca de um futuro glorio so*, que a sua mocidade e a sua vocação lhe promettem!

O que havia de Anselmo fazer? Se a Providencia de certo ateara no coração do mancebo aquella fortissima vocação! O pobre homem, pois, com o rosto banhado em copiosas lagrimas, limitou-se a lançar a benção sobre a cabeça de seu unico filho.

De volta a Fréjus, Alberto descobriu o segredo a sua sogra, encarregando-a de o transmitir á sua Theresa, aquem não tinha valor de o revelar. Á excellente mulher custou a imprimir na sua alma de sua filha os seus sentimentos varonís. A virtude e a paz só poderiam tomar assento na alma serena de Theresa; ella era naturalmente dotada de um grande fundo de bondade e rasão. Estas qualidades, quando se reúnem, procuram sempre o bem, e um dos mais preciosos é a resignação. Theresa chorou e resignou-se.

No primeiro de maio de 1798 Alberto foi alistar-se em Toulon nas tropas que ali estavam á espera de Napoleão. No dia 19 do mesmo mez a expedição fez-se de véla para o Oriente.

CAPITULO VII.

AMELIA E ALICIA.

Dois mezes depois da partida de seu filho, a condeça de Nesle saíu de Montpellier a visitar uma amiga da sua infancia, a qual, tendo a sua principal residencia em Avignão, achava-se então em um bello campo nas margens do Durance.

A marquezia de Fermont-Comnène era dotada de um character semelhante ao de Lucia de Nesle; ellas tinham vivido quasi sempre juntas na primavera da vida, pois que os paes da marquezia eram tambem naturaes de Montpellier.

Estas respeitaveis damas, ambas viúvas, não se tinham visto mais desde a sua separaçõa, por occasião do casamento da condeça: ellas tinham já bebido ambas até ás fezes o calix da amargura!

A marquezia apresentou á sua amiga as suas

duas interessantes filhas Amelia e Alicia. Amelia que era a mais velha, tinha dezeseite annos. Seus olhos e cabellos negros faziam um bello contraste com a sua fina e branca tez, levemente rosada. Ella tinha tanto donaire no seu porte e gesto, que a educação brilhava á primeira vista, a par da sua belleza. A formosa creança que acompanhava esta donzella apenas tinha treze annos; sua figura inda infantil compunha-se de um raro mixto de côres, de graças e de doçura: tinha o poder de fascinar na sua innocencia; não se podia decidir d'onde vinha o encanto, porque todas as suas feições eram bellas; a contemplação permanecia vacillante n'esse mysterio de formosura, confundido na graça, na ingenuidade, na languidez da confusão, e na mais perfeita serenidade.

Seus olhos tinham uma côr indecisa entre o verde e o azul; esses bellos olhos vagueavam

incertos como o seu pensamento; longas e sedadas pestanas negras os escondiam inteiramente ás vezes, quando, na sua candida modestia, ella se suppunha objecto de admiração, o que esparzia novo colorido sobre o seu rosto. A bôca era breve, expressiva, e animada sempre do meigo sorriso que lhe era natural.

Alicia não tinha recebido a sua educação nas salas de seus paes, como sua irmã mais velha: o desgosto que causára á marqueza o triste acontecimento da sua viuvez a decidiram a confiar inteiramente a infancia da sua joven filha ao cuidado de uma veneranda religiosa, soror Angelica Romana; mulher de grande instrucção e virtudes. A menina vinha passar sempre um mez de férias com sua mãe no campo.

Alicia era o enlevo de sua irmã, que se aprazia em enfeitar de flores aquella figura de anjo; e quando ella a trouxe orgulhosa pela mão á

hospeda de sua mãe, esta julgou ver diante de si uma aparição celeste!

«Quem derramou tão lindas flores sobre o vosso cabelo? Quem sois menina?» exclamou madame de Nesle, extremamente surprehendida: – «Sois vós d'esta terra, e, porventura, amiga ou afilhada de madame de Fermont-Connène?» continuou a dama sentindo-se como attrahida pela interessante menina. – «Eu sou Alicia», respondeu graciosamente a menina, redobrandolhe a vermelhidão no semblante. – «Vós sois a filha mais moça da minha ara Adelaide? Disse a condeça; sê-lo-heis tambem minha, e desde hoje vos consagrarei a mais particular affeição!

As férias de Alicia duravam sempre um mez; os seus estudos não lhe permittiam demorar-se mais. As despedidas eram sempre lacrimosas; madame de Nesle, apertando-a contra o seu coração, em uma ardente supplica invocava a

Deus, que sabia dos seus desejos e projectos sobre o futuro d'esta menina.

As duas irmãs não tinham de viver juntas muito tempo; a mão de Amelia estava promettida a um joven lord catholico, de uma antiga familia, muito relacionada com a do defunto marquez de Fermont-Comnène.

O casamento estava fixado para o mez de setembro do seguinte anno, e só por esse tempo é que soror Angelica dava por acabada a educação da sua pupila.

Madame de Nesle demorou-se até outubro em casa da sua amiga; estas duas senhoras não se separaram sem promessa solemne, da parte da condeça, de que viria a honrar com a sua presença o noivado da bella Amelia. – «É preciso que tu faças apromptar mais um quarto para o meu filho, que ha de vir por esse tempo.» Madame de Nesle dizia estas palavras com um ar

de intelligencia que parecia ser perfeitamente compreendido.

CAPITULO VIII.

LORD CLARE.

Frederico escrevia extensamente á condeça; em Londres demorou-se dous mezes em casa de seu tio, o qual hospedou tambem mr. de Valmont. Tendo viajado mais trez mezes pela Inglaterra, passou á Italia.

As cartas datadas de Roma, em junho do seguinte anno, tinham já de certo cunho de elegancia; as suas despezas começavam a declinar; Frederico estava encantado da bella pittoresca patria do Tasso.

Fallava com entusiasmo dos deliciosos saraus, das maneiras attrahentes, e encantos fascinantes das romanas da alta sociedade.

Um triste presentimento perturbava ás vezes o prazer com que a illustre dama percorria estes escriptos: a mocidade e a inexperiencia de seu

filho achar-se-iam porventura n'aquelle momento ladeados pela immoralidade, ou, peor ainda, pela capciosa astucia?! Iria ao seu encontro o amor?... Amaria Frederico com ingenuidade, com fé, com ardor? A soledade d'esse coração, que jámais servira de guarida ao vicio, seria um digno templo para a affeição? Ah! não quizesse Deus, que a falsa imagem da innocencia, fosse occupar esse puro sanctuario... isso fôra a desgraça completa da sua vida: Frederico não poderia seriamente amar mais de uma vez.

Por uma especie de capricho, madame de Nesle nunca tinha mencionado nas suas cartas o nome de Alicia; ella queria fazer um surpresa maior a seu filho, para o bom exito dos seus desejos. Queria vê-lo em França infallivamente no proximo setembro, para assistirem ambos ao noivado da bella Amelia de Fermont-Connène.

O joven conde annunciou a sua volta até fins de agosto; porém, a anciosa mãe esperou dias e dias debalde; o mez de setembro ía em meado, e nada de notícias de seu filho! finalmente resolveu ir espera-lo em casa da sua amiga.

O dia do noivado tinha-se fixado para 2 de setembro; Alicia saía do convento tres ou quatro dias antes. A marquezia apresentou á sua amiga o futuro esposo de sua filha.

Sir Oliver Clare era um cavalheiro alto e garboso; ainda que, examinado mais attentamente, tinha nas maneiras um certo francezismo, fóra do seu natural, e que transtornava perceptivamente a harmonia daquelle verdadeiro typo do lord. A sua amabilidade parecia exagerada, e como um atavio de apurada gentileza. Comtudo, não era isto um defeito, mórmente na idade do joven lord, e com as pretensões que tinha de agradar a

uma bella menina da França.

Madame de Gouvion-Saint-Cyr, irmã de Adelaide de Connène, veiu de Montpellier; com seu marido e filho, assistir á alegre festividade do casamento de Amelia.

Uma noite que o lord jogava com as duas damas e mr. de Gouvion pae, o joven Alfredo entrou na sala com a interessante Alicia, que vinha de deixar para sempre o santo asylo da sua infancia. A menina apresentou-se com o grosseiro vestuario de lã parda das pensionistas, preso na cintura por um largo cinto de coiro; ella tinha tirado o chapéu pelo caminho para evitar o calor; os cabellos côr de azeviche, puchados para traz, caíam-lhe naturalmente em longos aneis pelas costas, deixando inteiramente livre a sua testa esbelta, e seus bellos olhos, cercados por uma pequena orla vermelha, desenhando com evidencia o rasto ainda recente do pranto. A

pobre Alicia tinha chorado muito á sua despedida do convento!

Suas lagrimas renovaram-se quando ao aproximar-se á mesa ella abraçou a marquezia sua mãe; mas este era agora um pranto indefinivel, um pranto misturado de risos... e ao mesmo tempo lançava olhares de ingenua curiosidade para o joven lord, que não conhecêra ainda, mas que sabia pela informação de seu primo Alfredo, ser o seu futuro cunhado.

Lord Clare não exagerou d'esta vez a sua admiração, porque a sentia; porque, quando ella é verdadeira, escaceiam-nos as expressões. Amelia e Alfredo foram ambos mostrar á joven Alicia o quarto que lhe era destinado. Este aposento estava elegantemente adornado com a mobilia que compõe o *toilette* de uma donzella nobre. Tudo lhe agradou, porque tudo era novo e bello; mas o seu bom coração, sentido de uma

doce saudade, a incitou a mostrar a estes bons amigos, os parentes, as galantes bagatellas, com que fôra brindada á sua saída pelas santas monjas. Assim, uma por uma, foi ella expondo aquellas reliquias da amisade, e sobre cada uma fazia a explicação do nome e occupação da religiosa de quem a recebêra: uma lhe arrancava um leve suspiro, sobre est'outra derramava uma lagrima...

Eram rozarios de contas; algumas imagens das santas; enfim, tudo piedosas dadas, devotamente estimadas pela docil educanda, cujos principios religiosos haviam sido a base fundamental da sua educação.

CAPITULO IX.

O BAILE.

N'uma tarde tempestuosa do mez de outubro, a casa terrea de Joanna, a Briososa, estava cheia de gente; a casa compunha-se de um quarto grande, mais duas alcovas, e a cozinha, que era tão grande como a sala.

Havia á entrada um vasto terreiro lageado, onde a familia trabalhava á sombra, em quanto as roupas enxugavam em um bello prado arrelvado da propriedade; porém, como tinha choviscado, os amigos, compadres, parentes e visinhos da mãe Joanna, haviam sido recebidos igualmente na sala e na cosinha.

Napoleão tinha desembarcado n'aquelle dia em Fréjus, e o general Lannes trouxera comsigo Alberto, e um de seus cunhados. Os amigos de Joanna vinham congratula-la d'esta vinda

inesperada, e ao mesmo tempo consola-la da morte do outro seu filho, victima da peste, no deserto. Ora, Joanna, como já dissémos, era grande entusiasta do heroismo guerreiro; e poderia figurar a par das mais celebradas amazonas dos antigos tempos.

Este fim glorioso, ou esta morte honrosa, do filho que ella trouxera no seu ventre, em vez de abater-lhe o animo, estampára-lhe no semblante um certo ar de orgulho maternal; e querendo ostentar uma firmeza e gravidade, aliás quasi impossiveis após um tão grande desgosto, via-se obrigada a todo o momento a enxugar com a ponta do avental as lagrimas que, atraçoando a sua coragem, se lhe deslisavam pelas faces.

Ás quatro horas uma carruagem parou á porta da lavadeira; d'ella saíram um joven e gentil cavalheiro, e outro sujeito mais idoso. O mancebo perguntou a um dos que se achavam á

entrada, se era verdade que Alberto Beaupré, genro de Joanna, a Briosa, tinha vindo n'aquelle dia com Napoleão?? – Obtida resposta affirmativa, elle entrou com o seu companheiro.

– «Alberto, é teu pae!» – exclamou Theresa, e n'um momento se acharam nos braços um do outro.

Seguiu-se uma interessante conversação, interrompida apenas pelas emphaticas expressões da mãe Joanna, mais ufana agora por ter em sua casa um nobre descendente d'esses antigos Nesles, decantados nas bellas legendas que ella sabia de cór. Algum tempo depois, Anselmo voltou-se para seu amo, dizendo-lhe: – «Senhor Frederico, eu estou ás vossas ordens: Montpellier ainda nos fica bem longe.

A estas palavras, Theresa Beaupré levantou-se, e fazendo uma respeitosa reverencia, dirigiu-se a Frederico, dizendo: «Eu vos peço perdão,

senhor conde, mas se é vossa mãe que ides procurar a Montpellier, ella não está lá.» – «E onde está ella?» perguntou o mancebo. – «Em Avignão, continuou Theresa. Tive a honra de visitar a senhora condeça; e ella disse-me que ía passar uns dias n'aquella cidade; a filha da marquezia de Fermon-Connène devia casar-se no dia 2; porém vossa mãe havia prometido demorar-se até ámanhã, dia do grande baile.

O tempo tinha melhorado um pouco, e em quanto elles fallavam, ouvia-se a vozeria da povoação de Frejus, soltandos estrondosos vivas ao conquistador do Egypto e ao libertador da França.

Frederico veiu-lhe repentinamente á ideia fazer uma surpresa a sua mãe. Resolveu-se acompanhar Napoleão até Avignão. Partiu pois ás seis horas da tarde, juntando-se á comitiva que acompanhava Bonaparte. Tendo passado o dia

seguinte em Aix, foi a 10 de outubro que chegara, a Avignão, ás duas horas da tarde.

– «Não sabes o pensamento que tenho, disse Frederico ao seu aio, quando chegou áquella cidade: – «nós vamos jantar a uma hospedaria, e eu apresentar-me-hei a minha mãe á hora do baile com Bonaparte, que sem duvida há de ser convidado!

De feito, Napoleão não perdia occasião de apparecer em publico, e a marquezia de Comnène, que era uma das notabilidades de Avignão, aproveitou a oportunidade de examinar de perto o grande heroe da epocha, que havia sido recebido na cidade com festas extraordinarias.

As dez horas da noute Bonaparte honrou com a sua presença o baile, acompanhado do general Berthier: Frederico seguia-lhe os passos.

As danças inglezas estavam então muito em

moda, e lord Clare abria uma das alas com Alicia. Frederico, que se tinha encontrado com o lord em Londres, não duvidou que a noiva fosse o seu par, e na sua passagem teve a curiosidade de observa-la. N'esse momento elle ouviu o seu nome, e a voz de sua mãe que ali estava sentada.

Madame de Nesle tinha escolhido aquelle logar, que era na cabeceira da contradança, para rever-se na encantadora Alicia, que estava vestida igualmente como a noiva, á excepção dos diamantes, que eram substituidos com flores artificiaes. Os cabellos tinha-os riçados e empoados, e um vestido de rico estofado dava á sua belleza um cunho singular e deslumbrante.

– «Tu enganaste-me bem, disse a boa mãe; as bellezas da Italia, Frederico, faziam-te quasi esquecer das velhas amigas da França!» Frederico sorriu-se, e contou-lhe como, tendo sobrevindo uma grave febre a mr. de Valmont, o

não pudera deixar senão quasi restabelecido. Que por motivo d'aquella grande molestia, tendo M. de Coislin decidido demorar-se em Italia mais uns mezes, elle havia deixado Roma e todos os seus attractivos, para regressar á casa de sua mãe, de quem se não podia mais separar.

Estas palavras restituiram o socego á condeça; ella perguntou depois naturalmente a seu filho, que tal achava a noiva.

– «É formosissima, minha mãe!» respondeu elle, contemplando Alicia!

N'esse momento deu fim a contradança, e foram todos saindo d'ali, com a noticia da chegada de Napoleão. Frederico ficou quasi só, na sala, com sua mãe.

Lord Clare, que tinha conhecido o joven conde, foi logo depois da dança procurar sua esposa, e veiu apresentar-lh'a, e comprimenta-lo. O mancebo conheceu que se tinha enganado com

o par de contradança do lord, mas não se deu por entendido, e Amelia correu a anunciar a chegada inesperada do conde a sua mãe.

– «Quem era pois aquella menina com quem dançava lord Clare?» – perguntou Frederico á condeça: – «A outra? lhe tornou ella vivamente: é a joven Alicia; é a minha querida filha...» Estavam assim praticando quando madame Fermont-Connène entrou na sala com suas duas filhas.

Frederico beijou respeitosamente a mão da marqueza, e esta, dirigindo-se a sua filha mais moça, disse-lhe, apresentando-lhe o mancebo: – «Alicia, eis-aqui o conde de Nesle: é um inimigo que te vem remover do logar que occupavas no coração da tua boa amiga, madame de Nesle.» Frederico, um pouco perturbado, balbuciou um cumprimento, e pediu ao mesmo tempo a mademoiselle de Connène a honra de dançar com elle a seguinte contradança.

CAPITULO X.

O SEGREDO.

Deus escutou os votos da boa Lucia de Nesle; no fim dos oito dias que ainda se demorou com seu filho em Avignão, mademoiselle de Connène tinha ganhado decididamente a affeição do mancebo.

As viagens haviam modificado os antigos habitos do joven conde. Suas maneiras tinham agora aquella gentileza e desembaraço que se adquire no grande mundo; mas de lá trouxera elle uma grande repugnancia ao estudo, e a toda a applicação, de que ainda tinha grande mister. Elle tinha visto de corrida e superficialmente os homens, e os seus differentes usos; não tinha, porém, aprofundado o seu character voluvel, eivado de tantos egoismos e falsidades! Desgraçadamente, na sua primeira educação, sua

mãe sempre curava de lhe esconder o reverso da medalha, e Frederico costumou-se a regular pelas apparencias!

Este innocente erro da sua primeira instructora poderia ser-lhe ainda mais fatal na primavera da vida. Fascinado pelo brilhantismo das idéas em voga, elle teria sido levado pelo turbilhão de abuso em abuso, de erro em erro, e do precipicio ao abysmo, se a meiga e innocente creatura, que tão fortemente o captivou na passagem, não lhe tivesse vindo ao encontro, como uma barreira, entre a sua mocidade e o contagio dos maus exemplos!

Alicia appareceu-lhe como um magico encanto; sua imagem breve veiu a ser o seu unico pensamento; as angelicas feições da donzella respiravam divinal bondade; a serenidade da sua alma communicava-se á dos outros; e o amor que ella inspirava era um amor casto e puro.

A mãe e o filho continuaram de guardar o mysterio um ao outro, sobre o objecto principal do pensamento de ambos. Apesar do seu genio reservado, esse era o primeiro segredo que Frederico occultára a sua mãe.

Pela sua parte, a condeça usava n'este caso de uma escrupulosa delicadeza. Todavia, habituada a espreitar as minimas inclinações do filho, mui bem sabia o que se passava no seu interior, sem o auxilio das palavras.

O joven conde havia enunciado a madame de Nesle, em todas as suas cartas, o seu desejo de ir occupar a nobre residencia de seu pae em París; e tinham decidido, durante aquella coorespondencia, passar o futuro verão no castello d'Ardêche, e de lá seguir para a capital.

Depois dos oito dias passados em Avignão, Frederico não tornára a ver mademoiselle de Commène mais do que uma só vez, e

rapidamente, na sua passagem por aquella cidade, sob o pretexto de uma jornada, a qual não tivera tido outro fim.

Corria o mez de abril de 1800. Uma manhã, que o conde folheava um volumoso livro, madame de Nesle disse pausadamente a seu filho, que achava bom que elle fosse até Ardêche, para presidir a certas obras que tencionava mandar fazer nos aposentos do castello. – «Eu devo dous verões de amavel hospitalidade á minha cara Adelaide, e como vou para París, e provavelmente não nos encontraremos mais n'este mundo (disse maliciosamente a condeça), lembrou-me que na tua viagem podias passar um dia em Avignão, para convidar da minha parte madame de Fermont-Comnène, a minha querida Alicia a acompanhar-nos ao castello, aonde faremos juntos umas longas despedidas.» – «Minha boa

mãe, disse o mancebo, alegre e ao mesmo tempo desgostoso do astucioso rodeio da condeça: – eu era bem novo quando saí de lá: porém vós me assustaes com a idéa de París. Essa grande capital parecer-me-ha um cemiterio, se formos viver ali longe dos entes que mais amâmos. – Se me dizeis que indo para París, não tornarei mais a vêr...» – «quem? – tornou a condeça, apertando ternamente a mão do filho: – «amas tu alguém na provincia? – eia, diz-me, Frederico; tu não deves ter segredos para tua mãe!» – «Minha excelente mãe, exclamou o mancebo, ajoelhando aos pés da condeça: – «ella mereceu-vos uma particular affeição, e é por isso que a amo dobradamente... vós adivinhastes; vosso filho devia amar infallivelmente Alicia!

Frederico partiu, com effeito, e voltou por Avignão. No meado de maio a pequena comitiva do conde de Nesle foi pernoitar n'aquella cidade,

e d'ahi saíu no dia immediato, augmentada com a amavel familia de Fermont-Comnène.

A viagem foi feita vagarosamente para se poder mostrar o paiz a mademoiselle Alicia. Chegaram ao castello n'uma bella manhã ás nove horas. Raoul de Nesle havia sido enterrado na antiga capella, que ficava um pouco desviada da casa. Madame de Nesle tinha mandado ali plantar alguns ciprestes, e dispor um pequeno jardim. A viuva encaminhou-se na direcção do ultimo jazigo de seu esposo, enquanto o novo conde de Nesle conduzia a casa as suas hospedas, seguido da alegre turba de seus numerosos caseiros.

CAPITULO XI.

A DECLARAÇÃO.

Frederico estudava todos os meios de agradar á joven Alicia, sem lhe fallar de amor. Dous caminhos conduziam ao coração da educanda das Ursulinas: o amor de Deus e a caridade com o proximo.

O conde tinha aprendido a amar a Deus com sua mãe, e os piedosos exemplos de Alicia fizeram-no voltar aos santos exercicios da sua infancia.

Mademoiselle de Connène tratava com meiga lhanez os seus inferiores, e até folgava de conversar com Margarida, mãe do guarda-portão do castello.

Posto que já um pouco idosa, Margarida trazia sempre para assumpto da conversação os tempos da sua mocidade; e como ella se complicava com

as de seus defuntos patrões, a menina ouvia a todo o instante as mil bençãos de que a pobre mulher acompanhava sempre o nome venerando do pae de Frederico. Alicia começou de affeição-se ao filho, por causa do pae; além d'isso ella tinha observado que o coração de Frederico era excellente.

Ao cabo de dois mezes de convivencia, o conde de Nesle entrava no precioso catalogo das amidades de Alicia, a par de sua mãe e irmã, de madame de Nesle, e das religiosas de...

Porém a convivencia não durou só dois mezes, prolongou-se até cinco, e era chegado o fim de outubro, prazo fixado para uma longa, e talvez eterna separação. Uma manhã, Frederico entrou triste e pensativo no gabinete da condeça. — «Minha mãe, disse elle, Alicia está só no jardim; ide lá agora mesmo, e fazei-lhe comprehender com as vossas palavras os meus verdadeiros

sentimentos: bem vêdes que a nossa separação está proxima...» Sim, filho, redarguiu a condeça; e receias que outro mais feliz te tome a dianteira. Eu vou ao que me pedes, mas vem tu comigo: o negocio é delicado, e a tua presença será necessaria...

O mancebo calou-se, e seguiu sua mãe.

Alicia mal avistou madame de Nesle, veio-lhe ao encontro. – «Minha filha, lhe disse a condeça, vêde como o Frederico apresenta hoje um ar demudado e triste! – Teve um mau sonho esta noute... sonhou comvosco»: – a condeça fez uma pequena pausa, e depois proseguiu: – «Frederico sonhou que tendo vindo visitar-vos á vossa casa de Avignão, para mitigar saudades da sua joven companheira d'Ardêche, vos achára casada com um estrangeiro, que vós amaveis certamente mais do que ao meu pobre filho!

A condeça usou d'aquelle stratagem para

servir de preliminar ao melindroso assumpto que tinha de tratar.

Mademoiselle de Comnène dirigiu immediatamente os formosos e expressivos olhos para Frederico, e ficou confusa com aquella tristeza e seriedade. Ella não acertava bem com o que devesse responder; mas tendo pensado um momento, disse o que naturalmente sentia.

– «Repugna-me, e repugnará sempre a idéa de ir para longe como Amelia, e dizer um longo adeus a uma mãe, e aos amigos do coração; mas esse susto não me contrista, minha boa mãe não tem agora mais do que esta filha...» – Frederico a interrompeu, dizendo: – «Vejo que não sou d'esses felizes amigos do vosso coração, mademoiselle de Comnène; vós fallaes de separação, mas não do nosso proximo adeus... – eu não sou dos vossos escolhidos...»

– «Não sejaes ingrato, respondeu a menina

com os olhos arrazados de lagrimas; – se tivesses uma irmã, mr. de Nesle, ella não vos amaria mais do que eu!

– «Alicia, eu não sou vosso irmão, mas posso ser vosso parente inda mais proximo; dissei-me: terieis grande repugnancia em chamar-me vosso esposo, e repartir o nosso futuro entre a vossa e a minha boa mãe?»

– «Nenhuma, lhe respondeu francamente a donzella: a minha futura felicidade parecêr-me mais segura comvosco do que com qualquer outro homem. Mas isto, aqui para nós, continuou ella graciosamente, não passa de um brinquedo: minha mãe não quererá tão cedo annullar os seus direitos sobre a sua Alicia...»

– «Mademoiselle de Connène, redarguiu o mancebo, vós já me dissestes a verdade, e não deveis retractar-vos. Vamos procurar vossa mãe; é

necessario que este negocio fique decidido hoje mesmo.»

A respeitável marquezia de Fermont-Comnène gostava de ver bem estabelecidas as suas duas filhas; mas esta segunda alliança fôra por ella desejada ardentemente, antes mesmo de ella occorrer aos dois.

CAPITULO XII.

O NOIVADO.

Tres dias antes da separação das duas familias, fez-se o contrato de casamento. Em junho do anno seguinte Alicia e sua mãe deviam achar-se no castello d'Ardêche, e n'esse mesmo mez mademoiselle de Comnène seria condeça de Nesle.

A marquezia, não podendo resolver-se a deixar a sua socegada vida d'Avignão, onde tinha a seu cargo uma numerosa familia de viúvas e orphãos desvalidos, devia passar com sua filha os verões no castello d'Ardêche. O conde passou o inverno quasi sempre em viagens de París para Avignão, e logo que veiu a primavera, a mãe e o filho deixaram a capital, porque tinham preparos e arranjos a fazer no castello para a recepção dos hospedes.

O casamento fixou-se a final para o dia seguinte ao da chegada da marquezia. O conde, para fazer uma agradável surpresa á sua noiva, tinha mandado arranjar um largo terrado debaixo das janellas, onde estava preparada uma rica illuminação; n'ella se representava o nome de Alicia, em grandes caracteres. Este largo era destinado a um grande banquete para os pobres lavradores; e as compridas mesas já ali se achavam dispostas.

Os habitantes d'Ardêche celebraram alegremente a manhã d'aquelle dia com rusticas musicas, cantigas, e seus costumados tiros de pistola.

Mr. de Gouvion-Saint-Cyr e sua familia, e mr. de Valmont foram os convidados. Ás quatro horas da tarde Alicia desceu ao terrado com seu joven esposo, para fazerem as honras e ajudarem no serviço do grande jantar. A caridade animava

as graciosas feições da nova condeça; os diamantes que lhe emmolduravam o mimoso rosto não podiam augmentar a dua formosura, mas harmonisavam com ella; o seu vestido de uma fina gaze branca, listrada de prata; acabava de illudir a imaginação, que a mirava como uma deslumbrante apparição; mas os simples camponios, que não sabem d'essas idéas poeticas, julgavam ver n'ella a imagem dos anjos, que elles suppunham deviam ser tambem bellos e vestidos com aquelles esplendidos trajos! – «Dou graças ao Senhor, dizia a boa Margarida, contemplando Alicia, de ter vivido até agora para ver cá na terra tanta belleza e gloria!»

A festa terminou á noite com uma esplendida illuminação no terrado.

Tres mezes mais tarde, quando Frederico, passeando com sua joven esposa, lhe dizia que o mundo podia ainda offerecer-lhes a felicidade

completa, mal pensava elle que as suas alegrias íam ser cortadas pela mais profunda e inconsolavel dor!

A morte de Raoul de Nesle tinha deixado doloroso vestigio no sensível coração de sua esposa; a saudade que elle não podia mitigar, consumia-a de dia para dia, e cada vez as suas forças se debilitavam mais. Lucia não presentiu o seu proximo fim, como o defunto conde: – a parca foi subitamente cortando-lhe um após outro os fios da vida; – e a condeça falleceu quasi repentinamente no mez de Agosto, no centro de uma felicidade invejada, e quando as avesinhas, as arvores, e os campos pareciam ainda festejar o consorcio de seu filho!...

Frederico era por natureza extremoso; e extremoso era o seu amor filial: a sua dor foi grande, immensa; e houvera talvez sido inconsolavel, se Alicia não existisse. A marquez

de Fermont-Connène foi porventura uma das grandes consolações do joven conde, que n'ella depositou, se não todo o amor, todo o affecto que tributára a sua chorada mãe.

O conde e sua esposa demoraram-se no Languedoc, apenas o tempo do nojo; Alicia acompanhou para Avignão madame de Fermont-Connène, e tendo-se demorado com ella ainda um mez, partiu para París com seu marido.

CAPITULO XIII.

A CAMPONEZA.

Era uma bella e alegre manhã de maio. Nos arrabaldes da cidade de Livron, pela estrada que segue parallelá á margem do Drome, caminhava uma mulher.

Seus passos ás vezes apressados, como quem forceja por ganhar caminho, augmentavam-lhe a fadiga que lhe tingia o rosto de vivas côres; a pobre mulher, de mais a mais, trazia nos braços uma creança de quatro ou cinco annos, que, com a cabecinha reclinada sobre o seu hombro esquerdo, ahi adormecêra.

De vez em quando parava, não para dar descanso ao corpo, mas ao espirito, como quem precisa reflectir; e então, voltando-se para traz, percorria rapidamente com a vista todo o espaço; e não vendo aquillo que esperava ou receiava,

proseguia novamente no seu caminhar.

Assim atravessou campos cultivados, e cobertos de vigorosa vegetação; imensas searas que, balouçadas pelo vento, imitavam a oscillação das ondas no oceano, e onde as borboletas de mil côres achavam breve pousada; grandes espaços de terreno, que jámais fôra rasgado pelo ferro, mas que a natureza vestíra de verdura, humedecidos em parte pelas copiosas fontes, cujo suave murmurio era o unico som que interrompia o severo silencio d'essas deliciosas solidões.

A nossa viajante, depois de ter andado assim pelo espaço de tres horas, entranhou-se por uma espessa mata, e ahi depondo sobre a relva a sua innocente companheira de viagem, tirou de um pequeno sacco de esteira de palha um pão branco e algumas broas, provisão que trouxera para a viagem. Então sentou-se ao pé da creança para

ambas almoçarem. A mulher parecia ter seus trinta annos, ou pouco menos. Seus trajos eram de camponeza; mas a finura da pelle, e a pouca firmeza com que trilhava os caminhos, tropeçando muitas vezes nos silvedos e nas raizes enlaçadas que avultavam pelos campos, indicavam não ter ella sido creada no campo.

Seus olhos grandes, azues, e cercados de negras pestanas, revelavam certa intelligencia, pouco commum entre a gente ordinaria; não a distinguiam menos o seu aspecto sereno e resignado, os seus gestos meigos e delicados.

Trajava um vestido de lã escura; um alvissimo lenço, cujas pontas cruzadas sobre o peito íam atar-se ás costas, deixavam ver a sua garganta esbelta. Calçava botas á moda do campo, e uma toalhinha branca lhe resguardava a cabeça do sol.

– «Vamos, minha filha, disse a nossa viajante; tu deves ter fome: come d'estas broasinhas;

merquei-as para ti.» – «O minha mamã, disse a creança, não tem café lá em baixo quentinho? – e diga-me, continuou ella, com a innocente loquacidade da infancia; se eu nunca for desobediente e má, compra-me tão bellos vasilhos de porcelana, como os que me dava a outra mãesinha?» – As ultimas palavras da creança causaram um involuntario estremecimento á sua companheira; mas tendo elevado um momento os olhos ao ceu, voltou-os risonha para a galante menina, e beijando-a uma e outra vez, lhe disse: – «Minha Maria, terei sempre sopinhas quentes de leite para o teu almoço: darte-hei muitas cousas bonitas quando o mereceres, e serei sempre muito tua amiguinha, assim como teu pae e irmãos: – não te lembras o que eu te disse? – minha filha, tu tens uma irmã...» «Sim, respondeu a creança; a mamã disse-me que eu tinha uma irmã, Luiza, e que era

da minha idade: mas onde está o meu papá?

– «Longe, muito longe, disse a mulher; com os olhos arrazados de lagrimas. Depois, acabada a singela refeição, a camponeza ergueu-se e ajoelhou de mãos postas. A creança imitou-a imediatamente n'aquella reverente postura; e os passarinhos, que sobre as arvores gorgeavam harmonias, pareciam partilhar n'esta acção de graças da creatura, soltando pelos ares seus hymnos ao Universal Creador!

Acabada que foi a oração, a camponeza tomou novamente nos braços a menina, e seguindo a mesma vereda por onde tinha entrado, saíu em pouco tempo da sombria floresta.

Teria andado obra de meia hora, quando chegou a uma estrada assás frequentada. Passavam jumentos carregados com gigas das lavadeiras que levavam as roupas á cidade; algumas caleças conduziam gente, outras íam

carregadas só de matimentos: vinham também algumas vazias. A camponeza aproximou-se ao conductor de uma destas últimas, e propôs-lhe conduzi-la até S. Lourenço, pagando-lhe o seu transporte. O homem conveiu, e as nossas viajantes proseguiram mais commodamente na sua derrota.

CAPITULO XIV.

A CARTA.

É noute. Entremos agora em uma pequena habitação campestre; são onze horas, um profundo silencio reina n'esta casa, e nos seus arredores; mas n'um dos aposentos ha luz.

Um candieiro de cobre luzidio allumia o quarto; este candieiro está sobre uma mesa, em a qual avultam alguns utensilios de quem escreve: algumas folhas de papel ordinario, um pequeno tinteiro de louça, e algumas pennas ahi estão espalhadas: quem escreve é uma mulher.

Está já assignado uma longa carta, cuja escriptura certamente lhe ha custado algumas vigílias; o nome que firmou foi – Thereza Beaupré. – Eis o que ella havia escripto:

2 de Junho de 1

S. Lourenço, no Delphinado

Meu bom marido Alberto:

«Fui entregue da carta que me mandaste, em resposta a uma que te escrevêra por ocasião das cavas: ha bastante tempo, pois já estamos quasi chegados ás colheitas: e digo-te, meu Alberto, que, apesar do grande atrazo em que nos trazem estas guerras, a nossa França este anno tem pão.

Bem vês d'onde te dato esta carta; já não te escrevo de Fréjus. Ai! – nem sei por onde comece; tenho tanto a dizer-te...

Se eu soubera pintar uma bella casa com arvores e verduras, com aguas, e animaes de diversas qualidades, aqui mesmo n'este papel te enviára trasladada a tua casa e fazenda, como um lindo espelho para te mirares. E a dona da casa, Alberto? – a dona da casa eu a poria a cozer sentada ao seu portal com um ramo de cecens ao peito, rodeada de seus tres filhos: um rapazote branco e vermelho como uma bella maçã, e duas

creancinhas ambas de cinco annos: mas uma d'ellas... como poderei retratar-t'a? nem se póde com pincel ou penna dizer a côr certa de seu mimoso rostosinho, nem dos seus olhos... e tu, que estás a ouvir este meu aranzel; tu que mal sabes o que por cá tem havido; que quando partistes para a fronteira me deixaste só com um casal de filhos; certamente não cuidas que sou eu a rainha do palacio encantado, e que essa que te eu pintára, se não fôra tão tosca e escassa a minha expressão, tenra avesinha roubada de tão alto ninho... – é mais uma filha que tens de amar, e que já dorme ha dias debaixo do nosso humilde tecto!...

Eu sei a quem escrevo, e tu sabes quem é Theresa: portanto, entre nós nunca existiram, nem jámais existirão suspeitas: a orphã que eu acolhi, e que me chama mãe, vae ser uma tua filha, e estou certa que de lá a abençoarás ao ler esta.

Ora pois; vou dizer-te tudo.

Lembras-te d'aquelle grande carvalheiro que está á entrada da nossa casa em Fréjus? – depois que partiste affeiçoei-me por tal modo á frondosa arvore, unica que ali havia, que muitas vezes largava os trabalhos domesticos para ir sentar-me junto d'ella sósinha. Desde que te não tenho ao pé de mim eu amo a solidão!

Uma tarde de abril teu pae appareceu-me ali de repente. – Minha filha, preciso muito fallar-te, e tenho pouco tempo a perder, disse elle com um ar inquieto e melancolico.

– «Aconteceu alguma cousa a Alberto? – exclamei eu assustada.

– «Socega, filha, me respondeu: – «teu marido está bom; fallei com um sujeito que nos trouxe d'elle noticias – as cousas vão correndo bem; Alberto está satisfeito, e já falla correctamente o italiano.

Theresa, continuou elle, vou começar a minha

triste narração, com quanto pese ao velho servidor de nobre familia embaciar com o mais leve bafejo o luzente brilho da sua venerada e antiga reputação!... A indigna filha de Henrique de Fermont-Commène deixou para sempre a casa de seu desgraçado marido!

Estas ultimas palavras de teu pae abysmaram-me. Bem sabes quanto elle nos elogiava a joven condeça!

– «O bom Anselmo proseguiu: «Guardae-vos de revelar o vosso coração a todo o homem (disse um grande doutor da Igreja, se não ao homem moderado e temente a Deus.

– «Theresa, minha boa nora; no meu coração havia bastante capacidade para a amisade e o segredo: mas eu vim aqui com outro fim: não desanimes, filha; e confio que terás força e resolução para desempenhares a alta e mysteriosa missão, a que o Senhor me enviou hoje á tua casa!

Sabes que em 1801 meu amo viu-se constringido a separar-se de sua joven esposa, e a partir para Inglaterra, aonde o chamava um tio materno. Mr. de Coislin, desenganado dos medicos, deixava-o herdeiro de um immenso cabedal; naturalmente desejou ve-lo junto a si nos seus ultimos dias.

Eu fui ocular testemunha do desgosto que esta separação causou aos dous esposos. Durante os onze mezes por que se dilatou esta ausencia (pondo de parte certas palavras mysteriosas, que não me soaram agradavelmente aos ouvidos, e que foram para mim como uma terrivel revelação), os dias da joven condeça passaram-se uniformemente, e n'uma serenidade que nada parecia perturbar.

Mr. de Nesle tinha deixado sua esposa grávida de pouco tempo, e ao cabo de seis mezes ella deu á luz uma menina, em casa de sua mãe, em

Montpellier, onde tinha ido passar o tempo da gravidez.

Algum tempo depois do regresso de minha ama a París, lord Clare, cunhado de madame de Nesle, chegou de Inglaterra; trouxe cartas do conde, e a noticia da morte de seu tio.

Este acontecimento devia prolongar ainda por dois ou tres mezes a ausencia de meu amo.

CAPITULO XV.

CONTINUAÇÃO DA CARTA.

«Lorde Clare ficou hospedado em casa de sua cunhada.

Vem a pêlo dizer-te, continuou teu pae, que, não sei por que, nunca pude engrajar com o tal lord!

Aos dezeseite annos de idade, no viço dos annos e da belleza, madame de Nesle proseguiu, como durante o tempo da sua gravidez, de recusar-se a todos os convites das pessoas com quem estava relacionada. Saía umas duas ou tres horas de manhã a fazer visitas, e eu, que sempre a acompanhava n'estas digressões, não a seguia sómente ao palacio dos grandes, mas com ella transpunha o humilde limiar da indigencia, aonde a condeça levava sempre soccorros e consolações! – A maior parte do tempo passava

ella entretida nos labores propios do seu sexo, ou animando nos braços a filhinha. Mr. de Clare saía raras vezes á noute, só quando algum de seus compatriotas o convidava para jantar. N'essas noutes chegava tarde, e subia as escadas cambaleando, e de mau humor: umas vezes atirava ao chão o castiçal que eu trazia para o alumiar: outras dizia-me más palavras, rematando sempre com os *Godams* da sua lingua. Uma d'essas noutes, por tal modo veiu embriagado, que queria por força dirigir-se ao quarto da senhora condeça!

Madame de Nesle, como era muito discreta, não censurava diante dos servos a conducta do seu parente; todavia, apesar da sua grande reserva, pouco a pouco fui percebendo quanto lhe era desagradavel; a final começou de usar com elle certos modos que denunciavam claramente o seu enfado. No primeiro mez d'esta

hospedagem almoçavam e jantavam juntos; porém a senhora condeça alterou a sua hora de comida: almoçava ás nove horas, quando ainda lord Clare dormia a somno solto; jantava pontualmente ás duas, hora em que o seu hospede apenas acabava de espalitar os dentes das viandas do almoço. Madame de Nesle dizia que lhe convinha esta regularidade; e que para exercer as funcções de mãe era mister ajudar tambem a natureza.

O nosso hospede demorou-se dous mezes, e esta mudança da parte de minha ama effectuouse um mez depois d'elle estar em casa.

Por esse tempo veiu a París um primo da condeça, Alfredo de Gouvion Saint-Cyr; mancebo de genio arrebatado, mas de um coração flexivel como o vime quando verga tenro: – Deus o tenho na sua guarda, e lhe perdoe os erros da mocidade!

O rosto de teu pae annuviou-se, e prosseguiu:
– O primo de madame de Nesle vinha sempre de tarde, e demorava-se parte da noite.

Tratava a todos com a maior affabilidade, valha a verdade! – Como era excessivamente folgasão, usava de um contínuo motejo com o lord Clare, com sua prima, e comigo.

Mas o mancebo tambem mudou ao cabo dos quinze dias, espaçando mais as suas visitas, e procurando visivelmente evitar o lord.

Bem se vê que estavam combinados, continuou meu sogro; mas por grande que fosse a minha esperteza, como poderia eu suppor mal de uma senhora, cujo procedimento fôra sempre irreprehensivel!

Mas um dia (era sabbado por tal signal) tive alguns passos a dar por fóra; quando cheguei a casa, a senhora condeça estava na sala com seu primo Alfredo, conversando em idioma

estrangeiro, e elle parecia teimar em alguma cousa, e batia com a mão na mesa como quem ameaçava; pouco depois senti-o descer as escadas.

No decurso do dia a senhora condeça mandou-me com uma cartinha á hospedaria onde estava seu primo rua S. Honoré; disse-me, que se o não achasse em casa, o esperasse algum tempo, porque carecia muito da resposta.

O sujeito estava em casa, e mandou que me introduzissem no seu quarto. – «Chamei-te, meu bom Anselmo, me disse elle, porque temos umas contas a ajustar. E dizendo isto, continuava limpando as suas armas placidamente, como quem está em vespas de uma alegre caçada.

– «Tu és pobre, trabalhas, e pouco gozas, continuou elle: eu sou vadio, divirto-me, e não me falta dinheiro. Não é bom que sejas meu crédor: Anselmo, eu devo-te um chapéu (elle

havia-me rasgado por brincadeira um velho chapéu) e tirando da algibeira uma boa moeda de ouro: – «Toma, me disse; com isto poderás comprar dous ou tres chapéus. Depois escreveu duas linhas á pressa, que me deu para entregar a madame de Nesle.

Ás quatro horas da tarde, em quanto eu fazia uns assentos no meu quarto, que fica contiguo á casa da entrada, senti os passos de mr. de Gouvion; demorou-se pouco, e depois, quando descia... ouvi distinctamente estas palavras da esposa do conde de Nesle.

– «Alfredo! se não desistes do teu funesto intento, se teimas em querer morrer por minha causa... considera que commettes dois crimes!... juntas ao suicidio um assassinio: eu não te sobrevivo!!...

Teu pae soltou estas ultimas palavras com intonação lugubre e pausadamente, como custando-lhe a proferi-las.

CAPITULO XVI.

CONTINUAÇÃO DA CARTA.

«Meu pobre sogro guardou por alguns instantes profundo silencio, mas logo reanimando-se, continuou como fielmente te vou referindo; e com esta já são duas noites que passo a escrever-te!

Morreu-me uma esposa que eu adorava; esse golpe traspassou-me de uma dor agudíssima: porém, com o tempo, esta dor se foi metamorphoseando em outra, triste tambem, mas supportavel pela sua doçura; era uma suavissima saudade, a serena imagem de tua mãe que me acompanhava na minha solidão, que me seguia por toda a parte.

Vi morrer meus amos, continuou o ancião, – meus caros amos, com quem eu passára folgada mocidade: andei por muito tempo com o coração

afogado em tristeza, e chorava sempre que a vista dos objectos que lhes haviam pertencido m'os recordavam com inextinguivel saudade!... soffri muito!

Não foi assim n'este ultimo successo: aquellas palavras soaram-me aos ouvidos, como evocadas pelas furias do inferno!

Fiquei como assombrado!

Mas era sabbado, e eu tinha férias a fazer; saí a cumpri as minhas obrigações. O lord tinha jantado fóra e veio muito tarde: a senhora tambem não foi mais vista n'essa noite.

Parece que uma estranha vertigem se apoderára d'uma parte dos habitantes d'aquella casa. Eu por mim, não dormi: a senhora explicava-se quasi por acenos; e o nosso lord, que se recolhêra para casa ao amanhecer, appareceu-me tão cedo e lepidio, que quasi duvidei que se tivesse deitado ou despido!

Ás dez horas chamou-me ao seu quarto; então soube a verdadeira causa de seu desusado madrugar. Tinha resolvido repentinamente partir n'aquelle mesmo dia para Inglaterra, aproveitando a companhia na viagem de um de seus amigos. Pediu-me que lhe preparasse as malas, mandando-me primeiramente com um recado á senhora condeça, de que desejava fazer-lhe as suas despedidas na sala aonde a ía esperar.

A condeça fez-me repetir duas vezes o recado, porque estava n'aquelle dia preocupada... e com um pequeno esforço respondeu machinalmente que não tardaria.

Chamei Leonardo para me ajudar nos arranjos de mr. Clare com mais brevidade, porque não queria perder uma bella festa que se celebrava n'esse dia em Nôtre-Dame. Acabado o meu trabalho fui vestir-me com os meus trajos domingueiros. Antes de saír fui receber as ordens

da senhora, como era meu costume.

Procurando-a em vão pelos quartos, fui achala de joelhos no seu oratorio, lavada em lagrimas! – Ia já retirar-me, porém ella fez-me signal para que entrasse.

– «Anselmo, me disse, com a voz cortada: não posso nem devo saír hoje... mas tu que podes ir, encommenda nas tuas fervidas orações a alma do meu pobre primo... Alfredo de Comnène succumbiu hontem, victima de um imprudente desafio!

Confio muito na sua salvação, porque uma alma boa está sempre prompta a partir... mas lamento minha infeliz tia, que não tinha outro filho!

Aquellas palavras foram proferidas com tão fundo accento de verdade; e o rosto angelico da condeça, no qual a mão do crime não pudera desenhar uma sombra sequer, reflectia tão sincero

e profundo sentimento, que tive remorso das minhas suspeitas; e obedecendo a um irresistivel impulso caí aos pés da senhora de Nesle, e beijei-lhe as mãos, que inundei de pranto.

Levantei-me, e saí d'ali triste, é verdade; mas leve do peso que desde a vespera trazia sobre o coração.

Poucos dias depois li na Gazeta a noticia fatal da morte de mr. de Gouvion Saint-Cyr: o duello fôra occasionado por uma forte desavença ao jogo com um allemão.

Meu amo veiu de Inglaterra mais cedo do que se esperava. A senhora condeça festejou a sua chegada como o faria a mais extremosa esposa.

O senhor Frederico continuou como d'antes a seguir o trilho de seus avós e pae: acompanhava sempre madame de Nesle ás solemnidades religiosas; era meigo, bom, e generoso com os pobres.

Passados dois annos resolveu fazer uma viagem pela Italia, com sua esposa, por onde se demoraram um anno e alguns mezes.

Meu amo precisou d'ahi a tempos passar á Inglaterra; e como não se suppunha que essa ausencia fosse prolongada, a senhora condeça decidiu ficar em París.

O conde escreveu d'ali regularmente a sua esposa até 10 de fevereiro: houve então uma delonga de vinte e sete dias, no fim dos quaes, oh! Theresa! exclamou teu bom pae: – este golpe ainda sangra no meu coração!

N'uma manhã, um homem procurou-me, proseguiu elle – era um inglez; não sympathiso com aquella nação! Esse inglez entregou-me duas cartas, que deviam ser-me dadas por mão propria. As cartas eram, uma para mim, outra para a madame de Nesle. Entreguei-lh'a no momento em que se sentava para almoçar.

Madame leu-a rapidamente, e ergueu-se extremamente pallida; lançou em redor uns olhos indecisos... e pousando-os sobre mim, disse: – Anselmo! apertando com a mão o coração; e depois saíu sem nada tomar de alimento.

CAPITULO XVII.

CONTINUAÇÃO DA CARTA.

«Fiquei, continuou teu pae, attento a escutar-lhe os passos, até que a senti fechar uma porta.

– «Animo, Anselmo, exclamei eu! deslacrando tremulo e confuso a carta de meu amo: então li estas regras:

Londres, 8 de março.

«Anselmo:

Ao receberes esta, reveste-te da minha authoridade em casa, e immediatamente te revestirás tambem de uma grande reserva com Alicia de Fermont-Connène... evita o seu contacto!

Essa mulher não é digna do menor serviço ministrado por um homem da tua tempera!!

Alicia de Connène cobriu de opprobrio o nome que eu herdei de meus paes.

Eu dou-lhe oito dias para saír da minha casa, e procurar o asylo que lhe convém. Em meado de fevereiro conto achar-me em París, onde me demorarei para alguns arranjos: decididamente venho residir em Inglaterra.

Frederico, conde de Nesle.

«N.B. Dá todo o dinheiro e tudo o mais que ella te pedir; e recommenda-lhe que deixe por escripto a direcção para onde quer que lhe seja remettida a somma annual necessaria para a sua subsistencia.»

Não me foi preciso lutar muito com a imaginação para adivinhar o ponto d'onde partia esta desordem; ella trouxe-me á idéa uma antiga recordação; aquellas phrases vagas de madame de Nesle a seu primo...

Quiz desde logo retirar-me seguindo os conselhos de meu amo; mas a creança que ficára sósinha á mesa carecia do meu serviço. Mal tinha

findado correu em procura da mãe; no mesmo instante ouvi um brado triste e prolongado de mulher... esse profundo gemido partia certamente de uma infeliz mãe! – e fiz comigo violencia para resistir ao desejo de a socorrer: – mas a honra de meu amo vedava-m'o!

Desci logo, peguei no chapéu, e retirei-me de casa.

Onde fui não sei, continuou teu bom pae; sei que deitei a fugir para não ouvir o toque dos sinos, e o canto alegre dos homens: a bulha atordoava-me ainda mais o espirito; parava sómente de tempos a tempos para ver que horas eram no meu relógio, mas o mofino dobrava a minha agonia; a pendula continuava, a meu pesar, no seu inalteravel equilibrio!

Deixei-me de o consultar, e fui andando de uma rua para a outra, até que a final ouvi dar quatro horas; achei que era tempo de recolher-

me. Ia já perto de casa, quando encontrei o doutor Arnould, medico da casa, que me chamou para dizer-me, que no caso que a senhora condeça não acordasse á hora marcada para tomar o remedio, a não perturbassem; que o socego lhe era agora mais necessario do que toda a medicina.

– «Perdão, senhor doutor, lhe disse eu; sai esta manhã ás 10 horas, e não voltei mais: sobreveiu alguma indisposição á senhora?

– «Esteve morta, para assim dizer! me respondeu elle; Só uma natureza de anjo como a sua, podia d'aquelle estado devolver outra vez á vida. Ella está salva; ás 8 da noite irei vê-la.

Logo que cheguei a casa, soube que a condeça dormia ainda. As creadas contaram-me o estado mortal em que permanecêra por tantas horas depois de soltar aquelle prolongado grito; diziam-me isto a chorar, condoídas todas de

afflicção, e eu, minha filha, que era o seu favorito, não fôra lá!...

A senhora achou-se melhor no seguinte dia. Não lhe appareci, e ella simulou não sentir a minha falta.

Tres dias depois do seu accidente, tendo tomado cedo o café no seu quarto, saiu só, antes das nove da manhã.

Demorou-se, demorou-se, e já ía declinando o dia; – aquella demora já me impacientava: faltava-me ainda pôr em execução uma boa parte das ordens contidas na carta de meu amo. Respirei quando lhe ouvi os passos nas escadas, e o ranger das sedas ao atravessar a porta do meu quarto.

Comecei então de passear pela casa, desviando dos quartos da senhora, mas vigiando cuidadosamente os seus movimentos. Cloé, aquella negrinha que minha ama trouxera de

Montpellier quando casou, passou por mim com muita pressa; como de acinte eu procurasse dete-la em conversa, disse-me sacudidamente que tinha muito que fazer; que a senhora estava arrumando toda a sua roupa, calçado, vestidos, emfim tudo, para acudir a uma desgraçada que ia muito longe, muito longe... grande caso aconteceu á pobre creatura, continuou ella, porque minha ama quando falla n'ella derrama tão sentido pranto que me faz chegar as lagrimas aos olhos.

Afastei-me arrebatadamente de Cloé, e fui postar-me no meu quarto, esperando o momento crítico indicado no post-scriptum de meu amo. Minha ama havia de infallivelmente chamar-me.

Á noitinha senti no corredor passos de homens que entravam; abri um pouco a porta para examina-los na passagem quando saíssem: não tardaram cinco minutos; eram dois, e saíram carregados.

Esperei até anoitecer, mas nada de novo.

A inacção enfada; sentia-me doente! Estendi o corpo sobre a cama para descansar um bocado.

Succumbi á fadiga e á emoção; e quando estava como dormitando, um quarto de hora depois talvez, senti na porta um leve toque, que me causou como um estremecimento de nervos: saltei immediatamente ao chão, e dei a volta á fechadura; era madame de Nesle!

Oh! minha Theresa! accrescentou meu sogro, jámais poderei explicar-te a impressão que me causou o aspecto triste, sereno e resignado d'essa celeste imagem de mulher!... Desviei logo os olhos para não ficar imbecil, como o rustico que crê ver bruxas e feiticeiras.

– «Anselmo, me disse rapidamente, mas com um accento de voz cortado pela agitação interior: – sabes que vou deixar para sempre a casa de mr. de Nesle?

– «Sim, senhora, lhe tornei eu. – Segue-me os

passos uma só e ultima vez – disse ella.

Obedeci.

Depressa chegámos ao quarto de dormir da senhora condeça; ella abriu a porta, e mandando-me entrar, tornou a fecha-la.

Tendo posto em uma mesa o castiçal que trazia na mão, dirigiu-se a mim, e pegando-me pelo braço, conduziu-me ao berço, onde a creança dormia já a somno solto.

Ahi se demorou ella um momento n'uma melancholica contemplação, e rompeu n'estas palavras, que eternamente me ficarão soando aos ouvidos:

– «Aqui te deixo a minha filha: – disse com tremula voz. Depois, tirando de sobre a mesa um livro de orações, mandou-me que o segurasse, proseguindo: – e juro-te, Anselmo, pela salvação da minha alma, que a minha filha, que aqui te deixo... é legitima filha de Frederico, conde de Nesle!

– «Resigno-me ao destino que a Providencia me reservou... irei viver uma vida amargurada, longe da mansão em que fui senhora, esposa e mãe!...

– «Vês, continuou, reprimindo a custo o pranto: vês... é a minha filha que ali dorme... ella me chamará ámanhã, alguns dias ainda: mas a infeliz Alicia em vão invocará cada dia o amor da sua Amelia!... Anselmo, honrado Anselmo! promette á desolada mãe que parte, de vigiar sobre a infancia da innocente orphã – orphã do materno amor, que, depois do leite, devia cada dia administrar-lhe os santos alimentos da alma... vigia sobre ella, Anselmo! – Tu podes repartir o teu affecto com a filha e o pae... ah! sim... Frederico! – Uma torrente de lagrimas lhe afogou então a voz; depois, voltando-se para mim, e apertando-me convulsivamente uma das mãos, pronunciou como uma suprema intimação

estas palavras: não o abandones... os amigos... estas viagens a Inglaterra... Anselmo: a tua presença lhe sirva de esteio nos tempestuosos dias do seu nebuloso futuro: a tua presença o acompanhe sempre, como uma reminiscencia dos seus religiosos antepassados! E agora – continuou ella, cobrindo-se com uma longa capa, e atando as fitas ao chapéu – vem comigo; preciso do teu auxilio para transpor o ultimo degrau. Interrompi-a então, rompendo o silencio em que me havia conservado durante esta scena dolorosa.

– «Senhora, lhe disse, tenho ordem de vos dar dinheiro, e tudo o mais de que carecerdes. – Não, me respondeu: nada quero. Inda tenho a maior parte do dinheiro que trouxe de Montpellier; esse dinheiro era destinado a socorrer os infelizes... d'elle me vou aproveitar. Tenho além d'isso muitas joias. Receber protecção de quem me não

estima é uma das phases da humilhação a que não posso sujeitar-me!

Logo em seguida a estas palavras correu ao leito da filha, aonde ajoelhou como para dirigir a Deus uma ardente supplica; ergueu-se precipitadamente, e saíu do quarto. Mal tive tempo de tomar a luz, e segui-la pelos corredores e pelas escadas, que atravessava com extraordinaria velocidade. Quando chegámos ao pateo, mandou-me que abrisse; deu alguns passos fóra e tossiu: senti logo passos de alguém, – Então, retrocedendo, veio a mim, e disse-me com uma voz... com uma vehemencia terminante: – «Vamos, Anselmo: dá-me à tua palavra; promette-me que o ensino religioso da minha cara filha fica ao cargo da tua boa e solícita guarda? – Eu vo-lo prometto, senhora, exclamei eu! Sacrificarei a propria vida se for necessario no cumprimento da sagrada promessa

que hoje vos faço, e a Deus! – Encommenda nas tuas orações esta infeliz familia!...– disse ella, e partiu. Foi juntar-se a dois vultos embuçados que a esperavam; e em breve os perdi de vista.»

CAPITULO XVIII.

CONTINUAÇÃO DA CARTA.

«Fechei devagarinho a porta, e subi rapidamente a escada para encerrar-me no meu quarto sem ser visto de ninguém de casa. Então, como esses aguaceiros que caem de repente e nos apanham de sobresalto no caminho, o pranto rebentou-me espontaneo e abundante dos olhos. Por algum tempo desafoguei a minha profunda emoção; mas finalmente pude conter-me, lembrando-me que nem sempre se deve dar largas ao sentimento, e das palavras de meu pae, que quando eu ía visita-lo me recommendava: lealdade, resolução, firmeza e actividade.

Tenho uma pequena livraria, augmentada de mezes a mezes por mr. e madame de Nesle; á noite muitas vezes entretinha-me a ler sosinho: de sorte que a familia inda não tinha dado pela

ausencia da senhora condeça, nem tão pouco se haviam lembrado de mim. Apenas meia hora tive para meditar, não no passado, nem no futuro, mas nos trabalhos que me estavam imminentes. Como de feito, comecei de ouvir passadas pela casa, abrir e fechar portas, e pouco depois baterem na minha – «Lá vou, disse eu brandamente, affectando o socego do costume.» – «Mas dizei-nos onde está a senhora! exclamaram ao mesmo tempo Leonardo e Cloé; o almoço está prompto, e a senhora não está nas salas, nem em quarto algum!»

Ao tempo que elles fallavam, eu abria socegradamente a porta. – «Historia! fui eu dizendo, e caminhando adiante d'elles: – a senhora não é nenhuma formiga para que se sumisse assim pela casa!» Corri os quartos um por um, como elles já haviam feito, e n'esta pesquisa de cantos e recantos, passei pela

cosinha, e trouxe após mim uma procissão de gente; o suíço, os cosinheiros, os lacaios, as mulheres, incluindo a boa Cloé, que era a creada grave da condeça, a qual, tendo d'ella recebido a sua carta de alforria, gosava de todos os privilegios e regalias das aias favoritas. Procurámos por todos os logares, mas infructuosamente...

De repente Cloé, sacudindo-me o braço, e soltando uma estrondosa risada: – «Pobres tolos que aqui andâmos, exclamou ella: nenhum se lembrou que a senhora está na capella!» E largou a correr, e todos a seguiram: ella mesmo abriu a porta da capella. Succedeu á sua alegria um transporte de dor, começando n'um sentido choro, sentada no estrado do altar. Dei então um pequeno desafogo ás minhas magoas interiores; chorei um momento com a pobre Cloé; mas, procurando conter-me, disse então: – «Está claro:

a senhora condeça deixou a sua casa. Saíu clandestinamente; está bem visto que não voltará hoje, nem ámannã, e Deus sabe quando virá! E como lhe devemos carinho e protecção, é Deus que nos trouxe na sua procura a este logar; ajoelhem todos, meus amigos, e oremos por ella no Omnipotente, que dispõe dos homens e das cousas.» Caíram todos de joelhos á minha voz.

Não me demorarei em contar-te o que passei n'esses primeiros dias com aquella pobre menina. Cloé ajudou-me a entrete-la com promessas e carinhos.»

CAPITULO XIX.

CONTINUAÇÃO DA CARTA.

«Meu amo chegou no tempo aprazado, acompanhado do seu parente lord Clare.

Theresa, me disse o bom de teu pae, sabes que o joven conde é o filho do meu coração; o filho da minha adopção! Acalentei-o nos meus braços; e o meu amor por aquella creança, transpondo pouco a pouco o espaço immenso entre a sua alta nobreza e a minha rasteira esfera, poz-me finalmente de nivel com elle no caminho da vida. Costumei-me, pois, a ler-lhe no pensamento muito antes do que m'o exprimisse com palavras.

Mal o vi, conheci n'elle differença: a cor demudada; os olhos pisados. Estes eram os signaes exteriores; a mudança no interior era ainda maior. O seu coração não parecia o mesmo; estava sempre de mau humor, e parecia descontente.

Não se passaram muitos dias que não conhecesse a causa d'esta nova desgraça, para a qual não estava preparado.

Um domingo pela manhã, meu amo, tendo passado ao quarto do lord, que se vestia, fui ali procura-lo, e dizer-lhe que o reverendo padre Gregorio, antigo capellão da casa, o esperava desde muito na capella. Estas palávras excitaram um gesto de mófa no nosso hospede, e sem mais preambulo entrou a soltar os gracejos mais sacrilegos, contra tudo quanto ha de mais sagrado. Volvi os olhos para meu amo, percebi-o contrafeito, e mesmo lhe ouvi balbuciar algumas palavras em defeza da sua religião; mas com um animo fraco, como a luz da candeia que se extingue pela escassez do azeite. Levantou-se, comtudo, e seguiu-me

– «Senhor Frederico, lhe disse eu quando saímos, não posso gostar da vossa Inglaterra,

nem dos vossos inglezes...» – «E eu, senhor Anselmo, me tornou elle, acho-me ainda menos disposto a tolerar a vossa bella França!»

CAPITULO XX.

CONTINUAÇÃO DA CARTA.

«Todavia o conde amava-me com toda a bondade d'aquelle coração e docilidade de indole. Além d'isso eu sou como um movel necessario ao conforto da sua vida: Anselmo, vem cá; Anselmo vae lá; Anselmo, eu conto fazer isto: o que achas, Anselmo?

Aqui para nós, meu Alberto; teu pae merecia ser o aio de um principe! mas, tornemos ao fio da sua triste narração:

O conde amava a filha, e esta menina poderia no futuro servir-lhe de grande distracção: infelizmente mademoisélle de Nesle tem no som da voz e nos gestos uma tal similhaça com a condeça, que as mais das vezes em que elle se entretinha a brincar com ella, deixava-a secca e arrebatadamente, e saía quasi zangado contra a pobre creança!

Mas eu não te disse tudo! Meu amo, que era o exemplo da continencia, cujas distracções usuas eram ler os jornaes ao pé do fogão, soccorrer a miseria, que tambem lhe levava tempo, e á noite jogar a sua partida, deixou-se de tudo isto. Não lê a gazeta, porque é insipida, diz elle: faz ainda algum bem, mas ao acaso, e deixou-se do whist porque lhe faz somno.

Sabes o que o diverte? – o toast, e o jogo de parar: – sabes o que é o jogo de parar? É vender a sua alma ao demonio em trôco do pão e da vida de tantos infelizes! Sabes o que é o toast? – É beber, beber até perder o uso da rasão, e servir a final de ludibrio até dos proprios lacaios!

Vê como eu estou magro, continuou o pobre do teu pae! – Cedo me contarão os ossos na pelle como o cão atado á estaca no tempo das uvas! Amofino-me, envelheço! Não é a lembrança da outra... não durmo: sabes o que faço n'essas

noites de orgia depois de o deixar na cama?
Rezo, rezo sósinho a deshoras quando todos dormem! Pela manhã o meu primeiro desejo é vê-lo: mas n'esses dias levanta-se mais tarde; espero horas sentado ao pé da sua porta; e quando elle me chama, ás vezes surprehende-me ainda a ultima lagrima... afflige-se, e faz-me mil promessas; mas de todas se esquece passados dias!

Um funesto acontecimento, do qual infelizmente quiz Deus que elle mesmo fosse o involuntario instrumento e o triste espectador, quebrou-lhe de um só golpe a unica prisão que o chamaria ainda á virtude: a amisade. Este infeliz successo sobreveiu poucos dias depois da sua chegada.

Mr. de Nesle não sómente amava sua sogra, mas essa santa mulher era para a sua alma como uma d'essas fontes de agua maravilhosa, aonde

vamos beber conforto e vigor para a saude do corpo. De sorte que, nos seus grandes projectos, elle nunca punha mão a obra sem ir primeiro a Montpellier.

Tres dias depois da sua vinda, caminhou para aquella cidade, carregado de tristes confidencias.

O desgraçado esperava ainda doçuras, e que o pranto derramado por uma tão excellente mãe lhe lavasse, como um balsamo suave, a chaga viva que lhe ardia no peito.

A boa dama estava entretida no seu gabinete, quando o senhor Frederico entrou. Ella conhecia-o com os olhos como eu; e lançando-lhe a benção, correu-lhe a mão pela testa, e disse-lhe: «Frederico, tu soffres na tua saude?»

O mancebo deitou-se aos pés da nobre dama, e sem escolher a occasião, nem as palavras, lançou no terno regaço de uma respeitavel mãe as provas incontestaveis da deshonra de sua filha, e

a dor profunda da sua vergonha e da sua ignominia!

Quando acabou deixou-se ficar como estava, com a cabeça encostada sobre os joelhos de sua sogra: o silencio foi longo: tinha passado quasi um quarto de hora que elle se achava n'aquella muda e triste postura: então levantou-se dizendo: – «Minha mãe, eu esperava só de vós algumas palavras de consolação!... E seus olhos encontraram os da pobre dama; mas os d'esta estavam fitos, pasmados; não chorou; não gemeu, parecia não sentir... a fatal nova apagára-lhe de um sopro a luz do entendimento: madame de Fermont-Connène estava alienada!

Aqui, Alberto, eu interrompi teu pae para perguntar-lhe, se a dama não tornára ao seu juizo: – « Não, me disse elle; todo o saber da medicina não pôde restituir-lh'o!»

Pelo mais que me disse teu pae, sei que a

desgraça desfechou sobre aquella familia toda a casta de desgostos. Mr. de Nesle já não sabe de Deus nem de si, mas vae guiado inteiramente pelo lord seu cunhado, que o leva para Inglaterra, querendo arrastar comsigo a innocente creança, e fecha-la lá em uma escóla, aonde não ha altares , nem sacerdotes para o sacrificio mais sagrado!

Teu pae é um homem que eu venero, Alberto! Elle lembrou-se de nós para pôr em execução a sua promessa. Era-lhe preciso dar um passo que outros não teriam valor de dar... mas é que elle tem a alma forte – teu pae!

Elle segue o joven conde até o fim do mundo! Mas o bom homem decidiu comsigo, que a neta dos Nesles não irá aprender a sua educação nos livros da heresia. Elle tem de responder pela sua alma a Deus.

Resolveu a faze-la desaparecer de casa, e esconde-la debaixo do nosso humilde tecto,

aonde a nobre menina vae passar, e já é conhecida como uma irmã gêmea da nossa Luiza.

Tudo se fez com o successo que desejavamos.

O conde estava em Ardêche, e eu ali fui em procura da creança, que recebi das mãos de teu pae, que a trouxe a passeio cedinho pela manhã.

Hontem me escreveu elle para informar-me que o rapto de mademoiselle de Nesle foi imputado a sua infeliz mãe: esta noticia socegou-me mais o espirito, e gostei de poder com ella finalizar esta longa escriptura!

Na sua carta, o pobre homem faz-nos umas despedidas! Sabes o que me mandou? todo o seu dinheiro e papeis!... Esta idéa da morte, que passou pela mente de teu pae, me fez pensar na minha, e na tua, meu Alberto... e n'esta bella e nobre mocidade que aqui fica, crestando a mimosa pelle com os gelos da montanha! Mas é

muito tarde; adeus, meu bom marido; aqui fica
saudosa a tua

Theresa Beaupré.»

CAPITULO XXI.

THERESA.

Havia apenas quinze dias que Theresa Beaupré habitava a sua nova casa no presbyterio de S. Lourenço, no Delphinado. Inda este curto espaço não o tinha ella passado todo ali; porque dois dias depois da sua chegada ao paiz saíra em busca da sua filha gêmea, como disse á sua vizinha mais proxima, a qual vigiou na sua ausencia as duas creanças, das quaes a mais velha, que era um rapaz, tinha pouco mais de seis annos.

Theresa havia sido informada da venda da grande fazenda, por um vendilhão ambulante que costumava trazer a Fréjus castanhas a vender. Esta pequena herdade, com todo o animado trem da vida campestre, havia sido sempre o doce sonho da sua imaginação; nada faltava no

domestico arranjo, porque tudo fora premeditado e delineado com vagar.

A casa era terrea, e, como a de Joanna, dividida em quatro. A sala, que era um dos tres quartos que ficavam á frente, estava guarnecida com doze cadeiras de pau pintado, e duas mesas de castanho.

Sobre uma d'estas mesas, que luziam como espelhos, estava um pequeno presepe, mettido dentro de uma redoma de vidro: ao pé d'esta ardia continuamente uma alampada. O soalho d'este quarto estava coberto com uma bella esteira, que Alberto trouxera do Egypto, e duas pequenas estantes guarneciam as paredes, com toda a livraria de Anselmo, e mais alguns livros que o sogro de Theresa achou necessarios para ajudar a boa nora na educaçãõ da filha de Alicia de Nesle.

A cosinha ficava por detraz, e occupava quasi

todo o comprimento da casa. Esta vasta cosinha era lageada, com uma comprida mesa no centro, onde Theresa e seus filhos faziam a comida, segundo o uso da montanha.

Havia uma magnífica alameda de carvalhos e castanheiros á entrada da casa.

Comtudo a formosa lamenda não podia ser muito frequentada nos primeiros tempos, pela sua feliz proprietaria.

Ali entrava ella, entre lusco e fusco: porque Theresa levantava-se antes de nascer o sol! Preparava então as migas para as suas aves, que a conheciam e cantavam ao ouvir-lhe os passos.

A grande capoeira ficava na extremidade de uma larga planura em frente da cosinha, cultivada de ervagens e hortaliças.

D'ahi corria com ligeireza para o curral das vaccas, acompanhada de João, que era o moço da fazenda.

Estes animaes começavam também a comprehende-la: mal ella entrava, erguiam-se as vaccas da limpa cama em que repousavam estendidas. Eram seis, cada qual no seu repartimento. João entrava então a mugir o leite; mas a apparição do sol quasi sempre interrompia esta primeira occupação de Theresa.

Na sua simples, mas elevada intelligencia, ella admirava profundamente as obras maravilhosas da creação. Esse astro luminoso, que ao despontar parece abraçar o horisonte; esse globo de fogo, que alumia, alegra e vivifica toda a natureza, merecia-lhe cada dia um momento de contemplação; e cada dia, ao romper do sol, Theresa ajoelhava, e dirigia ao Supremo Creador dos homens e dos astros uma fêrvida prece!

João, tendo preparado a nata da vespera para a composição da manteiga, e aparelhado o carro, partia a vende-la para Valença.

Theresa sentia-se então alliviada da fadiga da manhã, mas o espirito começava desde essa hora a trabalhar, e os seus passos para casa eram mais frouxos e irregulares com a abstracção do pensamento.

Caminhando e meditando, ella dizia comsigo: «Meu pae sempre me recommendava: – Lê um pouco, Theresa: é preciso que tu leias –; e tinha razão: eu tenho uma educação a fazer... e esta raça nobre nutre-se com os livros! Todavia, tirarei tambem alguma cousa do livro do coração, continuava ella; e esse livro diz-me: – Tu deves tratar com mimo aquella delicada e nobre menina que te foi confiada. – Sim: mas o meu coração diz-me tambem: – Pois que o Senhor a trouxe á tua humilde choupana, não lhe mortifiques a infancia, e faze de sorte que ella cresça e se fortifique, com os frios e calores, como a rosa silvestre. –»

Quando Theresa chegava a casa, resoavam as paredes d'esta com a alegre bacharelize das creanças; a mãe chamava-as então, e corriam a banhar-se na pia do tanque. Esta operação causava ao principio uma certa repugnancia á pequena Maria (davam este nome a Amelia de Nesle), porém ella tiritava e ria ao mesmo tempo com seus irmãos, e era a ultima que saia da agua.

Seguia-se um frugal almoço na mesa grande. Então as tres creanças fitavam os olhinhos no semblante da boa mulher, á espera que lhes dissesse estas palavras: – «Ide agora brincar á sombra.»

Os pequenos brincavam no terreiro; e Theresa os vigiava fazendo meia. Estas horas de socego eram sempre agitadas com mil preocupações: quando o corpo descansava trabalhava a imaginação! «Alberto estaria n'aquelle momento exposto ás balas do inimigo? – elle era tão

necessario em casa para delinear esta ou aquella plantação... quanto gostaria elle da creança!» – Era então Maria, e a sua educação, que lhe agitava o pensamento.

A nora de Anselmo não se deitava logo á noite. Quando as portas e janellas se fechavam, e que reinava dentro em casa a quietação e o silencio, ella atravessava pé ante pé os quartos, e abria devagarinho a porta da sala; e assumindo um certo ar modesto e grave, como se fora aquella a entrada de um sanctuario, punha em cima da mesa o candieiro, tirava com cuidado da estante o livro, e abria-o no logar em que o deixára marcado da vespera.

Theresa lia ás vezes até alta noite; de tempo a tempo interrompia a sua leitura, e encostando á mesa o cotovelo, segurava com a mão a cabeça para meditar; umas vezes ella ficava satisfeita, porque tinha comprehendido; outras enrugava a

testa com um ar de duvida, e abanando a cabeça, um pouco descontente, continuava a ler até que mais tarde a fadiga ou o somno a convidavam a deitar-se.

CAPITULO XXII.

O LIVRO DA NATUREZA.

Dois annos tinham decorrido desde que Theresa se achava dona de uma grande propriedade. As guerras haviam-se prolongado, e Alberto passára da Allemanha para a Hespanha, e da Hespanha para a Allemanha, sempre desviado e longe do conforto do lar domestico, onde era tão anciosamente esperado.

Theresa já havia lido todos os livros de Anselmo, e tendo deparado ultimamente com um Atlas, entregou-se ao estudo da geographia com tal enthusiasmo que, excedendo-se na sua regularidade, ella entrava na sala uma e duas vezes durante o dia. Sabia de cor especialmente todos os rios, cidades e montanhas da Allemanha, e a diversa temperatura de seus climas.

Este mappa fallava ao coração da pobre mulher, que pousava os olhos com saudade na pequena cifra que lhe designava a cidade onde estava agora seu marido!

Não havia alteração na lida laboriosa da sua vida; só porventura estava agora mais adéstrada no manejo campestre. A sua saude tinha-se fortalecido com a pureza dos ares, e todo o seu physico ter-se-ía remoçado, se os cuidados lhe não complicassem a existencia. As creanças tinham crescido e vigorado; e o lucro da fazenda já excedêra todos os seus calculos.

Na educação dos seus tres filhos, Theresa guiava-se principalmente pelos impulsos do seu coração. Tinha-os deixado correr livres e brincar, sem a menos applicação de espirito, até á idade em que se achavam; unicamente vigiava mais sobre elles desde certo tempo; ouvia e tomava muitas vezes parte nas suas conversas. Assim

tambem as creanças se foram habituando á reflexão; porque ella usava o methodo das parabolâs, e as sabia compor singelas e interessantes. Elles tinham todos tres grande memoria, e uma viva curiosidade, e de sua mãe tinham já tomado o gosto da contemplação. D'esta maneira nada viam com indifferença, e não só sabiam o nome das cousas, mas a sua significação.

Um dia, pouco tempo antes do anniversario de Luiza, ella mostrou-lhes um bello ramo de flores, pintadas sobre o papel: – «Esta é uma rosa;» dizia Joaquim: – «Isto é jasmim;» disse Maria: – «Mãe, quem fez isto?» exclamou Luiza: era esta a pergunta que ella esperava. – «Meus filhos, disse então Theresa, quem fez isto foi um homem como vosso pae, como João: um homem como tu has de ser, Joaquim. São os homens que fazem as casas, os carros, a louça e os vidros;

porém os vidros quebram-se e a louça; e as casas arruinam-se ao cabo de annos; mas ha uma grande obra, uma cousa maravilhosa, que não fizeram os homens, e que nunca se quebra, nem jámais se altera. Esta grande maravilha eu nunca vo-la mostrei; é uma festa que guardo para o anniversario de Maria e Luiza que não está longe.» Era assim que ella lhes excitava a attenção.

Quando davam as *Ave Marias* no sino do presbyterio, as creanças já se achavam na cama todos os dias. Theresa havia sido escrupulosa n'esta regra: seus filhos recolhiam-se infallivelmente á tardinha. N'esse dia levou-os para o quarto, como de costume, porém não os despiu. Quando, mais tarde, depois dos seus arranjos, ali voltou, foi achá-los todos tres sentados, mudos, mas com os olhos alerta e inquietos. – «Vamos meus filhos, lhe disse ella, vinde comigo.»

Saíu pela porta da sala com as duas filhas pela

mão. – «A mamã não traz luz?» – disse Maria, um pouco assustada da obscuridade que reinava debaixo do sombrio arvoredado: «não, minha filha; d'aqui a pouco não teremos precisão.» – «Que é isto, minha mãe?» – dizia Joaquim, correndo para um reflexo da lua, que atravessando a folhagem vinha mosquear o chão, sob a fôrma de uma larga fita branca. – «Espéra que vaes ver já o que é, respondeu Theresa; – vamos, meus amigos;» E dizendo isto, ella entranhou-se com elles em uma obscuridade mais profunda, sitio déstramente escolhido para preparar uma surpresa mais solemne. Apenas tinham dado ali alguns passos, quando de repente seus olhos se alongaram por um vasto horisonte prateado. Então, a mãe apontando para o ceu, lhes disse com a voz alterada por uma santa exaltação: – «Meus filhos, vêde!»

As creanças deram todas tres um só grito: –

«Minha mãe!» – exclamaram elles: e um mesmo impulso os levou igualmente todos tres aos braços de Theresa.

Era um sereno ceu allumiado pelo luar, e coalhado de estrellas, sob o qual a natureza guardava o silencio mais respeitoso. Nem as folhas se agitavam, e á excepção das aguas de um grande tanque, que brilhavam na sua immobildade com um reflexo luzente e fixo, a terra parecia ter sumido as suas côres diante d'aquelle esplendido firmamento! Este socego, este pallor terrestre, realçava o lucido brilho das estrellas, e a marcha apressada da lua: todo o movimento parecia estar n'esse astro, que percorria e dominava aquella magica vastidão!

Os tres irmãos permaneceram por algum tempo extaticos; Maria foi a primeira que rompeu o silencio: – «Mamã, disse ella, não precisava que nos disseses, nós mesmos

advinháramos que este bellissimo ceu não fôra nunca feito por um homem como João, nem mesmo um homem educado como o senhor cura: é muito grande, e muito longe!»

Theresa respondeu então: «Meus filhos, não vos tenho eu dito que abaixeis a cabeça ao nome de Deus? que invoqueis uma e mil vezes no dia este santo nome? Não fui até aqui mais explicita, por causa da vossa pouca idade: o objecto era muito grande para o vosso pequeno entendimento. Sabei agora: este ceu e toda a extensão que vêdes, e vossa mãe que está aqui, e vós, meus filhos, todos somos a obra do Ente Supremo a quem chamâmos Deus! É o grande Creador dos homens, dos animaes, das aves, dos peixes, e das plantas: emfim, de tudo quanto no mundo nasce, vive e morre. O seu nome é adorado e cantado por toda a terra, porque nos deu o pão que nos nutre, as fontes que saciam a

nossa sede, e o velo dos rebanhos com que nos cobrimos. Além de tudo isto, devemos a Deus a luz do entendimento. Oh! meus filhos, essa luz é o norte das nossas esperanças! Por ella temos o conhecimento do bem e do mal, e só de nós depende escolhermos a vereda que nos conduz ao ceu, aonde está Deus em toda a sua gloria.

«Os homens podem fallar a Deus por meio da oração. A oração é sempre uma supplica da creatura ao Omnipotente, ou para pedir-lhe o perdão das culpas commettidas, e que lhe desagradaram, ou para invocar do Senhor a graça de nos defender contra as ruins tentações.

«Vamos para casa, continuou ella: esta noite começaes a orar a Deos comigo.

As creanças seguiram a boa mulher, alvorçadas de alegria. A alampada ardia junto á bella redoma. Theresa ergueu o vidro, e mostrou a imagem de Jesus-Menino a seus filhos. – «Eis-

aqui está o Menino Deus no collo de sua mãe, lhes disse ella; porque Deus veiu já ha muitos annos á terra, aonde nasceu e cresceu como vós; é a bella e celebrada historia divina, que ides aprender nos livros. Ajoelhae, meninos.» Dizendo isto, ella sentou-se, e, com as creanças ajoelhadas a seus pés, começou a ensinar-lhes o Padre Nosso.

CAPITULO XXIII.

O CURA DE S. LOURENÇO.

O bom padre Jeronymo Delaborde era um d'esses religiosos que a revolução de 1789 expulsára do claustro. Elle havia dedicado os momentos vagos da sua mocidade á cultura das sagradas letras; e depois, nas suas viagens pela Italia, communicára com alguns sujeitos eruditos, e adquirira luzes em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Onze annos mais tarde um grande dever o chamou á sua patria. Sua mãe acabava de morrer, deixando no mundo uma filha, cega de nascimento, da idade de quinze annos.

Jeronymo achava-se então na Sardenha; mas depressa atravessou os Alpes para vir em soccorro de sua infeliz irmã, a qual ficára sob a protecção de uma honesta familia da cidade de Valença.

Era em 1801, epocha de uma grande

transformação social. Bonaparte era o primeiro consul da republica. Alguns individuos de nascimento humilde tinham-se tornado grandes personagens: cada qual trazia suspensa ao peito a sua insignia de guerra, e os titulos de barões e condes tinham-se espalhado com tal profusão, que já não se podia distinguir a nova da antiga nobreza.

Entretanto a ordem renascia no meio d'esta confusão: as familias regressavam ao lar domestico, e as igrejas tornavam a abrir-se.

Jeronymo, apesar das suas viagens, tinha sempre conservado os antigos habitos da sua vida monacal; e se bem que houvesse obtido uma boa conezia na cathedral de Turim, tendo ahi exercitado constantemente a virtude da caridade, trouxe comsigo o dinheiro apenas o sufficiente para sustentar-se por alguns mezes e a sua joven irmã.

Um dos seu antigos amigos, a quem elle sinceramente expozera o aperto das suas circumstancias, e manifestára o desejo de obter o curado de alguma freguezia rural, entrou uma manhã em sua casa, trazendo-lhe a nomeação de cura, que para elle tinha alcançado, do presbyterio de S.Lourenço no Delphinado.

Havia oito annos que o padre Jeronymo era reverenciado e amado, não só como digno sacerdote, porém como bom pae e attento protector dos rusticos indigentes do logar. Elle tinha trazido da Italia uma livraria composta dos melhores authores francezes e romanos; a leitura entretinha-lhe aquella parte do tempo que lhe sobejava dos seus piedosos exercicios.

Nas tardes saía umas vezes só, outras conduzindo a ceguinha sua irmã a visitar e derramar consolações, de palavras e soccorros, aos seu amigos, no numero dos quaes podiam

contar-se todos os pobres e mais infelizes habitantes do presbyterio.

Em uma d'essas tardes, encontrando no camino os tres filhos de Theresa, que haviam saído um pouco fóra da fazenda á espera de sua mãe, ficou surprehendido das maneiras pouco vulgares d'aquellas creanças; e ainda mais quando Joaquim, aproximando-se-lhe, disse com um franco e innocente desembaraço:— «Perdão, senhor, mas por causa d'esta ceguinha que levaeis, eu e minhas irmãs imaginámos que vós serieis o nosso bom cura: tende a bondade de me dizer se adivinhámos, a fim de que possamos dar a noticia a nossa mãe, que o senhor cura passou hoje á nossa porta.»

— «Eu sou o vosso amigo cura, e podeis dizer-lh' -o, respondeu Jeronymo: — «Que idade tendes, meus filhos?» — «Ambas, fazemos sei annos amanhã, e meu irmão completa sete no mez que

vem,» respondeu Maria. – «Certo que tendes uma boa mãe, porque me pareceis bem educados: – Quem é Deus, minha filha?», perguntou o cura, dirigindo-se a Maria. A menina ficou um pouco acanhada e confusa, e respondeu olhando para o chão: – «Senhor, nós não sabemos quem é.» – «Com effeito! redarguiu o padre com algum assombro: – Como se chama vossa mãe?» – «Theresa Beaupré,» respondeu Luiza. O cura, depois de haver feito mais algumas perguntas sobre a occupação de seu pae e mãe, despediu-se das creanças.

Era n'essa tarde a vespera do anniversario das duas irmãs. Ellas contaram a sua mãe o seu encontro com o reverendo cura, mas omittiram o mais interessante da conversa.

Theresa começou regularmente a ensinar a ler aos pequenos, e a explicar-lhes os primeiros elementos de doutrina. Ao cabo de seis dias já

sabiam perfeitamente os mandamentos: e nenhuns pequenos da sua idade definiam como elles a natureza de Deus.

Uma manhã em que João mugia as vaccas no curral, a boa camponeza sentiu um desusado bater á sua porta; mas grande foi a sua surpresa, quando recebeu um recado do cura, em que este lhe dizia que a esperava em sua casa ás nove horas da manhã, com os seus tres filhos!

Com effeito, quando João estava apparelhando o cavallo no carro, sua ama lhe disse: – «Eu vou sair esta manhã com os pequenos; não te demores muito, para que a fazenda não fique só durante a nossa ausencia.

«Um pae não tem direito de reclamar a sua filha? – dizia a pobre nora de Anselmo, caminhando para casa: – mas se elle a vem buscar para perde-la?... e a minha santa missão de resgatar uma alma do paraizo?! – vamos: já

que o Senhor a trouxe á nossa casa, façamos o que estiver ao nosso alcance: é necessario que eu faço uma revelação ao nosso bom parochó; elle é homem honrado, e entende das cousas que respeitam á salvação, como um apostolo!

Theresa demorou-se pouco á mesa, e em quanto seus filhos acabavam de almoçar, ella foi tirando do armario todo o seu fato novo e calçado. Depois chamou-os, e annunciou-lhes a visita que iam fazer com sua mãe.

Esta noticia causou-lhes uma alegria extraordinaria: elles nunca tinham saído da fazenda, como as tenras avesinhas creadas no ninho que lhe compõe a providente mãe!

CAPITULO XXIV.

A VISITA AO PRESBYTERIO.

Quando a familia Beaupré entrava no pequeno jardim da casa do Jeronymo, saíam duas pobres velhas. O bom cura nunca almoçava nem jantava só: tinha tantos amigos! Segundo o uso do paiz punha a comida na grande mesa da cosinha. Em uma das extremidades d'esta mesa havia sempre dois talheres para os hospedes; os que almoçavam íam tambem jantar; d'esta maneira todos participavam das benções e bom agasalho do digno clerigo.

O cura deu signal a Theresa que subisse uns tres degraus que conduziam á sua modesta sala; tendo-os transposto, ella inclinou-se, beijando-lhe humildemente a manga da batina, e apontando para as creanças que ficavam em baixo: – «Eis ali os meus tres filhos, disse,

levantando o pallido semblante: – Perdão, senhor, mas até aqui elles têm vivido na fé da minha simples palavra, como eu da vossa, meu bom parochó, e nós todos da santa palavra de Deus! A infancia, sabeis vós, é tão fraca que é preciso tentea-la... Se suspeitae de mim, não o demonstreis pelo amor de Deus diante d'elles, porque todo o trabalho da minha vida ficaria perdido em um instante! Estes pequenos, continuou ella, são muito espertos para a sua idade; eu os tenho ajudado a exercitar a sua juvenil rasão, e, meu reverendo cura, posso dizer-vos que já sabem explicar famosamente infindas cousas!»

– «Entrae e sentae-vos,» lhe disse o cura, que tinha achado n'estas poucas palavras de Theresa um grande fundo de rasão, o que duplicava ainda a sua surpresa pelo supposto desleixo da pobre mulher.

Houve uma pequena pausa, durante a qual, Theresa mirou rapidamente as duas portas do quarto, porque receiava a todo o momento achar-se na presença do pae de Amelia de Nesle...

O cura proseguiu: – «Fizestes a vossa declaração; escutae agora a minha: – Pois que, como dizeis, n'aquella tenra idade vossos filhos têm um tão grande raciocinio; pois que vós mesma os tendes ajudado a vencer as difficuldades da sua comprehensão; como é, minha filha, que guardaes para a noite o que deve começar pela manhã?»

– «As apparencias são contra mim! Eu o sei bem, disse Theresa, continuando no seu equivoco: – Mas o meu bom ou mau procedimento religioso não é o ponto essencial do negocio para que fui hoje chamada á vossa casa... É verdade que na minha empreza podem tambem inculpar-me de irreligiosa... vereis,

porém, meu respeitavel cura, que os meus passos foram encaminhados por uma inspiração toda christã!»

– «Os meus negocios limitam-se ao cumprimento dos deveres do meu ministerio, redargui o cura, e é por isso que vos chamei.

«A minha porta não se abre para a calumnia, mas d'ella são muitas vezes em busca da verdade. Tendes duas filhas gemeas: não tem ellas sete annos?» – «Sim senhor, respondeu a boa mulher»; «pois bem, lhe tornou o cura; uma d'ellas me disse que não sabia quem era Deus!»

– «Agora eu vos comprehendo!» exclamou Theresa, respirando, como quem se sente alliviado de um enorme peso.

– «Demorei-me em explicar o nome de Deus a meus filhos, por ser um nome differente de todos os outros; não é o pão que se come, nem a agua que se bebe; isso sabem logo as creanças: porém,

para comprehender o mysterio e a grandeza de Deus, é necessario um certo desenvolvimento.

«Elles são baptisados, graças a Deus, continuou ella; se morressem dos seis aos sete annos, a sua innocencia os levára ao Paraizo; porém, como as pequenas entram nos oito da vida e no caminho do peccado, já comecei a abrir-lhes os olhos: ellas nunca esquecerão a primeira noite de maio: quando o céu, a lua e as estrellas lhe explicaram pela primeira vez o santo nome de Deus!»

Theresa, livre e desafogada de todas as suas preocupações, formalisou-se pouco a pouco com a sua dignidade maternal; quando se tratava de Deus, o que dizia tirava-o do livro aberto da sua alma: a pobre creatura não ostentava eloquencia, mas as suas convicções eram profundas, e nos seus pensamentos elevados havia uma especie de inspiração.

O cura foi ouvindo, e admirando o methodo pelo qual a boa mãe, governada tão sómente pela intelligencia, transmittira da sua á alma dos filhos uma imagem tão tocante da Divindade!

Theresa saíu depois para chamar as creanças, em quanto o bom parochó tinha ido em busca da sua joven irmã. Lia, a ceguinha, tinha vinte e tres annos.

Todas as suas forças intellectuaes tinham-se-lhe concentrado na memoria, cultivada na infancia por uma terna e intelligente mãe, e apurada depois por seu bom irmão e protector.

Lia pareceu encantada d'este novo conhecimento, e como a impressão dos ouvidos lhe substituiu a cegueira dos olhos, ella era attrahida pelo som da voz; a pequena Maria a tinha tão doce e cadente, que as palavras caíam brandamente da sua bôca, como as gotas de agua que murmuram nas sombrias fontes. O cura e sua

irmã formaram, desde logo, o melhor conceito de Theresa, de que ella era realmente merecedora; e despediram-se com promessa de se visitarem reciprocamente a miudo.

CAPITULO XXV.

TRANSFORMAÇÃO.

Que é o tempo? Uma rapida e vigorosa torrente, que atravessando os mundos, leva na sua passagem os annos e os projectos dos homens. A vida some-se successivamente nas suas vagas!

Theresa já tinha trinta e seis annos e andava de luto por sua mãe. A pobre Joanna a Briosa viveu e morreu mais feliz do que o seu heroe; ella viveu da sua gloria, e por sua morte deixou-o imperador da França; Napoleão teve poucos momentos de felicidade, e acabou a vida no exilio e no abandono!

Alberto vinha de tempos a tempos passar alguns dias com a sua familia; chegou ao posto de major; a fortuna, além d'isso, esmerou-se em beneficia-lo, porque, independentemente do seu

posto, elle havia adquirido uma feliz posição no mundo. Em 1809, o general Lannes lhe deixou por sua morte a posse de umas rendosas terras nos arrabaldes de Montpellier.

Porém, Alberto tinha herdado também a lealdade do seu general para com o chefe, e era o primeiro a pegar em armas á voz de Napoleão.

Em Janeiro de 1894 separou-se de sua mulher pesaroso e triste. O guerreiro já se havia affeito ao sibilar das balas; mas a abnegação com que elle expozera a sua vida tantas vezes aos perigos da guerra, era consagrada a dois nomes que se tinham confundido no culto da sua alma: Patria e Napoleão.

Circulavam boatos desagradaveis. As bases preliminares da paz entre Bonaparte e as nações colligadas haviam sido por ellas desprezadas, especialmente da parte do imperador Alexandre, o qual rompeu logo depois da capitulação.

Genova abria as suas portas ao estrangeiro, e porventura o mesmo ía acontecer a Lyon, chave do sul da França!

Em quanto estes sinistros pensamentos sobrecarregavam a tristeza das despedidas de Alberto de Montferrier (nome que tomára das suas terras), uma suave esperança amenisava a dor de sua esposa: Alberto decidíra ser esta a sua ultima campanha.

Ha homens que deixam passar por sobre elles os annos, e que em qualquer tempo ou logar os vamos sempre encontrar envolvidos na sua insignificancia. Diz o vulgo de alguns individuos que viajam: «Aquelle viajou como uma mala, porque foi e veiu, viu e ouviu, porém não viu ou ouviu com os ouvidos e os olhos da alma!»

Quatorze annos de viagens, percorrendo paizes e cidades, aprendendo usos e linguagens; as lides da guerra que o punham quotidianamente em

contacto com a flor dos cavalheiros francezes; a consciencia da consideração que adquirira, não só com o tracto dos homens, mas com o auxilio dos livros; todos estes progressos tinham polido as maneiras, e ennobrecido por tal sorte Alberto, que agora, quando por acaso se encontrava com algum seu antigo conhecido, via-se obrigado a recorrer ao seu nome de familia para que o reconhecessem, e ainda depois continuavam a trata-lo com aquelle acatamento devido ás classes mais altas da sociedade.

A subita mudança de fortuna não tinha alterado a paz interior da boa Theresa, nem a sua humildade perante Deus; lembrada sempre da sua antiga posição, ella redobrava a sua natural meiguice para com os que lhe eram agora inferiores.

Todavia, Theresa tinha-se accommodado ás conveniencias, e havia uma grande

transformação em todo o seu trato domestico.

A pequena casa da montanha havia sido embellesada e augmentada, assim como o numero dos servos.

Theresa já não usava o tamanco de pau usado no paiz, mas andava bem vestida e calçada.

Havia na sala um bom fogão para os dias de gelo; as estantes e as mesas estavam bem guarneçadas de livros e jornaes.

A dona da casa occupava-se agora com mais gosto na leitura; ella utilisava mesmo com as lições que o bom cura dava a seus filhos; e como não lia já furtivamente á noite, ajudava-os e partilhava dos seus estudos.

Forçoso é dizer que no seu exterior havia tambem uma grande mudança; a sua pelle estava um pouco mais branca; tinha as mãos macias como qualquer senhora, e na convivencia com Lia e Jeronymo pouco a pouco havia convertido

o seu ar rustico em uma meiga gravidade.

Lia costumára-se a passar regularmente tres vezes na semana as tardes e uma parte da noite com Theresa e suas filhas. Seu irmão a deixava á porta, e d'ali passava ás suas visitas de caridade; na sua volta, que era sempre no fim da tarde, elle vinha entreter-se com os seus jovens amigos. Foi então que vendo os progressos dos discipulos de Theresa, e os esforços que fazia a boa mulher para tirar das suas fracas luzes grammaticaes uns certos principios e regulamento de ensino, o bom clerigo se offereceu a repartir com a pequena familia os seus conhecimentos, que os tinha em abundancia; e havia quasi cinco annos que recebiam sem interrupção as lições do seu parochó.

CAPITULO XXVI.

O SERÃO.

Uma noite que madame de Montferrier fazia as honras da ceia ao seu circulo, em um bello quarto de jantar: – «Vamos, meu bom cura, disse ella, dae-nos a vossa palavra que nos acompanhareis, ou se não, tereis de arrepender-vos, porque Lia não vivirá muito tempo longe das suas amigas...

– «Não terei esse remorso, respondeu o cura: já lhe propuz a escolha; ella póde ficar acompanhando as meninas.»

– «Irmão, respondeu Lia, nossa mãe choraria lá em cima se eu vos deixasse!»

– «Levae-lhe Joaquim, disse Maria, depois de ter enxugado duas lagrimas – ouvi dizer ao papá que o ía pôr na universidade?»

– «Teu pae ainda não tinha recebido a mais

agradavel das propostas, redarguiu madame de Montferrier: a universidade para o meu filho está ali, continuou ella, apontando para o clerigo.»

– «Nós já o suspeitavamos, disse Luiza: Joaquim é o mais feliz de nós. Mamã, continuou a interessante Luiza, no mez de maio eu e Maria faremos a nossa primeira communhão; mas d'aqui até lá vossas filhas terão um grande peccado a expiar...»

– «Sim, mamã, exclamou Maria; Luiza diz bem...»

– «Então por que, minha filha?»

– «Por que dizes tu? proseguiu Luiza. Não me esqueceu mais o que nos disse o papá aqui uma noite: – quando eu vier da campanha as cousas hão de mudar; nós vamos deixar a montanha, e pôr-vos hei ambas em um collegio de Montpellier, onde ides aprender como todas as meninas da vossa idade. – D'esta sorte, como

todos tres vamos separar-nos de nossa boa mãe, Joaquim foi o mais favorecido: quando tudo nos vae ser estranho e novo, as casas, as igrejas, e a gente, o nosso irmão gosará a companhia do melhor dos mestres, e todos os dias poderá visitar as arvores amigas da nossa infancia!... e, enfim, um homem é sempre mais feliz!»

– «O que?! minhas filhas, disse então o cura; a semente da inveja já caíu nos vossos corações? Tomae cuidado em não pospor para mezes e semanas a destruição de uma planta tão venenosa!

«Vós não sabeis como o mais pequeno grão da inveja germina e procrea, e comtudo, esse mau fructo não devêra attrahir-nos pela acridade do seu sabor!

«O invejoso não póde ser amavel, nem sequer na apparencia: as suas palavras são sêccas como o sentimento que as suggere: o riso morre-lhe

nos labios, porque o seu coração não tem alegria: o seu pranto mesmo corre isolado; elle não póde confiar a ninguem a sua dor, porque o invejoso não tem amigos, e o tempo o torna odioso até ao seu proprio coração!

O cura continuou: «Pois que este vil e ridiculo sentimento começava de despontar no vosso coração contra o vosso companheiro e amigo, contra vosso proprio irmão, estou bem certo que tratareis já de desembaraçar-vos d'elle.

«Sim, meninos, entrae na vida pelos caminhos da caridade: elles são vastos e bordados de flores, e aquelles que os encetam nunca mais os deixam, porque esta santa virtude é como uma mina inexgotavel de bens!

«A caridade é inteiramente opposta á inveja, e a toda e qualquer irritação de espirito, que produz a cegueira immoderada do nosso amor proprio. Levae sempre em vista nas vossas

acções e palavras o bem do vosso semelhante, e apreciareis a vida, porque ella vos correrá no goso da mais pura felicidade.

«Pensae, proseguiu o clérigo, e meditaes sobre o que vos tenho dito, e o vosso bom coração vos ditará a supplica que dirigieis esta mesma noite a Deus, para que o Senhor vos fortifique na caridade. A oração, minhas filhas, é a unica intercessora que temos no céu; mas o fervor e a boa vontade devem acompanhá-la.»

– «Ah! Senhor cura! exclamou Luiza: como a inveja é horrenda! Quem não escolhêra a meiga caridade! Desejo muito pôr em acção as vossas boas palavras, tanto mais quanto em vós mesmo tenho o melhor de todos os exemplos!

«Não sómente amarei como a mim mesma o meu pobre irmão, mas muito mais ainda, porque n'este momento não estou nada contente de mim!...

– «Vamos, mana, disse Maria, abracemos o nosso bom Joaquim! Não posso dizer com palavras o que sinto; mas tenho o coração tão contente, tão aliviado... que penso que Deus já me perdoou.»

Maria entendeu-se com sua irmã, e ambas as meninas correram muito risonhas a abraçar-se com o joven discipulo de Jeronymo.

«Vós não me deixastes fallar; disse então Theresa, quando Maria e Luiza tornaram ao seu logar. Não quiz depois interromper o nosso cura, porque as suas palavras consolam e fructificam. Escutae-me agora, minhas filhas: eu nunca tive tenção de vos separar de mim, e vosso pae conveiu comigo.

«Vós já tocaes nos doze annos. Aquelle que lançou as primeiras pedras no alicerce da muralha deve segui-la até aos ultimos andaimes. Cada minuto da vossa infancia me custou um

cuidado, e posso dizer que vos consagrei a minha vida.

«Mais tarde vossa mãe estudava incansavel as deshoras os livros, para extrahir d'elles, e para vós, uma lição tão pura, substancial e prestadía, como ella desejava.

«Joaquim, minhas filhas, é que vae ficar separado de seus paes por alguns annos, mas confio na protecção do seu sabio instructor.

«Sabeis que o general doou a vosso pae as suas terras de Montferrier, nos arrabaldes da universidade: ali ides adquirir as bellas maneiras das cidades. Em Montferrier tomareis algumas lições de musica e do italiano, lingua que podereis praticar com vosso pae.»

– «Mas o que faremos ás noites, redarguiu o cura, senão começarmos tambem com o italiano? as cabecinhas d'estas lindas meninas

estão bem recheadas de geographia; entendem e escrevem perfeitamente a sua lingua...»

«Como for vossa vontade, respondeu Theresa: n'esse caso, Luiza e Maria pouco vão aprender em Montferrier e estou bem certa que o tempo e as distracções não lhe farão esquecer nunca as vossas lições ao serão!»

CAPITULO XXVII.

CONFORTO DOMESTICO.

Estava-se no mez de março de 1814. De tempos a tempos o cura de S. Lourenço passava dois ou tres dias na cidade de Valencia, em casa do seu amigo.

Esta casa era uma especie de club, onde se ajuntavam todas as noites os amigos que vinham contar-lhe as noticias do dia, e ali conversavam e commentavam os acontecimentos.

As tropas dos alliados já cercavam a capital da França. Bonaparte estava em Fontainebleau. Tudo era confusão; os viajantes que vinham do norte encontravam no caminho calleças com prisioneiros russos, outras carregadas de francezes feridos e moribundos!

Jeronymo, entregue a Deus e ao seu ministerio, não nutria paixão nenhuma politica;

mas tinha como uma afeição paternal pela familia Montferrier. Elle escreveu d'ali mesmo a Alberto, aconselhando-o a não ficar até ao desfecho da situação, e que voltasse ao pacifico retiro da sua familia.

O cura e sua irmã acompanharam Theresa na sua extrema inquietação. As noticias chegavam uma após outra; conhecidos ou estranhos, todos se communicavam. Um pobre aldeão de Voiron bateu uma tarde á porta do jardim, e depois de ter perguntado a Theresa o seu nome, tirou com ar mysterioso um papel do seio; era uma carta de Alberto de Montferrier. Eis o que continha:

«Fui ferido, minha cara esposa! porém não te assustes... A lança inimiga rompeu-me levemente a carne em uma coxa: bem vêes que a mão está firme, como tambem a alma; posso usar d'ellas ambas, apesar das minhas dores phycas e moraes.

Ámanhã principio a marcha; mas não contes as horas, porque a conducção agora é difficil, e a minha jornada ha de ter alguma demora.

Vitry, 2 de abril.

Alberto de Montferrier.»

«*N.B.* Dize ao nosso amigo cura, que fui entregue da sua, de 6 de março, e que lh'a vou agradecer de viva voz.»

Alberto não veiu senão no dia 13, dois dias depois da abdicção. Eram oito horas da noite quando elle chegou. Entrou encostado a um velho camarada; estava pallido e triste. Pouco a pouco o conforto e o carinho da familia apressaram a sua convalescença.

«Theresa, disse elle então a sua mulher, encarei ha pouco a morte... ella causou-me tanto horror longe de ti, que desde hoje as nossas ausencias serão de poucas horas. A nossa causa está perdida... o imperador abdicou! a teu marido

cabe ao menos a gloria de haver derramado algum sangue por Napoleão! Agora, porém, é a ti e aos meus que consagrarei a minha vida.

A ferida de Alberto não era grave, mas o seu restabelecimento teria delonga, e antes de dois mezes não poderia andar pela casa.

As lições continuaram todas as noites. Theresa rogou ao cura de vir passar um dia cada semana com seu marido: «É o unico da familia que não tem practicado connosco, dizia ella; a sorte de Napoleão o traz demasiadamente preocupado e triste... procurae distrahi-lo!»

Alberto foi recebendo as noticias da bôca do padre Jeronymo, mas elle temperava-as e modificava-as, juntando-lhes as suas reflexões religiosas. A sua conversação, facil e espirituosa, não somente attrahia, mas arrastava comsigo a vontade dos que o ouviam, que a final depositavam todas as opiniões na balança da sua

ração. O seu estylo era biblico, e as suas frases sentenciosas sem pretensão.

O filho de Anselmo achava-se agora em uma atmospherá de paz e fraternidade. A posição quieta, em que o conservava a ferida, fazia-o gosar da alegre scena que lhe offerencia cada dia a sua casa, sob a superintendencia de Theresa.

A voz de Maria o despertava ao romper do dia. O quarto das meninas ficava no novo sobrado da casa; ahi estava tambem a sala, e um pequeno quarto aonde a alampada alumiava agora um bello oratorio.

D'ahi a pouco ouvia-se a grave consonancia de vozes na oração: Theresa e seus filhos faziam a reza da manhã.

A familia reunia-se então no quarto do jantar, aonde se achava o pae estendido sobre um singelo divan; os tres irmãos traziam para ali os seus livros de estudos, em quanto servos com

socego e ordem obedeciam á voz da boa governanta.

Theresa não se dedignava de ir á cosinha; a sua actividade animava os domesticos no trabalho; imprimia em tudo o cunho da sua bondade, e, pondo de parte o devido respeito, havia entre a ama e os creados uma confiança mutua.

Alberto occupava-se muito em ler, e a livraria escolhida de Jeronymo passava-lhe agora pelas mãos.

CAPITULO XXVIII.

O PAE E O FILHO.

A bulha dos ferros do captivo da ilha d'Elba perturbava as bachanaes da restauração dos Bourbons. Uma mulher que viera d'ali foi presa, por ter espalhado boatos mais circumstanciados dos preparativos que se faziam em Porto-Ferraajo.

No 1.º de março de 1815 os telegraphos annunciaram o desembarque do heroe. Esta importante noticia voou de bôca em bôca, de bairro em bairro, de cidade em cidade; chegando brevemente até ao presbyterio de S. Lourenço.

D'esta vez foi Alberto de Montferrier que a trouxe ao cura. Mr. de Montferrier tinha tomado o seu partido; e queria inteiramente eximir-se de todo o compromettimento. O fogo da paixão tinha arrefecido com o tempo e a reflexão: considerava ainda Napoleão como o maior dos

guerreiros; mas já não como a columna protectora da sua patria. Foi, pois, de accôrdo com o seu amigo, que decidiu demorar-se mais uns tempos na sua casa da montanha, que lhe servia como de guarida contra as tempestades politicas.

Mr. de Montferrier saía regularmente todas as manhãs e tardes. Uma invernosa manhã, quando vinha no caminho de casa, ouviu atrás de si um tossir que não lhe era desconhecido; voltou-se immediatamente, e reconheceu seu pae.

«Cumpriram-se os meus votos! exclamou Alberto apertando em seus braços o saudoso pae: vós vindes gosar o descanso e o doce conforto que Deus vos guardava para a ultima quadra da vida. Sim, meu pae, vosso filho esta rico; a minha casa, a minha familia vos esperam, e todas as commodidades e todo o amor!

– «Pobre Alberto! respondeu Anselmo, com a

voz extremamente fraca: – tu não reparaste bem em mim... não te illudas: os teus votos não se podem cumprir.

«O descanso não está aqui: disse o respeitavel ancião, apoiando ao hombro do filho a fronte despovoada; aqui, continuou elle, apontando para o coração, tenho como um punhal a avivar-me sempre a dor... aperta esta mão, filho, vê como queima... é a morte...Caro Alberto, bemdito seja Deus! – O senhor permittiu que eu chegasse... mão amiga me cerrará os olhos; terei quem chore sobre o meu cadaver!...»

Alberto ouvia triste as desconsoladoras palavras do ancião e contemplava aquelle rosto descarnado; porém, quando sentiu nas suas mãos o fogo consumidor que o ía privar do melhor dos homens, de seu bom pae, para quem elle destinára o melhor logar na sua casa, os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas, que como duas

torrentes lhe surcaram o rosto varonil: elle não sabia se preferíra ver ou não ver seu amado pae n'aquelle estado!

Pelo caminho Anselmo fez algumas perguntas a seu filho sobre mademoiselle de Nesle. O almoço já estava prompto na mesa, quando Alberto entrou com seu pae de braço dado.

«Meus filhos, disse Alberto, tomae a benção a vosso avô! – Theresa, continuou elle, meu pae vem doente, muito doente... o seu estado exige tratamento e socego: faze arranjar-lhe o quarto da sala que fica em cima e desviado, em quanto elle descansa e toma algum alimento.»

Anselmo sentou-se á mesa, e Maria serviu o café, em quanto Luiza saíu a ajudar sua mãe nos arranjos para o doente.

As grandes molestias originam prostração de forças com que também descáe o espirito; e o homem fica abatido e quasi insensivel. Anselmo

tinha sido acometido por uma violenta febre na pequena cidade de Villa-Franca no Lionnez. O desejo de ver a sua familia, e de dar algumas instrucções a sua nora acerca do futuro destino da filha de Alicia; a ancia de contemplar ainda uma vez, antes de morrer, a neta de seus patrões, a filha da sua adopção; fe-lo levantar do leito ainda bem não começára a sua convalescença.

A proporção que se aproximava ao fim da sua viagem, sentia as forças novamente entorpecidas; o physico succumbia, a angustia dilacerava-o ao ver outra vez a patria, de quem longe vivêra saudoso, e para onde o trazia uma saudade mais triste e mais pungente!

Quando o bom ancião se sentou á mesa de seu filho, accommetteu-o um accesso violento de febre; mas a doce voz de Maria o fez um momento saír do lethargo, e Alberto percebeu que seu pae a contemplava, e que um sorriso de

satisfação lhe animára o sembrante.

Quando Anselmo se achou accommodado no seu novo aposento, e só com sua nora, disse-lhe francamente que se sentia de hora a hora a desfallecer. – «Escreve quanto antes, proseguiu elle, duas linhas ao veneravel parcho, de quem tanto me has fallado nas tuas cartas: dize-lhe que teu sogro quer conhece-lo e abraça-lo antes de morrer, e receber das suas mãos os ultimos sacramentos. – Hoje, minha Theresa... que amanhã talvez já não possa.»

A nora de Anselmo passou a escrever ao cura, em quanto seu marido mandava recado ao melhor medico da cidade, que devia partir logo que lhe chegasse o aviso, prevenindo-o de trazer comsigo os remedios immediatamente necessarios. Maria foi para o quarto do enfermo.

A prudente Maria conservava-se calada; reinava em toda a casa um profundo silencio.

Anselmo estava fraco, mas no goso pleno dos sentidos; para bem observa-la, elle simulou ao principio não ter visto Maria.

Sentada em uma cadeira defronte do leito, elle viu-a erguer-se de repente, e saír devagarinho, deixando a porta mal aberta. Passaram apenas dois minutos, quando a menina voltou, trazendo nas mãos um pequeno crucifixo de pau embutido de madreperola. Tendo fechado cuidadosamente a porta, ella aproximou-se pé ante pé ao leito de seu supposto avô.

Julgando que elle dormia, ficou sobresaltada quando os seus olhos se encontraram com o fixo olhar do ancião:

– «Vem, lhe disse elle; tu tens o ar de um anjo: faze o que o Senhor te mandou.»

– «Quizera atar esta sagrada cruz á vossa cabeceira, meu caro avô, disse ella: – vós velastes sobre a minha infancia, eu devo ajudar-

vos na velhice: conservei sempre a vossa lembrança nas recordações dos meus primeiros annos.»

Dizendo isto, ella subiu á cadeira que estava junto ao leito, e atou com uma fita á cabeceira o crucifixo; desceu depois em silencio, e tornou ao seu logar.

Passado algum tempo, Theresa entrou no quarto com seu esposo, e disseram a Maria que fosse com sua irmã colher algumas rosas para enfeitar o altar que se ía preparar n'aquelle quarto.

CAPITULO XXIX.

A ITALIANA.

Tinha havido um forte temporal n'aquella noite, e se bem que a chuva houvesse cessado desde pela manhã, a alameda estava n'um charco. Costumadas aos gelos e á humidade, Luiza e Maria, tendo calçado os seus tamancos, foram com açafates em busca das rosas que estavam na sebe á borda da estrada.

– «Tu não te lembravas d'elle? – disse Maria a sua irmã, caminhando ambas a custo pelo terreno que escorregava.»

– «Confusamente, lhe tornou a outra.

– «É porque n'esse tempo elle estava comigo na bela casa, aonde a mamã me poz a crear. Eu conservei por muito tempo lembrança d'elle; não havia de conservar, se elle era tão bom para mim!...»

– «Bateram? – disse Luiza; estão todas tão ocupadas: vamos; vejamos quem é.»

Ellas correram ambas a abrir a porta.

Uma mulher, moça ainda, e de uma rara belleza, se apresentou aos olhos admirados das duas irmãs.

Seus fatos eram simples e modestos; uma longa mantilha preta lhe cobria parte do corpo; trajo desusado nos campos, e mesmo nas cidades em França. Ella vinha a pé, só, e toda molhada do chuveiro que continuava a cair; mas apesar d'este desamparo, e pobre apparencia, suas mãos, sua pelle, e porventura a humilde candura do seu porte, tudo n'ella indicava uma esphera superior, e differente inteiramente de toda a pobre gente que batia á porta de mr. de Montferrier.

– «Eu não sei onde estou, nem quem vós sois, meninas: procurava a casa hospitaleira do bom cura d'esta parochia!»

Estas poucas palavras foram proferidas em italiano com accento genovez.

– «É preciso andar d'aqui umas boas duas horas para lá chegar da maneira que estão os caminhos, disse Maria: pareceis-me estrangeira, senhora!»

– «Sim, minha boa menina, respondeu a desconhecida: estrangeira... e bem desventurada!

– E todavia, eu já fui rica e feliz; e agora desgraçadamente fui obrigada a deixar a minha bella patria, e a procurar no estrangeiro um estabelecimento para o meu triste mister. – No campo, tão longe... direis vós?

«Já estive em duas das vossas cidades, Grenoble e Viena; comecei a dar algumas lições de musica e italiano; mas quanto ganhava, quanto dispendia: na minha Italia ama-se mais a musica. Disseram-me que faria mais fortuna para o interior do reino; hontem com effeito metti-me

em um barco, no Rhodano; mas o conductor d'elle não me entendeu, e trouxe-me para o sul... desembarcando-me em uma praia desconhecida; passei a noite em uma pobre cabana, e ao romper da manhã, caminhei pelo espaço de quatro horas sem descanso! A fadiga me obrigou a sentar-me, e como continuamente chuviscava, procurei o abrigo de uma arvore á borda do caminho. O acaso fez que passasse por ali um pequeno destacamento de tropas francezas; dirigi-me afoitamente a um dos officiaes, que me parecia humano, e perguntei-lhe se me podia orientar no caminho que me levasse a algum logar aonde se dêsse hospitalidade e protecção por um ou dois dias a uma infeliz estrangeira.

«O cavalheiro respondeu-me em italiano, que caminhando eu sempre para cima, achar-me-ía antes da tarde na igreja S.Lourenço; que o respeitavel cura do presbyterio era um seu antigo

conhecido, e que eu acharia em sua casa hospitalidade e protecção. O estrangeiro teve a bondade de escrever o seu nome com o lapis n'este papel para me servir de recommendação.

«Entretanto, continuou ella, confesso-vos que não posso dar um passo mais... Se me podesseis accommodar em um cantinho da vossa casa por esta noite! – o dia já vae declinando, andei muito, e apenas comi pela manhã um pedaço de pão...»

– «E tendes bem necessidade de enxugar o vosso fato! disse Maria, commovida de compaixão e sympathia – a casa está um pouco atrabancada, mas dormireis no nosso quarto.»

– «Vinde connosco, disseram as duas irmãs, andando ambas adiante para lhe ensinarem o caminho.»

– «Como vos chamaes? – perguntou Luiza.»

– «Theresa Mancini, respondeu a estrangeira.

– «É o nome de nossa mamã, exclamaram as meninas.»

– «Vosso pae entrou na campanha? perguntou a estrangeira.»

– «Sim, senhora, disseram ellas.»

– « Dizei-me o seu nome, póde ser que o conheça.»

– «Alberto de Montferrier, tornou Maria: conheci-lo?»

– «Conheci alguns officiaes francezes durante a guerra, porém o nome do vosso pae não me é conhecido.»

Maria deu a volta para entrar na cosinha, em quanto Luiza foi avisar sua mãe.

– «Esperae aqui, disse a boa Maria á estrangeira, apresentando-lhe um assento; – eu volto já a trazer-vos calçado, porque deveis de certo ter os pés muito humidos.»

As mulheres do serviço, entrando e saíndo da

casa, lançavam olhos de compaixão para a bella desconhecida, que fazia um contraste com o seu estranho traço encharcado de chuva.

Os cães da herdade vieram mansamente ao pé d'ella, e olharam-na com ar fagueiro, abanando a cauda!

Madame de Montferrier entrou um momento depois com suas filhas; ella estava entregue a tristes preocupações, mas o aspecto da interessante italiana desafiou-lhe a surpresa e a sympathy.

Querendo cumprimenta-la, dirigiu-lhe algumas palavras em italiano que decorára nas conversações de Alberto com suas filhas; – depois voltou-se para estas dizendo: «Ide com ella para o vosso quarto, meninas; mudae-lhe o fato, e trazei-lhe algum alimento quente. Contae-lhe o triste accidente que nos sobreveiu hoje, e que prende vossa mãe em serios cuidados.»

Em quanto as meninas faziam todo o agasalho á sua nova amiga, foram-na pondo ao facto do acontecido em casa n'aquelle dia.— «Deus! disse a italiana sobresaltada e afflicta: — a desgraça acompanha-me por toda a parte! Vim aqui para ver expirar o chefe de uma tão amavel familia, que sem duvida deve ser uma vida preciosa e necessaria!» Um profundo suspiro arrancou algumas lagrimas á infeliz senhora...

— «O meu coração estava hoje triste, senhora, lhe disse a boa Maria, mas porventura o vosso candido aspecto me suavizava tamanha afflicção! Agora vejo-vos chorar, e não sei como hei de consolar-vos...»

— «Amavel creança! exclamou a estrangeira:— tão joven, e com tanto espirito! Vós tendes ambas uma educação tão completa, que me parece um prodigio no meio d'estes descampados!»

– «Tudo devemos a nossa boa mãe, e ao bom clerigo para quem trazeis recommendação; disse Luiza.»

Quando ellas fallavam, uma rajada de vento lhes trouxe a toada sonora do sino do presbyterio.

Maria estremeceu: – «É Nosso Pae que vem para meu avô! – disse ella: desculpae-nos de vos deixar aqui; outros deveres nos chamam...» e ambas saíram do quarto.

Pouco depois Lia chegou, que viera no carro adiante de seu irmão. Madame de Montferrier disse a suas filhas que ficassem em baixo com a sua amiga, em quanto seu avô ía confessar-se. N'estes arranjos ella precisou de ir ao oratorio, e atravessando o quarto de suas filhas deparou com a figura immovel e melancholica da bella italiana; tendo trazido do oratorio o que ali fôra procurar, ella dirigiu-se á estrangeira,

apresentando-lhe a mão. Theresa Mancini levantou-se, e seguiu a sua amavel conductora; tendo atravessado ambas um pequeno corredor, entraram por uma porta que estava entre-aberta para o quarto do doente.

Um leve estremecimento se apoderou da estrangeira. Madame de Montferrier a fez sentar em um canto do quarto desviado do leito, e foi occupar o seu logar ao lado do enfermo.

D'ahi a pouco Alberto chamou sua mulher. Ouviu-se então em baixo um pequeno ruido, e um passo mais pesado subir os degraus da escada.

CAPITULO XXX.

PRIMEIRÁ CONFISSÃO.

A senhora Mancini viu entrar um respeitavel clerigo: era alto, tinha a testa espaçosa, e um pouco calva, não pela idade, mas naturalmente: em todas as suas feições resumbrava a fé e a caridade.

Parou á entrada, olhando para o lado do leito, sem dar atenção á estranha guarda de Anselmo. Depositou em um pequeno altar o Viatico, e fechando com cuidado a porta, preparou-se para cumprir os santos deveres do seu ministerio.

– «Abraçemo-nos primeiramente como amigos que já somos,» disse o reverendo padre.

– «Sim, lhe respondeu o desfallecido ancião: – ha muito tempo que vos amo!

«Vamos, sacerdote de Deus, tornou Anselmo. A minha vida, continuou elle, tem sido uma

longa cadeia de affectos, e não posso confessar-me sem envolver comigo os que eram a alma da minha alma! – Os meus segredos são os d'elles; e tenho grandes segredos que me pesam, e que devo depor sobre a terra antes que ella me cubra!»

– «Amarás a Deus sobre todas as cousas: este é o primeiro mandamento do Decalogo, começou o bom cura: – tendes sido bom christão?»

– «Por esse lado, meu padre, penso que Deus não me tomará contas.»

– «O sacerdote proseguiu: – Não jurarás seu santo nome em vão?»

– «Os meus escrupulos, padre, disse o ancião, não direi remorsos; mas os meus escrupulos partem todos d'ahi...

– «Farieis algum falso juramento, e tendes d'isso a consciencia? – disse o padre, elevando um pouco a voz.»

– «Não, padre, respondeu o enfermo; – eu tenho a consciencia da integridade com que cumpri o meu juramento. Mas... quando n'essa promessa fui obrigado a invocar o nome de Deus, mal sabia então a que extremo lance me levaria o cumprimento da minha palavra, e que me veria constrangido a roubar uma filha a seu pae!»

A estas palavras, o vulto de mulher que estava na obscuridade, por detraz das cortinas do leito, fez um arrebatado movimento; a italiana ergueuse de pé, e adiantando-se um só passo para escapar á observação dos dois, permaneceu assim immovel, inclinando um pouco a cabeça como quem escuta attentamente.

– «Estranho caso!» – disse o cura.

– «Vós admiraes-vos, e vejo que a minha temeraria acção vos repugna, replicou o doente: – escutae-me, senhor, vós não me podeis

absolver, sem ouvir até ao fim: escutae-me, e sentenceareis.

Anselmo encetou então a narração da sua vida, a qual, como elle disséra, estava toda complicada com a de seus amos. Foi trazendo a pêllo a toda a historia de Frederico, e fazendo de espaço a espaço algumas pausas por causa da grande debilidade de suas forças; até que chegou á critica epocha do rapto de Amelia de Nesle da casa paterna.

A italiana fez um segundo movimento, elevando as mãos para o céu!...

O enfermo concluía, e fitando attentamente os olhos no semblante do confessor, parecia esperar anhelante a sentença do digno sacerdote.

– «A menina que confiaste a vossa nora é porventura uma das nossas gemeas, ou... levou-a Deus?» – perguntou o padre commovido, e interessado de mais a mais por tão extraordinaria confissão.

A estrangeira deu mais um passo, e na sua ansiosa atenção parecia até conter o proprio respirar.

– «Não, meu padre, redarguiu Anselmo: vós a conheceis melhor do que eu! é Maria, meu respeitavel amigo!»

Ao ouvir estas palavras do doente, a mulher immediatamente poz-se de joelhos, e inclinou a cabeça até ao chão; n'esta humilde posição, ella parecia enviar silenciosamente a Deus alguma prece fervorosa!

Anselmo continuou contando a scena edificante que passára com a menina n'aquella manhã: – «Estou impaciente, disse elle, por saber o que direis a respeito da minha resolução? – entretanto, devo confessar-vos que me sinto alliviado do grande peso que tinha na consciencia... Sim, senhor; comecei mesmo desde hoje a nutrir esperanças no melhoramento

da chaga do meu coração... aberta sempre, em quanto Deus não tocar da sua graça a ovelha perdida que ficou a meu cargo... esse filho da minha alma!...– balbuciou Anselmo, enxugando algumas lagrimas, e proseguiu: – Experimentei uma suave alegria ao contemplar a celeste acção d'aquella creança; julguei ver n'ella o anjo que me trazia a recompensa em nome do Senhor... e é verdade, meu padre, claramente verdade, que me sinto melhor no meu estado de saude.

CAPITULO XXXI.

CONTINUAÇÃO.

– «A base essencial da nossa doutrina, prorompeu o cura, encerra-se n'estas palavras: Fé, Esperança, e Caridade. – A fé é a nossa viva crença em Deus. A esperança é o futuro da nossa alma na eternidade. A caridade é o nosso amor para com o proximo.

«Devemos amar os homens como nos amâmos: todo o amor proprio resolve-se pois em fraternal affecto.

«Mas, primeiramente, em Deus não podemos nos crer sem profundamente ama-lo, filho! – E o Senhor quer que este culto se anteponha a todas as affeições da nossa alma.

– Vede os espaços incalculaveis que nos separam das regiões celestes: os homens não poderão jámais elevar-se além da rasteira esphera

que lhe assignou a Providencia: e que ha na terra que possa vibrar tão longe, e transpor de um só vôo a immensidade dos ares, se não fôr o amor!

«Julguei ver ao principio uma pouca de exaltação no vosso amor com o proximo: todo o excesso degenera em paixão. Tive estes receios no exordio da vossa confissão, continuou o bom cura; mas, pouco a pouco, o vosso profundo sentimento religioso se foi demonstrando nos passos singelos mas tocantes da vossa vida, até que este sentimento se patenteou claramente a meus olhos, produzindo o rasgo portentoso de fé, de religião, e de inteiro desapego a todo o prejuizo humano, com que arrancastes dos braços uma unica filha ao filho que vos era tão caro, para entrega-la a Deus!

«Esperae, amigo, já vos sentís melhor, proseguiu o respeitavel clérigo; e as suas palavras tinham um accento de predicção prophetica.

«Vós vivereis para ver o desfecho da grande

missão a que viestes ao mundo, homem de Deus!

«Maria, dizeis bem, é dotada naturalmente de uma angelica perfeição; com a educação que lhe temos dado, não pode d'ali saír senão uma grande maravilha; porque a menina tem conhecidamente a graça de Deus.

«Agora que já socegastes sobre o que respeita á filha, voltae sem demora para o pae: não esmoreçaes nas esperanças de traze-lo á conversão. Vós me dizeis que elle está unicamente aturdido com as novas philosophias; leis de convenção que adoptam os mancebos devassos que se querem illudir a si mesmos, em quanto o remorso e a consciencia os não leva a reconhecerem um principio sobrehumano, inabalavel, como essa espaçosa abobada do firmamento, obra gigantesca e esplendida, que nos apresenta a ordem e o poder de um grande Creador que tem na sua mão o compasso das

horas, dos dia, dos annos, e a diuturnidade dos seculos!

«Dizeis-me que professando apparentemente o scepticismo, elle o faz meramente por um falso pejo de seguir os preceitos do Evangelho; que o mancebo se embriaga como para esquecer a vida no entorpecimento das idéas, e que a sua fraca razão, e não a paixão desordenada, o leva a um tal excesso. Além d'isso elle não se tem lançado em todos os extravios da immoralidade: esse desgraçado amor que elle conserva interiormente a seu pesar, por uma indigna esposa... vejâmos se o podemos voltar para uma virtuosa e encantadora filha... Ide, meu filho; eu prometto ajudar-vos com o auxilio de Deus! O ponto principal depende muito de vós, das vossas instigações a faze-lo deixar quanto antes a Inglaterra: elle nunca falla em voltar a França?»

– «Podeis imaginar, santo padre, respondeu

Anselmo, qual seria o meu empenho em arrebatá-lo d'aquelle foco de irrelição; quanto não ansiava eu mesmo por regressar á minha patria, aonde tantos affectos e cuidados me chamavam: porém...» Anselmo ficou um momento perplexo, e o seu rosto cobriu-se de uma expressão triste: – ía abrir o cofre mais recondito do seu coração.

«Repugnava-me dizer-vos... mas comvosco não devo ter segredos. Eu não posso voltar, como pensaes, á Inglaterra, porque o pobre mancebo... o desgraçado... expulsou-me!»

Estas palavras foram seguidas de um pequeno silencio, o qual o cura interrompeu, dizendo:

– «Estou bem certo, segundo a informação que me tendes dado do homem, que esse impeto insensato proveiu mais da desordem do seu espirito, do que da natural indole; mórmente asseverando-me, como me asseverastes, que elle

tem por vós grande sympathia.»

– «Sim, meu padre, tornou o velho; elle era muito meu amigo: e dir-vos-hei que tinha para comigo, ás vezes, uma submissão filial! Mas a desgraça não se cansa de nos perseguir, e um dia (devo confessa-lo) abusei porventura demasiado da grande influencia que tivera até ali sobre o meu jovem patrão! Infelizmente foi em um d'esses momentos de impaciencia que o accommettiam; e, fortemente encolerizado, levou-me pelo braço até ao ultimo degrau da sua porta, e ali me fez esperar alguns minutos, até que vi descer um homem carregado com tudo o que me pertencia, o qual fechou sobre mim a porta d'aquelle a quem eu dedicára toda a minha existencia!

«Comtudo, senhor, se não fôra eu sentir-me no outro dia incommodado e doente, em vez de embarcar, teria voltado aonde o grito do meu

coração me levava; mas pensei em vir morrer á minha patria... a natureza me fallava tambem por estes... Tenho um unico filho, senhor, e o mancebo uniu-se a uma mulher que me faz amar duplicadamente a existencia!»

– «Vossa nora faz-se digna de toda a consideração,» disse o cura.

– «Pensando no que me dissestes, tornou o bom Anselmo, se a minha melhora continuar, estou resolvido a voltar á Inglaterra. Ha já dois annos que o conde tem fallado repetidas vezes na sua volta á França; ultimamente elle havia fixado o seu regresso para o proximo abril. Tencionava ir primeiramente a Montpellier, porque a lembrança de sua sogra persegue-o como um remorso...»

– «Houve alguma desintelligencia entre o conde e sua sogra?» – perguntou o cura.

– «Como vos tinha dito, os desgostos

tornaram-no impaciente. Na sua ultima volta de Inglaterra, tres dias depois, passou por Montpellier; e sem attender á delicadeza de sentimentos de uma senhora e mãe, fez-lhe uma narração precipitada do proceder desenvolto da sua indigna esposa... foi uma grande desgraça! porque a pobre senhora perdeu o juizo desde então...»

CAPITULO XXXII.

A SURPREZA.

Ouviu-se n'este momento um forte soluçar no quarto.

– «Que é isto? – disse o cura, levantando-se: – Estava aqui alguém?»

Deu apenas alguns passos, quando viu no canto mais escuro do quarto uma mulher estirada no chão, quasi sem sentidos.

– «Quem estava a chorar?» – perguntou Anselmo.

– «É, penso eu, disse o cura, a guarda que madame de Montferrier poz aqui ás vossas ordens; mas a pobre mulher está em peor estado do que vós, segundo vejo...»

Madame de Montferrier e seu marido acudiram ao chamamento do cura.

– «Céus! – exclamou Theresa: – a infeliz

estava doente talvez!»

– «É uma italiana, disse Alberto ao cura, que vos procurava hoje á nossa porta. Theresa tinha-me dito que a deixára aqui... nada receieis, meu padre; ella não entende uma palavra do francez.»

Madame de Montferrier e seu marido levaram em braços e quasi desmaiada a nossa italiana, deixando em socego no quarto os dois, que haviam sido tão inesperadamente interrompidos na sua grave conferencia.

– «Fizeste mal de a deixar fechada tanto tempo n'aquelle quarto, disse mr. de Montferrier a sua mulher; isto é uma suffocação talvez: ar, ar, é de que ella mais carece!» – dizendo isto, correu a abrir as janellas do quarto, em quanto Theresa e suas filhas lhe davam a cheirar alguns espiritos.

A pallida luz do crepusculo descaía sobre o semblante da bella italiana: – «Não ha nada de commum n'esta creatura, disse mr. de

Montferrier, depois de a ter contemplado um momento com os braços cruzados: – alguma grande dor punge aquelle coração... tão forte, tão extraordinario como a sua formosura!»

Era na verdade bellissima a estrangeira!

O ar fresco, os espiritos, e o silencio, tinham-lhe acalmado a nervosa convulsão; a respiração ouvía-se mais doce e regular, e ella tinha adormecido pouco a pouco.

Seus cabellos negros e assetinados trazia-os entrançados á italiana: estas tranças tinham-se desprendido, e caíam-lhe pelos hombros, e sobre o peito em desalinho. Os olhos, guarnecidos de assetinadas pestanas, tinha-os cerrados; o seu rosto estava coberto de uma pallidez que lhe augmentava os encantos; a bôca breve e graciosa, sobre a qual parecia adejar um meigo sorriso, dizia bondade e infortunio.

Tendo-se passado assim o espaço de uma hora,

ouviu-se o toque de uma campainha no quarto de Anselmo; a familia correu ali toda, e o cura administrou o Sacramento. A melhora do bom ancião, derramou por toda a casa uma serena alegria. O cura, tendo ouvido fallar a madame de Montferrier e suas filhas da interessante e triste estrangeira, commovido elle mesmo do que houvera presenciado, propoz-se a ir fallar-lhe.

– «Vamos, disse Jeronymo, nem só a miseria soffre! – Pobre filha! – continuou, em bom italiano, o clerigo aproximando-se da estrangeira: – Vós tendes um meigo e triste aspecto; a vossa situação me penalisa, e quereria ser-vos util em alguma cousa.»

– «Vós podeis sê-lo, senhor! exclamou a mais sonora e doce voz – Apenas tenciono demorar-me aqui esta noite: permittis que vos procure ámanhã cedo?»

– «Sim, minha filha, respondeu Jeronymo: –

estou sempre em casa pela manhã, ou na igreja.»

– «Então... disse a italiana: – até amanhã!»

– «Dormi e descansae, continuou o cura levantando-se: vós estivestes doente ha pouco, e o repouso vos é necessario.»

– «Sim, padre, tornou ella; –que a tarde passei-a bem incommodada...

O cura e a familia estiveram reunidos, como de costume, o resto da noite: os dois doentes careciam ambos de socego. Ás dez horas despediram-se, e mr. de Montferrier deu ordem ao bolieiro de ter prompto pela manhã cedo o carro.

Madame de Montferrier subiu então a despedir-se da sua hospeda, a qual lhe transmitiu, por via de suas filhas, palavras de cortezia e sincera gratidão. O carro ficava cedo ás suas ordens, para transporta-la á igreja do presbyterio.

Maria e Luiza, a quem seu pae e mãe haviam

recommendo que não perturbassem o socego da sua companheira da noite, desviaram-se d'ella em silencio, sentido não lhes ser permittido fallar-lhe.

– «Eu contava com duas amigas esta noite ao meu lado, disse tristemente a estrangeira: –mas... a desgraça que excita á compaixão as boas almas, nem sempre póde inspirar-lhes a sympathia!» – Estas palavras produziram um prompto effeito. As duas irmãs correram logo a abraça-la, e Maria rompeu o silencio, dizendo:

– «Ah! – não nos deis uma idéia tão triste dos vossos infortunios; e deixae a esperança a estes corações que vos amam como as vossas antigas amisades, que a felicidade poderá ainda um dia alegrar o vosso bello rosto!»

– «Minha filha! – Maria é o teu doce nome... mas deixa-me chamar-te minha filha! – dizendo isto, um subito e copioso pranto orvalhou a face

de madame Mancini, e ella apertou convulsivamente Maria contra o seu coração.

– «Vinde tambem abraçar-me, disse a estrangeira a Luiza: – amo-vos tambem, muito, muito!»

– «Se fosseis para Montpellier talvez nos tornassemos a ver, disse Luiza; nós vamos acabar a nossa educação em Montferrier, que é nos arrebaldes.»

– «Quando é a vossa viagem para Montferrier?» perguntou madame Mancini: – «O papá diz que infallivelmente devemos ir no mez de maio.»

– «Março, abril, maio, disse a bella italiana, contando pelos dedos: – dentro em tres mezes nos veremos, e porventura travaremos relações mais íntimas de amisade! Comtudo, continuou ella reflectindo, e fitando tristemente os olhos no chão: – podem sobrevir obstaculos... e não devo

prometter-vos o que não posso com certeza cumprir.»

– «Faremos todos os dias uma petição á Santa Virgem, disse Maria; é uma boa intercessora que temos...»

– «Que Deus te ouça meu anjo! – exclamou madame Mancini, e que a tua oração seja propicia a ti e aos teus!!»

As companheiras do quarto deitaram-se era já alta noite.

Pela manhã muito cedo, a sympathica hospeda vestiu o seu fato, que havia sido enxuto a ferro. Todos dormiam ainda. A natureza mesmo indolente, parecia ressarcir-se das suas exaustas na tormenta da precedente noite, e nem se ouvia o mais leve murmurio da aragem. A aurora não acabára de transpor as orlas do horisonte, mas a vaga luz do crepusculo lançava uma frouxa claridade por todo o quarto de mademoiselles de Montferrier.

Madame Mancini ajoelhou junto ao leito das meninas, e demorou-se ali algum tempo com o lenço nos olhos: – «Dorme, dorme, disse ella, interrompendo brandamente o silencio de toda a natureza: – tu não verás chorar d'esta vez a tua desconhecida amiga... este rosto que te agradou, vae envelhecer com saudades tuas! – não ousou perturbar a serenidade do teu descanso... adeus, preciosa flor... aqui te deixo!... de mim só te fica este triste e isolado nome: Theresa Mancini!»

Pouco depois ella descia a escada, parando a cada degrau para enxugar as lagrimas.

CAPITULO XXXIII.

A IGREJA DE S. LOURENÇO.

Era uma manhã sombria e frigidissima. Madame Mancini encontrou no seu caminho algumas camponias, que saíam tiritando de suas casas a buscar agua em cantaros, trajando grosso sayal.

– «Nós estamos perto da casa do nosso cura, disse o conductor: – mas talvez queiraes ir á igreja, que é onde elle está certamente a estas horas?»

A italiana não o entendeu.

O homem disse comsigo: – Nós viemos a passo, elle está na igreja. Entrarmos aqui é uma asneira... é melhor po-la com Deus! – E de mais, o nosso cura é um homem que sabe muitas linguas; elle que se entenda com a tal estrangeira!»

E dizendo isto conduziu o carro á porta da igreja.

O sacristão já tinha aberto a igreja, porém o cura ainda não tinha chegado. Pouco depois elle entrou com Lia, e tendo feito oração, passou a revestir-se para o sacrificio.

Acabada a missa; o sacristão foi conduzir a cega a casa: o parcho sempre se demorava mais algum tempo por fóra.

Aproximando-se então da italiana cumprimentou-a, dizendo-lhe: Se não sois muito friorenta, quereis tomar um pouco de ar no adro antes de irmos para casa?»

– «Este ar é saudavel, padre, redarguiu a italiana saíndo da igreja com o padre.»

O adro da igreja de S. Lourenço era pequeno, mas tratado e conservado pela mesma desvelada mão que vigiava sobre o aceio do interior do templo. Defronte da porta havia uma velhissima

arvore. O tronco, cansado já dos annos, deixava aos seus tenros renovos todo o viço do primeiro verdor; a folhagem ia enlaçar-se com os ramos de alguns arbustos; plantados de poucos annos, compondo assim uma frondosa, abobada, sob a qual avultavam alguns assentos mais elevados, em um chão alcatifado de relva.

– «Minha filha, disse o bom sacerdote – sois italiana. Vossa linguagem pura, vossos trajos, vossas cores, e, porventura, uma certa exaltação de sensibilidade... tudo em vós revela uma legitima filha do ardente clima de Italia.»

O padre fez uma pequena pausa; e depois continuou: – «Entretanto, pareceis-me moça ainda, e sois bella, como estas obras em quaes Deus quiz mostrar-nos o auge da sua perfeição! – Estrangeira, bella, e moça... só, a esta hora, n'este sitio; isolada n'este frigido mez... Vamos, proseguiu o cura com paternal ternura: – Como

me procurastes, dissei-me primeiro e francamente quem sois? Não gosto do mysterio... Vivi oito annos na Italia, e percorri algumas das suas cidades: dissei-me o vosso nome.»

– «Alicia de Nesle, lhe respondeu a desconhecida.»

– «De Nesle, dizeis vós? replicou o cura: – mas... esse é um nome francez!»

– «E sou franceza, senhor cura: – fallando comvosco é impossivel occultar a verdade!»

– «De Nesle!... disse outra vez o cura reflectindo: – Serieis vós casada?»

– «Casada, respondeu, com Frederico de Nesle.»

– «A medalha, disse ella passado um momento, para ser bem examinada, deve ser vista pelo reverso. – Ouvistes hontem uma parte da minha triste historia; tudo aconteceu como disse hontem o respeitavel homem, a quem eu

tinha confiado a minha pobre filha...

Houve um homem que abusou da confiança, da amizade, e das suas relações de parentesco com meu marido... – um homem, cuja consciencia não recuou perante tantos crimes! cuja mão homicida, manchada ainda do sangue innocente, foi apresentar ao amigo, que lhe dava a hospitalidade; a taça de uma bebida que se infiltra por todos os póros – o ciúme! Cujas mãos separou duas existencias que se haviam unido para sempre, expatriando-as ambas: uma carregada com o peso do opprobrio: a outra com o de uma tenebrosa incredulidade!

Anselmo, o honradissimo Anselmo, continuou ella, narrou-vos fielmente o que se passou n'essa triste epocha da minha vida: equivocou-se sómente nos nomes.

O traidor não foi Alfredo de Fermont-Connène, o qual sacrificou a sua vida,

defendendo a honra atacada do seu amigo... não, senhor! – O indigno esposo de minha pobre irmã, lord Clare, cobriu toda a infamia do seu proceder com o innocente nome de meu defunto primo.»

– «Vós attrahis-me, senhora, disse o cura interrompendo-a: – vendo-vos, ouvindo-os, desejâmos que a virtude, de que nos apresentaes um bello exemplo, não se desminta nas vossas acções e pensamentos! Comtudo, quando as vicissitudes envolvem por algum tempo a verdade nas sombras do mysterio; quando apparencias desfavoraveis lançam manchas sobre o candido veu da innocencia, que caminha muitas vezes a sós com a sua consciencia; quando, digo, a calumnia, com o fito das suas ambições, se prevalece das circumstancias, consegue não sómente deslustrar a mais segura reputação, mas derramando fundas suspeitas, chega a fazer perigar a vida de qualquer creatura:

então, senhora, a verdade para romper as espessas trevas da intriga firma-se em provas incontestáveis, sem as quaes a virtude não tem outro apoio, se não as consolações ineffáveis de uma consciencia pura!»

– «Bem sei, padre, tornou a infeliz senhora. As provas são indispensáveis perante a lei e os tribunaes; mas uma confissão sincera não tem aos vossos olhos o mesmo valor?»

– «Sim, senhora, respondeu o cura: mas porque a não fizestes logo, quando podieis depor a vossa innocencia no regaço de uma mãe? – Sabeis o mal irreparavel que lhe causou a fatal nova?»

– «Minha mãe! minha boa e santa mãe!»
Exclamou Alicia: e depois continuou, voltando-se para o cura.

CAPITULO XXXIV.

SEGUNDA CONFISSÃO.

– «Soube tudo hontem: lembrae-vos de que fui a muda espectadora da ingenua confissão do meu velho creadó! – Vamos, continuou ella: eu devo começar por essas palavras, que articulei em um excesso de afflicção, e que ainda pesam hoje na consciencia do bom Anselmo. Dir-vos-hei primeiramente, que devo uma grande parte dos meus infortunios a uma imprudencia minha: tinha então desesete annos, senhor; e n'aquella idade a imprevidencia é natural...»

– «Sim, replicou o cura, a innocencia é franca e descuidada.»

Alicia prosseguiu: – «Lord Clare é o homem menos capaz de illudir: ha tanto egoismo e desamor n'aquelle coração, que as frases amigaveis morrem-lhe nos labios, como tocadas de lethal veneno!

Minha mãe contrahiu gostosamente aquella alliança, por causa das antiquissimas relações entre as duas familias; os ascendentes de lord Clare haviam sempre gosado da melhor reputação.

Apenas por oito dias tinha eu prestado ao lord alguma attenção e cortezia, como meu hospede e parente, quando comecei de sentir-me contrafeita na minha situação. Conheci que eu e meu esposo ambos tinhamos procedido imprudentemente; que aquella hospedagem era da maior inconveniencia; e interiormente lastimava a sorte de minha infeliz irmã! – Desgraçada! eu julgava que a minha innocencia me serviria de salvaguarda contra a paixão e o maleficio!

Imaginae qual não seria a minha consternação, quando uma noite, em que executava no piano algumas peças de musica, meu cunhado, sem mais preambulo, me expoz com as mais vivas

cores o excesso da sua paixão, que, dizia elle, eu lhe houvera inspirado oito dias antes do seu casamento, dia em que o vi pela primeira vez ao saír do convento.

O indigno quiz persuadir-me que não se tinha casado com minha irmã por amor, mas que a amava como uma amiga, do que ella se fazia digna.

Perfido! – exclamei eu: – se não fosse o respeito que consagro a minha pobre irmã... se não fosse o precioso repouso de meu marido, que ha depositado em vós toda a sua confiança: saíreis d'aqui n'este momento, e não poríeis mais o pé na minha casa!

Saí immediatamente da sala, e Anselmo já vos disse o plano de vida que adoptei. Comtudo, padre, que posição constrangida era a minha! Era preciso conservar exteriormente uma certa harmonia, e o malvado, como de acinte, saía

raras vezes de casa á noite. Tão joven, eu não tinha ainda esse ar de dignidade que impõe... e, despresando ás claras o meu desdem, lord Clare parecia gosar da minha perturbação.

N'esta triste collisão, esperava impaciente a vinda de meu esposo; mas desgraçadamente as suas cartas me annunciavam a prolongação da sua ausencia. Foi então, que desejando poupar minha pobre mãe, porque, como sabeis; era seu genro! – e, na grande necessidade em que me achava de alguma consolação e auxilio, me decidi a depositar as minhas afflicções e temores na boa amisade e protecção do irmão da minha infancia.

Vós adivinhaes quaes foram as fataes consequencias da minha imprudencia, de que terei de arrepender-me até o ultimo instante da minha vida!

Recebi a noticia da morte de meu desgraçado

primo da bôca do seu assassino! Estremeci com horror diante do seu terrível aspecto... e o que duplicava a minha angustia era considerar-me eu mesma cúmplice no seu crime...

O monstro augmentou, senhor, com ameaças a minha afflicção; –dizendo que faria cair sobre mim a vingança celeste, chamando-me a auctora d'aquella morte; que ía ao encontro de meu marido, e que levava comsigo uma carta minha, que se achara nas algibeiras do defunto, etc.

Essa carta, senhor; lembro-me bem, era concebida n'estes termos:

«Caro Alberto:

Esta noite não dormi! – não tenho socego... Eu causar a tua morte!! ah! não o permita Deus. – Quando eu fui imprudente... vem, querido amigo, segue este portador: preciso absolutamente ver-te hoje! – Tua desgraçada prima

Alicia.»

Vós sabeis tudo o que se passou até á memoravel noite em que me separei da minha innocente filha!

O abalo que me fez a terrivel carta de meu marido, foi grande, porém conheci logo a minha falsa posição. Só me restava resignar-me! Se eu fosse revelar tudo a minha boa mãe, ella havia de acreditar-me, e eu teria recobrado o conceito e a amisade de Frederico; mas se elle era bom e franco, como meu primo Alfredo, o seu sentimento de honra não era menos profundo, senhor... e eu já tinha adquirido a fatal experiencia!

Tomei pois uma resolução, e, segura a consciencia, condemnei-me corajosamente ao silencio, e á saudade!»

– «Eu vos creio, senhora! –exclamou o cura, commovido; «e tenho tomado o maior interesse na vossa ingenua narração!»

Alicia continuou: – «O claustro é um santo

retiro: porém, quem ali for procurar refugio, deve ter um coração virgem, despegado de todo o humano affecto!

Decidi-me a passar á Italia, e vali-me de uma pobre e respeitavel familia, a quem eu favorecia, para me ajudar nos arranjos necessarios. Nathaniel era um alferes do tempo do directorio: elle tinha perdido um braço na guerra, e a sua numerosa familia vivia de uma modica pensão.

Essa noite, meu padre, cuja recordação Anselmo conserva tão fielmente, foi bem terrivel para mim! Nathaniel e sua mulher levaram-me para uma pequena alcova da sua casa, e nunca esquecerei as palavras de esperança e consolação com que esses bons amigos me enxugaram o amargo pranto!

Nathaniel era um homem honrado; depressa concluiu todos os arranjos necessarios para a minha partida.

– «Senhora, me disse elle no outro dia; tudo está prompto, e tereis em mim um creado até Marselha: devemos partir ámanhã cedo.»

Fiz offerta de uma grande parte dos meus vestidos á familia de Nathaniel; para mim reservei só o fato preto. Saímos de París entre lusco e fusco, e viajámos pacificamente até Marselha.

Demorei-me alguns dias n'essa cidade: que bello céu, senhor, e que boa gente! – Que recordações dos meus passados e alegres dias de Avinhão! A generosidade e benevolencia dos filhos de Marselha tornaram mais saudosas ainda as despedidas que ali fizemos á patria! – Eu não sabia se esta separação seria eterna: mas a minha dor era infinita!

Comecei n'este ponto a passar por viuva, e o meu incansavel e previdente companheiro de viagem arranhou-me excellente passagem em um

navio, fretado por uma rica familia de Lyão, que
ía passar em Roma a semana santa. Parti,
senhor!» e n'essa noite, sobre o convez, ao luar,
enviei um bem sentido adeus á minha terra natal!

CAPITULO XXXV

CONTINUAÇÃO

A 12 de março a embarcação ancorou no pequeno porto de Civita-Vecchia. A familia lyonnaise compunha-se tão sómente de marido e mulher: mr. e madame de Breton.

Passámos um dia n'esta cidade na mesma hospedaria. Achava-me tão precisada de pousar a vista, e occupar o pensamento com algumas imagens da outra vida, que me decidi a passar, em Roma, com os meus amigos de viagem, a semana santa.

Vós conheceis a Italia, meu padre: sem duvida visitastes os magestosos arredores da capital do mundo christão. Não posso expressar-vos o que sentia quando atravessava esses silenciosos campos: – que ermo! que solidão de tumulos! O pensamento, seguindo a vastidão d'esse rico

cemiterio, escuta, ás vezes, através do longo silencio, como uns lugubres echos, como um vago alarido das turbas, que se agglomeravam outrora sobre aquelle deserto solo!

Eu já tinha passado por aquelles logares, continuou Alicia, mas d'esta vez, padre, encontrava n'aquella mudez, n'aquelle deserto uma viuvez tão analoga á do meu coração, que a impressão dos olhos e da alma confundiam-se!

O aspecto da cidade de Roma era bem diferente: o ruido das carruagens, que ali concorriam, dos habitantes de Napoles, de Florença, e de todas as provincias; o tumulto de gente de toda a especie em trajos variados e pittorescos, cruzando-se no transito, transformavam em longos viveiros as ruas, que formigavam com um confuso sussurro de vozes, de gritos, que augmentava ainda o surdo estalo do chicote dos bolieiros, e o relinchar impaciente dos cavallos.

O alvoroço também reinava nas estalagens, que transbordavam de homens de todas as ordens e dignidades; e ouvia-se uma diversidade de linguagens.

– «É todos os annos assim, disse o cura. A grande solemnidade da semana santa em Roma attrahe ali gente de todas as nações. O inglez, continuou o parochó, o fleugmatico inglez, abandona o seu conforto domestico para espriar uma vez os olhos descostumados de toda a pompa e apparato do culto n'esse maravilhoso templo da capital do povo christão. Esses mil sons dos orgãos, essas vozes que sobem, essa harmonia sagrada, abrem-lhe a alma a doces emoções... sente-se possuido de estranhos pensamentos: seus olhos vertem lagrimas, e a impressao dos ouvidos o enleva. Quantas vezes, desgostoso da sua vaga e monotona doutrina, elle sáe d'ali convertido e catholico!

E é desgraça, proseguiu o cura, que uma nação, aliás de tão comprovada honradez, um povo de homens tão urbanos, se ache dividido em uma multidão de seitas desencontradas; e que a abobada do templo, que serve de abrigo na mais santa união o povo de Deus, seja o ponto principal d'onde parte a sua desunião e discordia!»

– «Sim, senhor, tornou Alicia: ha uma especie de magia que accende a devoção, na combinação bem ordenada com que se celebram esses mysterios sublimes! Eu assisti na capella Sixtina a todas as festividades, desde a quarta até ao sabbado santo: esses coros, essas harmonias deliciosas transportam-nos ás regiões dos anjos!

– Ha na musica sagrada, n'aquella voz prolongada dos orgãos, um infinito que nos explica a eternidade! E quando essa musica, pouco a pouco ia afrouxando até morrer no

lamento quasi extinto da surdina; quando as luzes, uma após outra, se íam apagando até se sumirem com os ultimos sons do *Miserere* – digo-vos que sentia interiormente desprender-me de todas as ligações terrestres, e a minha alma voava para Deus!

Demorei-me um mez na hospedaria com a familia Breton; á noite, quando me achava só no quarto, meditava no plano de vida que me convinha. Era preciso descer da esphera um pouco elevada do meu nascimento. Madame Perceval (meu nome em Italia) devia passar por viuva de um official do exercito francez.

Ainda tinha uma vaga esperança de ver um dia a minha filha. – D'aqui a doze annos, dizia eu comigo, já terei trinta e quatro; o tempo e a saudade hão de operar em mim consideravel mudança... poderei talvez passar por italiana; verei a minha patria, viverei entre os meus sem

que elles me conheçam! – Amelia terá então dezeseite annos... poderei porventura introduzir-me na minha casa como professora de alguma d'essas artes uteis para a mocidade, e acabar eu mesma a educação da filha querida da minha alma. Este pensamento comprazia-me; mal apontou na minha imaginação dominou-a logo.

Mr. e madame Breton separaram-se de mim com saudade; n'esse mesmo dia fui estabelecer-me no meu novo domicilio.

CAPITULO XXXVI.

CONTINUAÇÃO.

Fui assistir com uma respeitavel romana viuva. A nossa casa ficava sobre o Tibre. Eu tinha dois bellos quartos, e comiamos juntas.

Entretanto, nos meus projectos de futuro tinha despezas extraordinarias a fazer; e se bem que eu trouxesse uns sessenta mil francos em joias e mais algum dinheiro, era necessario lançar mão de algum meio de vida, para poder conservar-me com uma certa independencia.

Propuz-me a ensinar o francez, e mobilei commodamente um dos quartos para recebér as minhas discipulas. A boa senhora empenhou-se em meu favor, e á sua obsequiosa solitudine fui devedora do prompto successo da minha empreza.

Dava lições das nove até ás duas horas;

jantavamos ordinariamente ás tres; e até á noite recebia os meus mestres de canto e pianno; um grande professor, e uma famosa cantora do theatro; ambas estas cousas tinha eu já aprendido, e agora só pretendia aperfeiçoar-me. Deus havia-me favorecido com uma voz excellente.

Havia anno e meio que eu vivia na capital do mundo christão, quando um fatal accidente me arrebatou repentinamente de tão pacifico retiro. Já tinha despedido os meus mestres de musica: a signora Monti partiu para a America para seguir a sua vida theatral, deixando-me recommendada a algumas suas amigas artistas, que se reuniam ás vezes á noite em casa de madame Benevelli, onde executavamos bellos quartetos e arias; em cujo entretenimento a minha voz se desenvolvia, e o meu gosto se apurava.

Como tinha as tardes livres, saía muitas vezes

a passear com a boa madame Benevelli. Uma d'essas tardes fomos ao Colysseu. Tendo entrado no edificio por um dos porticos, fomos sentar-nos nas pedras de um muro demolido. Percorrendo com os olhos aquelle grande amphitheatro, transportava-me aos remotos tempos dos antigos romanos, e figurava-se-me ver ahi o imperador e a sua familia, as vestaes, os senadores, collocados pomposamente no Podium, e abaixo d'elles a multidão, que tinha assento n'este logar até o numero de cem mil. De repente vi entrar ao longe, por um dos porticos, um homem: na distancia em que estavamos d'elle não pude distinguir-lhe as feições; o sujeito foi-se, porém, encaminhando para o centro: – «É um inglez, disse madame Benevelli.» – Não lhe pude responder, porque o estrangeiro já me tinha reconhecido; era lord Clare!

Tendo permanecido por alguns momentos

perplexa de surpresa e susto, tornei a mim, e reflecti que me convinha dissimular toda a impressão d'aquelle inesperado encontro com a minha companheira, e continuei a conversar com ella sobre o rico panorama que se nos offerencia aos olhos.

Lord Clare não se adiantou mais um passo; pelo contrario, retrocedendo pouco a pouco foi sentar-se assás distante de nós, abaixo do Podium. Os ultimos raios do sol lançavam um veu diafano sobre as cornijas, e descendo os degraus de marmore, antigamente cobertos de télas e molles coxins, vinham morrer na arena onde combatiam os gladiadores.

Ia anoitecer, e nós estavamos longe de casa. — «Vamos, disse madame Benevelli, a vista d'aquelle solitario estrangeiro, n'este campo deserto, veiu augmentar-me a melancolia!

Não dormi nada, senhor; receava agora pela

minha vida: Deus me perdoe! mas este pensamento não se me tirava da imaginação, e por isso resolvi deixar no seguinte dia a cidade de Roma, e a boa amiga com quem contava viver os annos do meu exilio.

Pela manhã já tinha arranjado tudo o que me pertencia, e saí cedo; aluguei uma sege que me conduziu a casa de um ourives com quem eu tinha tido algumas transacções, o qual morava nos arrebaldes da cidade. D'ali escrevi a madame Benevelli uma carta de despedida, pedindo-lhe que me mandasse pelo portador as minhas malas, que deixará promptas.

Saí de Roma n'esse mesmo dia, e pouco antes da minha partida, a artilheria do castello de Santo Angelo annunciou a quéda da soberania pontifical.

Fiz uma bella viagem pelo Tibre, e cheguei sem novidade ao porto de Ostia. N'essa cidade

demorei-me apenas dois dias, partindo d'ali em uma pequena embarcação pa Genova.

Genova convinha-me por muitas rasões, continuoù Alicia: este estado, reunio ao imperio francez, era para mim com um simulacro da patria; gostava de ouvir pelas ruas a linguagem da minha terra natal! –Ali estava eu nas raias da minha França, salva e protegida contra a perseguição de meu indigno cunhado.

CAPITULO XXXVII

CONTINUAÇÃO.

Nathaniel era o meu unico correspondente em França. O pobre homem morava ultimamente muito distante da nossa residencia. e apenas soube dizer-me que meu marido tinha passado á Grã-Bretanha.

Accommodei-me por uns dias em uma boa hospedaria, e ajustei com a dona mandar-me a comida ao meu quarto. A noite, á hora da ceia, a boa mulher demorava-se comigo uma hora em conversa; e perguntando-lhe se conhecia alguma familia que podesse receber-me como aia de meninas para o ensino das linguas e da musica, nomeou-me umas tres casas nobres e ricas, e prometeu saír comigo no outro dia para tratar do meu ajuste com alguma das tres familias.

Na manhã seguinte atravessámos uma das

principaes ruas de Genova, e chegámos a um bello passeio publico chamado Acqua Sola, aonde está situada a elegante villa do nobre genovez Negroni.

Entrámos n'esta esplendida residencia, e a senhora Negroni mãe recebeu-nos com tanto agrado e meiguice, que desejei logo ficar ali.

Expliquei-me sobre o objecto da minha visita, fazendo uma breve narração dos meus infortunios; inculcando-me, está entendido, como viuva.

A senhora Negroni pareceu sympathisar comigo; ella tinha tido muitos filhos, e achava-se cansada dos cuidados e fadigas de mãe; a minha proposta convinha-lhe, e gostaria de confiar a uma respeitavel aia a educação das suas duas filhas mais moças; mas nada podia decidir sem consultar seu marido. — «Só encontro uma pequena difficuldade para a conclusão d'este

negocio, me disse ella: o meu esposo tem grande antipathia com a vossa nação... Amanhã vos mandarei a resposta.»

Recebi uma carta na tarde d'esse mesmo dia, em a qual madame Negroni me dizia, que a circumstancia de eu me ter inculcado como cantora, vencêra todas as repugnancias de seu marido, porque a mais velha de suas jovens filhas tinha uma voz digna de ser cultivada. O senhor Negroni, comtudo, exigia que eu me sujeitasse a um pequeno exame, e por isso ali me esperava n'aquella noite para me ouvir cantar e tocar.

Acceitei a proposta, que achei rasoavel, e ás sete horas da tarde entrei no soberbo palacio dos Negronis.

Atravessei uma bellissima galeria de pinturas, consagrada á memoria da virtude e gloria dos antepassados d'aquella nobre familia. A senhora

Negroni apresentou-me a seu marido e ás suas tres filhas, das quaes uma era casada; havia duas irmãs estabelecidas em Roma, e dois filhos; um seguia a vida militar, e achava-se tambem em Roma; o outro tinha ido viajar pela Europa.

Vicenza e Salvadora eram as mais moças. Salvadora tinha uma voz forte e melodiosa, e, sem ser bella, havia n'ella uma graça attrahente que compensava a formosura que lhe faltava.

A figura nobre do pae d'estas meninas estava em perfeita harmonia com a sumptuosidade da architectura e mobilia d'aquella rica habitação.

Executei uma peça de musica de Nozze de Mozart, e cantei duas arias que escolhi de proposito para a occasião. Da segunda vez que me levantei do piano, quando acabava a primeira aria, o senhor Negroni, beijando-me uma das mãos, conduziu-me enthusiasmado a suas filhas, dizendo – «Vós tomareis as lições de madame

Perceval; n'ella vejo reunido tudo quanto um extremo pae póde desejar para o bem de suas filhas. Madame Perceval, continuou elle, tem nas suas maneiras aquella affabilidade que distingue a sua nação: é o unico dom que trouxe da sua terra, os outros certamente vieram-lhe do ceu: canta primorosamente: não é uma mulher, ainda menos uma actriz... é um anjo!

Repito-vos estes elogios, não por jactancia, mas para que mais tarde vos lembreis da minha entrada n'esta casa, que foi no dia em que se seguiu a tão agradável noite.

CAPITULO XXXVIII.

CONTINUAÇÃO.

Passaram-se quatro annos, em que vivi amada e tratada como uma amiga íntima, como um membro d'aquella nobre e excellente familia.

O senhor Negroni, homem sexagenario, tinha um tanto de rígido e caprichoso; era tão excessivo nas suas affeições como nas suas antipathias; velho republicano genovez, odiava a nação franceza, e ainda que geralmente em Genova as senhoras têm o espirito mais cultivado, estudam as linguas, e adoptam algumas as modas francezas, na villa Negroni não entrava um covado de seda ou renda tecida na França. Determinou-se-me que me vestisse inteirmaente á genoveza, e por isso comecei de usar o longo veu com que se cobrem quando vão ás igrejas e aos passeios publicos.

Entretanto, o senhor Negroni tratava-me com a maior distincção; eu era a sua predilecta: elle mesmo estava attonito e confuso de receber todos os dias á sua mesa uma franceza, e chamava-me por galanteria a sua formosa inimiga.

Sua mulher e filhas eram minhas irmãs e mãe; Maria del Grazia, a casada, amava-me extremosamente, e deu-me depois as mais vivas provas da sua affeição, como vereis.

Uma tarde, que eu tinha saído longe com as minhas discipulas, eram Ave Marias quando voltámos ao palacio. Subimos a escada que conduzia áquella parte do aposento habitado por Maria del Grazia e sua familia, e entretanto no seu gabinete de toucador, a fomos achar em grandes preparativos de baile.

– «Lourenço, nosso irmão, nos disse Maria, desembarcou esta tarde; chegou poucos minutos

depois que saístes; o pae quer festejar a sua vinda, e temos esta noite grande baile. É tarde, minhas caras, ide vestir-vos.»

Como usava sempre o trajo preto, depressa me preparei. Em Genova os adereços de oiro e pedras só servem de enfeite ás mulheres de baixa esphera; as senhoras adornam-se simplesmente de flores artificiaes e ricos vestidos.

Prendi no cabello alguns raminhos de murta, e vesti um vestido de velludo preto, dadiva do dono da casa.

Quando entrei nas salas com as minhas discipulas, já ali estava um grande concurso de toda a nobreza de Genova. Depois de se servirem alguns refrescos, o senhor Negroni conduziu-me ao piano com suas duas filhas; Vicenza acompanhou um dueto que cantei com sua filha Salvadora. Quando acabámos, o sr. Negroni beijou-me a mão como de costume, quando se

enthusiasmava, e a seu lado junto ao piano estava um sujeito moço, alto; e bem parecido, posto que moreno; este mancebo era Lourenzo Negroni. Seu pae apresentou-m'o, e elle cumprimentou-me respeitosamente.

Seguiram-se d'ahi a pouco as danças, e Lourenzo veiu offerecer-se para ser meu par: eu assistia aquellas reuniões por condescendencia, e por dever da minha posição, porém nunca dançava. Lourenzo recebeu a minha recusa, e não dançou tambem em toda a noite.

Não me demorarei a narrar-vos todos os pequenos incidentes que se seguiram áquella noite, basta que saibaes que infelizmente inspirei ao jovem italiano a paixão a mais ardente!

Eu conservava o triste segredo da minha historia, com a reserva de um religioso mysterio. Comtudo, movida interiormente de piedade, tanto pelo mancebo, quanto por Maria, que era a

sua confidente, estava já prestes a tudo revelar aos dois, quando Lourenzo um dia, fallando-nos das suas viagens, nomeou diante de mim Frederico de Nesle como seu conhecido e amigo!

Calei-me e soffri, senhor! –Soffri dos males alheios e dos meus: mas os italianos não têm a nossa paciencia, e os dois irmãos imaginaram que a minha constante resistencia provinha dos receios da concessão paternal para uma alliança, que lhe repugnaria por muitos motivos.

Lourenzo foi lançar-se aos pés de seu pae, e pediu-lhe o seu consentimento para uma união de que dependia todo o seu futuro. Então o pae, o antigo cavalheiro, o leal genovez, descarregou sobre o filho e sobre mim todo o velho orgulho de seus antepassados; o seu odio inveterado contra a minha nação despertou-se, e eu fui, senhor, a victima da sua tyrannia!

No primeiro momento o ancião não respondeu

uma unica palavra a seu filho, e Lourenzo saíu da presença de seu pae mais tremulo e confuso ainda.

Como vos disse, padre, tomaram lá entre si aquella resolução, sem que eu estivesse iniciada no segredo. Estava pois lendo socegada no meu quarto, quando ouvi a voz do senhor Negroni que me chamava; abri a porta, e elle disse-me estas palavras com um accento ironico e aspero:

– «Vinde comigo, senhora.»

CAPITULO XXXVIX

CONTINUAÇÃO.

Obedeci promptamente, continuou Alicia. Atravessámos alguns corredores, e fomos saír a uma escada mais escura d'esta parte do edificio; fomos sempre andando por imensos jardins, até que entrámos em uma espessa e velha mata de antigas arvores, enleadas de robustas silvas, formando um vasto labyrintho, onde eu podia penetrar a custo, seguindo o temido proprietario d'aquelle deserto bosque!

Chegámos ao centro d'este labyrintho; n'um logar onde o arvoredado era mais cerrado, via-se uma extensa casa, construida em fórma de triangulo. O sr. Negroni parou junto a uma grande porta, e tirou debaixo da capa uma enorme chave com que se dirigiu á porta...

– «Entrae, senhora, me disse, tendo-a aberto com bastante custo.

– «Não me lembrava, continuou elle, que vinha com uma dama, e com uma franceza ainda mal! Tenho sido bem pouco cortez; entrae adiante de mim, madame...»

Sentia o coração comprimido, meu padre, e tão perturbada estava que não pude ajuntar duas palavras com senso, e obedeci em silencio.

Entrei, e senti que fechava sobre nós a porta. Passámos por alguns quartos fechados, e finalmente chegámos áquelle que me era destinado: ahi via-se um singelo leito, e alguns assentos de pau.

– «Olhae para cima, senhora Theresa, me disse o meu tyranno, mostrando-me uma gelosia de grades: – ali estão ferros, esta é uma prisão, e sois minha captiva. – É assim que se exprime e obra um franco e leal genovez: – sois minha

captiva! – Mas o vosso imperador, os francezes, de quem sois digna compatriota, devastaram e desolaram a minha nobre pátria com meigas palavras e doces promessas; empenhando a sua palavra de que haviam de restituir á bella Italia a lucida aurcola da sua foragida liberdade... elles, os francezes... coarctaram-lh'a! elles, os francezes, algemaram-nos os pulsos, e cerraram-nos os labios com os ferros da escravidão!

Experimentae, Theresa, proseguiu o velho genovez, todo o horror da minha posição: esta bella e nobre villa é hoje a minha prisão: vivo n'ella captivo, como ides viver dentro d'estas muralhas... mas, acreditae-me! o desgosto que vos inspira hoje a minha presença; não póde comparar-se á repugnancia que me excita o vil aspecto d'esses bonecos enfeitados, que passeiam como senhores pelas nossas ruas!

«Adeus, senhora: as viagens transtornaram o

juízo a Lourenzo. Meu filho sabia muito bem que nunca uma franceza havia de usar o appellido de Negroni!»

Dizendo isto, fechou-me a porta e saú sem me dar tempo a dirigir-lhe uma só palavra: pouco depois anoiteceu.

Nem um momento me ocorreu a idéa da morte: tinha perfeito conhecimento da pessoa a quem a minha vida estava entregue. Giovanni Negroni era tudo quanto d'ele tenho dito; porém o genovez tinha boa indole, e era profunda e sinceramente religioso; por isso esperava confiada. Giovanni era exquisito, austero, teimoso...mas não podia nunca ser um assassino.

Cansada de pensar no presente e no passado; não podendo romper o denso veu do meu futuro, deitei-me sobre o leito, e dormi uma parte da noite.

CAPITULO XL.
CONTINUAÇÃO.

A claridade entrava a furto na minha prisão, e o sol nunca lá penetrou. Eram passadas as horas de almoço, quando senti um leve rumor; abriram por ultimo a porta do meu quarto, e um homem limpo, de meia idade, entrou, apresentando-me um pequeno taboleiro bem acondicionado com alvas toalhas; dentro vinha um bom caldo, uma ave assada, algum vinho, pão e fructa.

Interroguei-o por duas ou tres vezes sem obter resposta; até que a final soltou como uns gritos que me fizeram conhecer que era mudo.

Quando acabei o almoço o mudo retirou-se, fazendo-me uma cortezia, e deixou o taboleiro coberto com uma toalha. Passou-se o dia, e quando percebi que a escuridão começava a ser mais profunda, tomei uma segunda refeição.

Quinze dias se passaram assim, quando me resolvi a escrever com lapis, em uma pequena carteira que trazia na algibeira, estas duas linhas a Giovanni Negroni:

«Se devo regular o vosso rancor contra a minha valorosa nação pelo sentimento que me inspiraes, vejo que lhe não tendes desamor; porque eu vos respeito, senhor, e lembro-me com gratidão da amisade que já vos mereci.

No meu coração eleva-se ainda um obstaculo mais forte á infeliz inclinação do jovem Lourenzo, do que todo vosso poder!

Praticaes comigo uma injustiça; mas eu vo-la perdôo, porque sei que estaes illudido... Deus vos perdoará como eu.

Peço-vos que me mandeis ámanhã o meu livro de horas, e alguma roupa.

Theresa Perceval.»

O mudo trouxe-me tudo ao outro dia. Na minha solidão eu tinha observado que a marca das toalhas não era a da firma da casa: o comer de certo não vinha de lá.

Tres dias depois da recepção do meu livro de reza, passou a hora do almoço sem que me apparecesse o mudo, esperei-o em todo o dia, mas debalde, até que chegou quando já começava de experimentar uma estranha sensação... De repente ouvi nas portas um estrondo desusado, e com os olhos attentos para a extremidade da minha vasta prisão, enxerguei duas figuras femininas, uma das quaes trazia suspensa na mão uma lanterna.

No mesmo instante, Leti, a pequena cadellinha que me tinham offerecido havia um anno, correu a fazer-me festas. Então Salvadora aproximou-se assustada e pallida com sua irmã Vicenza.

– «A que vindes, minhas filhas?» lhes disse

eu: – «Soltar-vos da prisão, respondeu tristemente Salvadora, e por amor das filhas perdoae ao pae!... Deus já o puniu, continuou a donzella, e n'este momento elle soffre muito!»

– «Não vos comprehendo bem, lhes retruquei; mas asseguro-vos que d'aqui não saírei se não por ordem positiva de vosso pae.»

– «É impossivel! – redarguiu a interessante Salvadora: – minha irmã Maria, e nós, senhora, todas morreríamos de afflicção! Já é bastante o desgosto de chorar um bom irmão, continuou ella soluçando, e talvez um pae... e vós, a innocente causa de tanta desgraça, nossa cara amiga e instructora, vós morreríeis dentro da nossa *villa* por falta de alimento?!...»

– «Explicae-vos, lhe tornei eu: vossas palavras me contristam profundamente!»

– «Na tarde, disse então Salvadora, em que certamente meu pae vos trouxe aqui, Maria

admirou-se de não vos ver chegar á noite; minha irmã estava mais desconfiada pela rasão de Lourenzo se ter declarado a vosso respeito n'aquelle dia com meu pae.

Era já bem tarde quando entrámos na galeria de pinturas, onde estavam meu pae, minha mãe, e Lourenzo muito triste, sentado a um canto.

– «Pae, disse Maria, temos procurado em vão todos os quartos, Theresa não está em casa. Não é seu costume deixar-nos assim a esta hora!

– «Perguntae a vosso irmão, respondeu meu pae encolerizado: foi esse louco que a expulsou de nossa casa. Ella está agora muito longe d'aqui... Confiei-a a um leal guarda; nada lhe faltará, mas o seu captiveiro depende unicamente da vontade de seu irmão.» Meu pae continuou, erguendo-se: – «Ali estão os meus antepassados, que são os seus; apenas um contrahiu com uma ingleza o vinculo matrimonial. Houve um

Negroni casado com uma neta dos Dorias... mas d'ahi não vem o meu orgulho: o velho genovez não é aristocrata e despreza os titulos; mas ha tal geração em que a honra se transmite por herança: a gloria da republica desenvolveu as virtudes de meus avós; d'elles herdei o amor da independencia da minha patria... e... ali está o filho que quer mesclar o nobre sangue que me gira nas veias, contrahindo uma alliança desigual, e que eu lance a benção á ínfima progenie d'esses vís francezes, sob cujo horroroso jugo eu, os meus compatriotas, e a minha terra natal jazem escravos!

Sabei que vos amo todos, meus filhos, proseguiu elle derramando copiosas lagrimas: – a minha religião, e o meu coração tambem me fazem lastimar a sorte d'essa infeliz viuva, em quanto ella soffre captiva: a sua liberdade, torno a repeti-lo, depende tão sómente de vosso irmão!

– Em Genova não é difícil encontrar uma donzella bem educada e bella: o meu coração está prompto, e a minha casa: no dia que Lourenzo receber á face dos altares por sua mulher uma legitima italiana, Theresa será livre, e continuarei por ventura a estima-la por causa das suas virtudes, mas jámais como mãe dos meus netos!

O peor foi depois, senhora... quando meu pae acabou de fallar, esperavamos que Lourenzo respondesse alguma cousa, mas permaneceu calado e sentado no mesmo logar. Tinha-se já passado um bom quarto de hora; meu pae conversava com minha mãe em cousas indifferentes, quando meu irmão se levantou, e saíu da sala.

A conversação continuou com alguns intervallos; eis que ouvimos claramente dentro da casa um tiro de pistola: todos corremos

espavoridos ao quarto de Lourenzo, a porta estava mal fechada, e fomos achar meu infeliz irmão estendido no chão... não estava morto, senhora! continuou vivamente Salvadora, commovida da afflicção em que fiquei: o pobre Lourenzo vive ainda n'este momento. Quiz suicidar-se, preferindo a morte ao casamento para vos resgatar.

Com quanto tivesse errado a pontaria, a bala sempre lhe penetrou no peito, e os medicos declararam-no gravemente ferido. Alguns dias depois começámos a ter esperanças; ao cabo de duas semanas os doutores affiançaram que estava livre de perigo.

Mas Lourenzo, tornado á vida, recaíu no seu padecimento moral... sobreveiu a febre e o delírio... meu irmão foi de mal a peor, e hoje já não temos esperança de o salvar...» o pranto afogou aqui a voz da donzella, e todas tres chorámos amargamente.

CAPITULO XLI.
CONTINUAÇÃO.

– «E vosso pae? lhe perguntei.

– «Esperae, me disse Salvadora: meu pae talvez escape... o pranto embargou-lhe novamente a voz... graças ás vossas orações, e ás nossas... meu pae viverá, proseguiu ella com fé; o seu arrependimento é-lhe necessario á alma!

Hontem á noite, quando os doutores proferiram a sentença fatal ácerca de meu irmão, meu velho pae caíu como morto: passámos uma parte da noite na mais terrivel anciedade; porém hoje estamos mais socegadas a seu respeito: sabemos que não está em perigo.

– «Agora dir-vos-hei, continuou a menina, que todos ignoravamos absolutamente onde estaveis!

Maria tinha levado a vossa cadellinha para o seu aposento; minha irmã observou que Leti

estava continuamente inquieta. Antonia disse-lhe que a cadellinha lhe tinha desaparecido umas duas vezes; demorava-se por fóra e chegava cansada, e que lhe puxava açodada o avental e o vestido, como querendo que a seguisse.

Um d'estes dias, minha irmã disse-me: – Vae ao meu quarto, onde prenda Leti, e segue-a até onde ella te levar: direi a nossa mãe que fostes passear com Antonia.

Assim o fizemos, e Leti trouxe-nos em direitura até esta casa. Parou então: investia á porta com as unhas, soltava uns tristes latidos, e estendia as orelhas para tomar o faro: depois deitava-se de rojo pelo chão junto á parede, lançando-nos uns olhos supplicantes!

Peguei n'ella ao collo, affangando-a, como se faz a uma creança, e fomos saíndo a custo pelos mesmos atalhos.

Há quatro dias que aqui viemos; meu irmão ia

sempre a pior; hontem, porém, quando sobreveiu o ataque a meu pae, a vossa lembrança augmentou o nosso cuidado: quem lhe levará o alimento! diziamos nós.

Maria lembrou-se de procurar nas algibeiras de meu pae, e passando as chaves a todas as gavetas, deparou com o velho chaveiro, que logo pensámos ser d'aqui. Saí, minha querida, me disseram com vehemencia as duas irmãs; tirae Maria d'este desassocego! – Eu me encarrego, proseguiu Salvadora, de tudo revelar a meu pae; bem sabeis que sou a sua predilecta...

As meninas trouxeram uma bolsa com dinheiro, e algumas cousas mais urgentes; Maria exigia que eu fosse para a hospedaria que suas irmãs me designaram, esperando ahi o desenvolvimento dos tristes successos. Um creado acompanhou-me até á hospedaria.

No outro dia recebi uma carta de Maria, em

que me dizia que seu irmão havia vencido felizmente a crise, e que os medicos contavam com o seu restabelecimento.

Esta alegre nova arrancou seu pae do inconsolavel turpor que jazia. O ancião descobriu a sua mulher e filhas o sitio da minha prisão, e pediu-lhes que me fossem immediatamente soltar; disse que eu havia de carecer de alimento, e ordenou a Maria que me conservasse por algum tempo na sua habitação.

Eu era ali esperada anciosamente pelas tres irmãs e mãe.

Como conhecia que a minha presença derramava uma especie de consolação n'aquella excellente familia, obedeci, ficando para depois resolver o meu futuro.

O restabelecimento de Lourenzo teve alguma delonga. Em todo os mez de outubro se conservou no seu quarto.

O senhor Negroni mandava todos os dias cumprimentar-me, mas não o vi mais desde aquella tarde memoravel. Elle não consentia que Lourenzo ficasse só nem um momento, e era o guarda mais assiduo á cabeceira do enfermo.

Na manhã, finalmente, em que Lourenzo saíu a dar o seu primeiro passeio, Giovani, que o esperava para o acompanhar, lhe disse:

– «Eu vou contigo: daremos juntos um agradável passeio...

Já se vê que não saíram da villa: havia doze annos que o senhor Negroni não pisava as ruas de Genova...

Depois de ter passeado algum tempo á sombra das frondosas laranjeiras e limoeiros da bella villa, o senhor Negroni disse a seu filho que queria fazer uma surpresa a Maria del Grazia, e os dois entraram de repente.

O sobresalto foi grande: o senhor Negroni

tinha para isso uma quédia natural... Estavamos juntas no quarto quando o mancebo entrou com seu pae.

– «Tu vens aqui com licença do medico, Lourenzo, disse o velho com a voz tremula de commoção: – sei que este choque não te fará mal.

– «Senhora, me disse o nobre italiano, pondo um joelho em terra, e beijando-me uma das mãos. Perdoae a injuria, e attribui-a aos devaneios de um velho republicano.... perdoae-me!

O meu crime foi tão enorme, tão indesculpavel, quanto é alta e sublime a vossa virtude! – Aqui trago sobre o coração o meigo perdão que lançaste ao papel... disse, mostrando-me o escripto a lapis que lhe enviei, e continuou:

«Eu não gósto da França... mas venero-vos e respeito-vos! –embora houvesseis nascido

franceza... sêde minha filha!! Não conheço uma italiana que me fizesse dobrar o joelho a seus pés... não é meu filho que vos implora: sou eu, eu que invoco a honrosa distincção de merecer-vos o titulo de pae!»

– «Sentae-vos, senhor, exclamei eu lavada em lagrimas: – fui, sou, e serei para sempre vossa amiga!

Senhor Lourenzo, continuei, dirigindo-me então ao mancebo, eu devo-vos sinceridade... impossivel me é occultar-vos por mais tempo os meus infortunios.

Moderae o excesso das vossas paixões, em quanto podeis fruir livre a bella primavera da vida; como a faisca que ateadada degenera em grande incendio, assim os seus effeitos transpoem as raias do justo. Tendes um extremoso pae, mãe, e irmãs carinhosas; a vossa mocidade, como uma estrada de rosas, vos abre

alegres futuros: pelo contrario, a creatura infeliz, cuja sorte vos inspirou tamanha sympathia, perdeu mãe, irmã, filha e marido... vivem todos, mas não para ella!»

– «Sois casada, senhora?» –exclamou Lourenzo, levantando-se arrebatadamente de seu lugar.

– «Sou casada, senhor, lhe respondi, chorando e soluçando.

Fez-se largo e tocante silencio, porque todos choravam, até o velho austero Negroni.

Fiz então a narração circumstanciada de toda a minha vida; á proporção que declinava do meio para o fim, percebi que Lourenzo se agitava; finalmente, quando enunciei os meus receios sobre a educação moral da minha filha, receios que me haviam suscitado algumas expressões irreligiosas da carta fatal de meu esposo, e proferi o nome de Anselmo... Lourenzo

conheceu ser eu a supposta esposa adúltera de Frederico de Nesle, e só parecia admirado de nunca lhe ter fallado na filha.

– «Dormi até algumas vezes em sua casa, disse elle, porém nunca vi mademoiselle de Nesle, nem d'ella ouvi fallar! O conde só duas vezes me fallou de vós, mas de passagem: percebe-se que a vossa lembrança o affecta.»

Não encobri por mais tempo o meu nome, tanto mais que morria por fazer algumas indagações sobre meu esposo. Affligia-me a incerteza em que estava de ser viva ou não a minha Amelia; porém, uma consoladora esperança suavizava a minha dor.

CAPITULO XLII.

CONTINUAÇÃO.

– «Lourenzo, disse o velho Negroni, profundamente commovido dos meus infortunios: – eu estou velho e cansado; mas se fosse mancebo como tu, dedicaria um anno da minha vida a restituir a sua respeitavel familia a mais digna e virtuosa mulher que tenho conhecido.»

– «Esse é o meu mais ardente desejo, respondeu Lourenzo; e juro-vos pela minha honra, que haveis de recobrar os vossos legitimos direitos de esposa e mãe...»

– «Escutae-me, senhores, disse eu então: para vos mostrar que sou reconhecida aos vossos extremos, basta dizer-vos que desde idade de sete annos, que saí do seio da minha familia, nunca dos meus olhos se deslisaram tão doces lagrimas:

parece-me que já piso o saudoso solo da minha patria; sinto-me quasi feliz!

Todavia, o repouso, o socego de espirito torna-se-me cada vez mais necessario, porque muito tenho soffrido.

Prometto-vos que participareis immediatamente da minha felicidade, se a Deus aprouver que eu seja feliz, mas exijo que guardeis o meu segredo até ao momento em que eu vos desligar da vossa promessa.

Lourenzo, dae-me a vossa palavra que jámais revelareis o mysterio da minha triste historia, que acabo de confiar da vossa honra e discrição!»

— «Senhora, me respondeu, custa-me sobremaneira o que de mim exigis... mas eu fui inda ha pouco vosso amante, continuou elle sorrindo-se, e nada posso recusar-vos: eu vo-lo prometto á fé de cavalheiro!»

Estes successos infundiram certa melancolia

no jovem Negroni, e Lourenzo pediu a seu pae que o deixasse passar dois ou tres mezes em Roma com suas irmãs.

Eu, por mim, anciosa por saber qual era a sorte da minha filha, só pensava em regressar incognitamente á patria. Tinha resolvido entrar por Fréjus, onde residia Alberto e sua familia; esperava ali facilmente obter noticias do velho Anselmo e do conde meu marido.

Comtudo não pude deixar de acceder ás supplicas do velho Negroni, de me demorar em Genova o proximo Natal.

Por esse tempo sobreveiu a Maria del Grazia uma febre cerebral; não quiz saír sem ficar restabelecida aquella extremosa amiga.

Vim a deixar a cidade de Genova nos principios de fevereiro; fui desembarcar ao porto de Nice, para d'ali passar á França.

A quéda do imperio já attrahia áquelle ponto

grande concorrência de estrangeiros, allemães, inglezes, que vão procurar n'aquelle ameno clima o remedio aos seus ataques de spleen. Tomei logar na primeira hospedaria que se me offereceu, e como tinha havido n'aquella noite um forte temporal, e ninguem podera dormir, mandei vir a ceia ao meu quarto, como era meu costume, e dormi até muito tarde do dia seguinte. Mal abri os olhos vi no meu novo aposento... o que pensava ainda ser a continuação de um sonho... minha irmã Amelia em pé, junto ao meu leito!...

– «Pobre Alicia! – exclamou minha irmã, contemplando-me absorta, com os braços cruzados.

– Silencio, lhe disse eu pondo o dedo nos labios, não profiras esse nome... Lancei-lhe os braços ao pescoço, e por um momento confundimos as nossas lagrimas.

– «Amelia, lhe perguntei logo, Frederico está aqui?»

– «Não, me respondeu ella: – teu marido está em Londres.»

– «Promette-me uma cousa, lhe tornei eu vivamente: – não digas a teu esposo que tua irmã está em Nice!

– «Farei o que me pedes. Nós vamos d'aqui a uma hora para Turim, tendo-nos demorado dois mezes n'este porto por causa do estado melindroso de meu esposo. Vamos agora viajar pela Italia. Não posso apresentar-te meu filho e filha, que vão enfim conhecer sua avó; d'aqui vamos para França. – Mas aonde te diriges tu, minha Alicia?!

– «Talvez á França; não sei... onde o Senhor me levar! lhe respondi em voz baixa. Mas, Amelia acredita, tua irmã tem um coração puro, e pura consciencia!... tua pobre irmã está

innocente!... esta asserção, eu o sei, era necessaria ao teu socego; mas guarda-a comtigo... é um terrivel segredo! a morte dos que nos são mais caros fôra o immediato resultado da tua imprudencia!

– «Acredito, exclamou então minha irmã, apertando-me novamente nos braços; o que tu me dizes, o meu coração m'o havia dito mil vezes antes!

As duas filhas de Adelaide de Fermont-Connène, têm bebido a longos tragos na taça da amagura: sim, Alicia, tua irmã esgotou-a quasi! Os seus lamentos, porém, chegaram ao ceu, e de lá lhe tem vindo consolações, que lhe fazem minorar tantos desgostos. Consegui levar meus filhos ao seio da minha patria e da minha religião; sinto-me amada de meu esposo... olha, Alicia, proseguiu ella: sob tecto da sua casa, tua irmã soffreu tanto, foi victima de tanto abandono como tu, quasi!»

Ouviu-se então a voz de lord Clare, chamando Amelia.

– «Adeus Alicia, me disse minha irmã: tinha-me enganado com a porta, quando entrei aqui... Foi um equívoco providencial!... Não julgas assim? Dizendo isto despediu-se de mim com muitas lagrimas, e saíu.

Demorei-me ainda uns quinze dias em Nice; desembarquei em Fréjus no primeiro dia d'este mez.

Sabía o nome do sitio onde habitava a sogra de Alberto Beaupré, e resolvi procura-la no mesmo dia.

CAPITULO XLIII.

A PROTECÇÃO.

Tendo almoçado em uma pequena estalagem, saí na minha pesquisa. Joanna morava nos arrabaldes; pelo caminho me mostraram a casa. Entrei ali como por acaso, e affectando ser estrangeira. A lavadeira já tinha fallecido, e a casa era agora habitada por uma de suas filhas. Facil me foi encetar uma conversação, simulando a curiosidade de ter noticia do estado de seus parentes. Anna gostava de bacharelar, como sua mãe, e não se esqueceu de referir-se á posição elevada a que tinha chegado seu cunhado Alberto; mencionou-vos tambem, senhor, como grande amigo de sua irmã Theresa, e disse-me o nome do presbyterio.

Ao outro dia pela manhã puz-me a caminho, e vim descansar em Montelimart. D'ali continuei a

jornada, caminhando umas vezes a pé outras em caleças que encontrava, tendo confiado á excellente mulher, que me hospedou em Montelimart, o resto das joias que levei da França, e algumas preciosidades com que fôra presenteada pela familia Negroni.

Pelo caminho vim sempre perguntando a vossa morada, e encontrei-me com um delicado militar vosso conhecido, que teve a bondade de escrever n'este papel o seu nome, para me recommendar á vossa protecção.

– «É um amigo meu da infancia, disse o cura, lendo o papel: estimo bem saber que escapou ao naufragio das guerras.

Quaes são agora os vossos projectos, senhora? onde tencionaes ir?

– «Onde me designardes, padre; sêde a estrella guiadora da filha e da mãe!»

– «Sim, minha filha, disse carinhosamente o

bom parcho: desde hoje estaes todas a meu cargo. A tarefa mais difficil está ainda por encetar; começarei por vosso esposo. O labyrintho da incredulidade é dos mais sinuosos e obscuros; porém eu levo na mão o facho da verdade, e espero trazer á luz o filho de Raoul de Nesle.

«Entretanto, tempo tereis de esperar. Vamos para casa, senhora; ide tomar algum alimento, e deixae-me meditar algum tempo, para deliberar com acerto sobre o que deveis praticar.»

Os corações generosos sympathisam uns com os outros; Lia familiarisou-se logo com Alicia, e o nome de Maria animou a sua conversação.

O cura almoçou como costumava na cosinha, e n'esse dia teve tres hospedes á mesa.

– «Vinde comigo», disse o clérigo a Alicia, quando acabaram: – e sentou-se com ella na sala.

– «Deveis estabelecer-vos em Montpellier,

disse o cura, mas muito occultamente. – Tendes dinheiro para manter-vos um anno, pelo menos?»

– «Tenho, senhor, respondeu Alicia.»

– «Então, continuou o cura, tenho em minha casa mesmo uma preciosa companheira para a vossa solidão: é uma pobre viuva de Valença que abriguei da miseria ha dois annos; as guerras lhe levaram todos os parentes, um após outro. Genoveva é uma excellente mulher; tomae-a ao vosso serviço. Alugareis uma pequena casa n'aquella cidade, e quando vos achardes bem estabelecida, escrevei-me indicando-me a vossa habitação. Por mim sabereis de Maria; mas convém por em quanto afastar-vos d'ella. Dentro de uma hora tenho-vos arranjado tudo.»

O cura chamou Lia sua irmã, e saíu.

Passado algum tempo, ouviu-se no pateo a bulha de um carro. Alicia foi ali conduzida pelo bom cura: a sua companheira de viagem já estava

prompta á sua espera, e a nossa viajante partiu,
acompanhada d'esta vez e protegida.

CAPITULO XLIV.

A TIA MARGARIDA.

Certo dia de abril, um moço cavalheiro apresentou-se á porta de uma modesta casa campestre no Languedoc. No quarto da entrada via-se uma velhinha sentada n'uma antiga cadeira de pau: cadeira e velha pareciam contemporaneas!

A velhinha estava só, mas tinha diante de si uma grande roca, que chamam ingleza, com rodas, por onde o fio passava com a ajuda do pé e da mão: mas tudo estava quieto; pé, mão, velha e roca!

O cavalheiro, não ousando interromper aquelle venerando silencio, foi sentar-se n'um rustico banco que estava a um canto do quarto. Alguns minutos depois, como quando em tempo de calma sopra uma forte rajada, que abala e faz

momentaneamente girar as rodas de um moinho de vento, assim andaram o fio e as rodas da antiga roca. O pé da velha tinha despertado, e os seus olhos cerrados, desde alguns momentos, com o peso do somno e dos annos, abriram-se pouco a pouco.

O cavalheiro fez um pequeno ruido arrastando o banco, a fim de não causar grande surpresa á solitaria.

– «Quem está ahi?» exclamou uma voz tremula e agudissima; e seus olhos vaguearam pela vasta quadra como quem vê pouco.

– «Um estrangeiro, minha boa velha: um antigo conhecido dos donos d'este castello.

Creio que sois a tia Margarida, depositaria das chaves d'este castello. Onde está vosso filho? – desejo que elle me abra a casa.»

– «Essa é boa, disse a velha com importancia: o castello de Raoul de Nesle nunca me consta

que recebesse estrangeiros...»

– «Senhora, já vos disse, continuou o cavalheiro, fazendo por entender a conversa; já vos disse que sou um velho amigo da família dos Nesles.»

– «Dos Nesles, me dizeis vós? continuou a velha, largando a mão da roda. Fostes amigo do pae, do filho, ou do neto?»

– «Conheci muito, em París, Raoul de Nesle, pae do actual proprietario d'estas terras.»

– «Se fostes amigo de tão nobre cavalheiro, digo-vos que não podieis ter melhor recommendação para receberdes hospitalidade!»

E a velha, cuspindo para apurar a garganta, e erguendo com ufanía o pescoço, começou de cantar com voz de falsete:

Para que são estas flores
Desfolhada que ahi estão?
– É o enterro que passa
Do nosso santo patrão.

Leva padres, leva vozes
Que se somem pelos ares;
Leva tochas, leva luzes,
Como estrellas a milhares.

Quem é o nobre donzel,
Que vae ao pé do caixão?
É o filho de Raoul,
Do nosso santo patrão.

As donzellas da provincia
Levam cestinhos na mão,
Com flores que vão caindo,
Vão caindo pelo chão.

E quem era a nobre dama
Vestida de pedrarias?
Era a condeça viuva
Com penas e agonias.

Viva o bom Raoul de Nesle
Na feliz eternidade.
Bom patrão, marido e pae,
Fina flor da lealdade!

– «Tempo, tempo, disse a velha, quando acabou o seu cantar: – tempo, tempo!... quem diria a este santo varão, quem diria a Raoul de Nesle, que seu filho seria um herege!

– «E quem vo-lo disse? –perguntou arrebatadamente o estrangeiro.»

– «Quem m'o disse? – repetiu a velha, franzindo a testa. O libertino não mandou fechar ao povo a porta da capella do castello, onde ouvi missa setenta e oito annos?

«O monstro não expulsou de sua casa a esposa, que recebeu á face dos altares: um anjo, senhor, um anjo que conheci na terra! Não deu cabo da filha, que ninguem sabe d'ella? – e não foi fazer-se herege na terra da heresia, d'onde nunca mais voltou?»

Esta parte da conversação da velha arrancou um profundo suspiro ao estrangeiro, em quanto ella foi continuando no seu aranzel de queixas e

vituperios contra o seu joven patrão.

O cavalheiro não lhe deu resposta, e com os olhos fitos no chão parecia não ouvir cousa alguma.

A velhinha que pouco enxergava já, como nada ouvisse mais, julgou que a visita se tinha ausentado, e como estava agora bem acordada, entregou-se com toda a vontade ao seu lavor.

A scena mudou-se; o quadro era então curioso.

Figurae-vos um mancebo no vigor da mocidade, abatido, triste, immovel, sentado, como já dissémos, em um humilde banco, e uma velha, tezinha agora, e sentada n'um elevado assento; e toda ella movimento, porque acompanhava com o corpo o contínuo girar das rodas, que faziam um estrondo semelhante ao sussurrar das ondas.

Assim se passaram alguns minutos mais, quando um novo individuo appareceu.

Era um camponez, o qual, tendo examinado apenas dois minutos a figura do cavalheiro, encaminhou-se para elle com um ar humilde e confuso; pareceu ter reconhecido a pessoa a quem devia homenagem.

– Eu não me engano...disse elle com alvoroço:
– é o senhor Frederico que está aqui?

– Sim, João, tu conheces-me melhor do que tua mãe...

– Minha mãe, disse João, abanando a velhinha, que nada ouvia aturdida com a bulha da roca: – o nosso patrão, continuou elle, afastando para um lado o impertinente instrumento – o senhor Frederico está aqui!

– O senhor Frederico está aqui? – disse a velha com inflexão ironica: – bem vindo seja o senhor Frederico... já era tempo de visitar a campa de seu honrado pae... que Deus o traga em boa guarda!

– Vamos, João, disse o conde de Nesle ao camponez; – faz-se tarde; chama gente que possa servir-me; venho cansado, quero cear e deitar-me.

João correu a buscar um grande mólho de chaves, que estava pendurado na parede, e acompanhou seu amo ao castello.

CAPITULO XLV.

A CAPELA DO TUMULO.

A visita do patrão ao castello poz em movimento uma grande parte dos habitantes. Uns limpavam a herva dos pateos, outros atavam com vimes alguns ramos esgalhados das arvores que embaraçavam a passagem; estes varriam, est'outros aguavam algumas flores conservadas nos jardins: João tinha amanhecido na capella dos tumulos; o pequeno atrio de cyprestes estava limpo e varrido, e a porta da capella achava-se aberta á espera do neto dos Nesles.

As falhas da velhice são sempre admoestações para a mocidade, e bem degenerado é o coração humano que não reconhece a superioridade da experiencia, e a não respeita!

As ultimas palavras da velha Margarida soaram porventura aos ouvidos de Frederico com

demasiada acrimonia: não merecia na realidade todas as recriminações que ella lhe dirigira, mas a verdade transparecia n'uma e outra palavra das que ella soltára, e a verdade tem o prestigio da eloquencia!

O conde chamou João ás nove da manhã, e disse-lhe que tivesse aberta a porta da capella, porque queria visitar a campa de sua amada mãe á tarde: fallando com os antigos vassallos de Raoul, Frederico experimentava certo acanhamento ao proferir o nome reverenciado de seu pae...

– «A capella está aberta desde pela manhã cedo, senhor,» lhe respondeu João.

O conde escreveu algumas cartas, expediu depois varios mensageiros, e quando todos estavam entretidos nas suas occupações, que uma a outra se seguiam, saíu sósinho, dirigindo-se ao immenso bosque onde se achava a capella.

Os seus passos eram vagarosos; arrastava-o o peso de tristes e caras recordações, que lhe sobrecarregavam o espirito já desde a vespera. De resto, o objecto do passeio era bem analogo ao lucto do seu coração.

Frederico entrou na capella, e foi ajoelhar no estrado junto ao altar; e derramando abundantes lagrimas, prorompeu n'estas palavras:

«Meu pae! és tu que eu invoco: se vires, tu ouves-me, e se ha eternidade, tu és ainda o meu maior, o meu unico amigo! – Se ha eternidade, eu quero morrer para viver contigo... que eu não vivo, pae! – existo no mundo isolado, e a minha consciencia é o meu peor verdugo!

Os que o mundo chama amigos arrancaram-me do peito todo o germen de virtude que ali tinhas semeado, e deixaram que eu me precipitasse em um pégo de erros e de infortunios...

A docil e angelica creatura, que minha mãe escolhêra para companheira da minha vida, deshonrou-me!... Não sei onde geme a minha filha... perdi-a, pae!... todos me abandonaram; até o velho amigo da minha infancia...»

Frederico foi interrompido aqui no seu clamor, por uns surdos soluços, e voltando-se sobresaltado para o lado d'onde partiam, deparou com seu leal Anselmo, o qual estava de joelhos n'um canto junto á porta da capella.

O aio ergueu-se, e foi lançar-se aos pés do amo.

– «Não, Anselmo, essa tua attitúde humilha-me... levanta-te, amigo, continuou Frederico, animado de um raio de alegria: abracemo-nos!

Se tu me perdoas, allivias-me o coração e a consciencia de um crime... tenho defeitos, eu os reconheço, mas não posso vencê-los, porque não dependem da minha vontade; mas a ingratição

fôra para mim um insupportavel remorso; porque o meu coração a desaprova!»

– «Permittís que vos chame meu filho, senhor?
– disse o ancião: é o que tenho a responder-vos, é o que me inspira agora o coração.»

Anselmo contou a seu amo como acabava de escapar milagrosamente á morte; como estando resolvido a ir novamente tomar o seu lugar em sua casa na Inglaterra, tivera o desejo de visitar o tumulo de seu defunto patrão, aonde Deus lhe deparára um tão feliz encontro.

O conde voltou mais alegre para casa, e parecia ufano de entrar ali com o antigo servidor da casa paterna.

Cumpre declarar, entre parenthesis, que o cura havia pedido ao pae de Alberto, que não fallasse ao conde na grande transformação e fortuna de Alberto de Montferrier; isto era mui necessario aos meios pelos quaes se propunha o bom clerigo

de trazer á conversão o conde de Nesle.

N'essa mesma noite Anselmo escreveu a Jeronymo, passando-lhe aviso da subita chegada de Frederico, e do seu encontro com o mancebo.

A resposta a esta carta não tardou, e alegrou sobremaneira o ancião.

CAPITULO XLVI.

A VISITA DE UM CLERIGO.

Já havia oito dias que Frederico se achava na antiga habitação da sua infancia, e tinha sido visitado por todas as notabilidades da provincia.

Anselmo um dia saíu cedo, e de volta a casa dirigiu-se ao quarto de seu patrão.

– «Esta manhã, senhor, disse elle ao conde, no meu giro costumado, encontrei um sujeito respeitavel, de quem já muito tenho ouvido fallar como um dos grandes sabios da França. Disse-me que viajando pela provincia teve desejos de visitar o vosso castello; e como lhe annunciei a nossa actual residencia aqui, encarregou-me de obter de vós a permissão de satisfazer a sua curiosidade de viajante.»

– «O seu nome?» perguntou Frederico.

– «O padre Jeronymo Delaborde,» respondeu Anselmo.

– «É raro um padre ser sabio, redarguiu o joven conde; portanto mais folgarei de o conhecer: dize-lhe que entre, e que o espero a almoçar.»

Assim que deram dez horas no antigo relogio do castello, o conde dirigiu-se á grande sala, e logo depois entrou Anselmo com o nosso reverendo cura.

Havia oito annos que Frederico vivia cercado e sujeito aos funestos prejuizos do seculo; a virtude e a religião estavam quasi varridas dos palacios dos grandes; a aristocracia tinha encetado uma nova estrada, e para certa especie ridicula de peralvilhos, desde que o homem se declarava francamente religioso, cessava de ser amavel, e ainda que lhe superabundassem o talento e conhecimentos, era considerado nescio e demente!

Frederico tinha a cabeça recheada d'estas

falsas theorias, e foi em semelhante disposição de espirito que recebeu o seu desconhecido hospede.

O reverendo padre Delaborde não era homem capaz de ostentar maneiras de uma falsa amabilidade; a affectação era-lhe desnecessaria, nem sabia usa-la; mas tinha grandes recursos para captivar a sympathia primeiro, e depois a estima e a amizade.

Era cortez, franco e officioso; além dos seus talentos tinha uma finura de tacto, que o conciliava com todas as idades e circulos, e com a sua natural affabilidade sabia moldar-se aos usos e melindres da sociedade, sem nunca descer da altura do seu respeitavel ministerio. Frederico foi insensivelmente sympathisando com o seu hospede, e conveiu interiormente que o ridiculo não era bem cabido em um homem d esta esphera; subjugava-o sobre tudo a modestia que

acompanhava tanta sabedoria e nobreza: Jeronymo não arrogava nunca a si o ar despotico e decisivo da superioridade.

O relógio já tinha dado duas vezes horas, quando o clérigo e o mancebo se levantaram da mesa. Discorrendo sobre os negócios políticos da França, Jeronymo traçará um rápido esboço da história da sua nação, empunhando a tocha da religião christã, mostrando-a sempre dominante, desde o começo até ao desfecho do seu longo discurso.

Era invencível a sympathia que inspirava ao conde o ecclesiastico; a sua candura persuasiva dava côr e graça a qualquer assumpto, por simples que fosse.

Passaram a percorrer o vasto e antigo castello, augmentado e reparado pelo defunto proprietario; o cura demorou-se algum tempo no exame da grande e rica bibliotheca, e entraram

por ultimo na sala de Nesles, assim chamada porque os bellos paineis que a guarneciam representavam todos os antepassados do conde.

– «Onde está o retrato de vosso pae?» perguntou o cura, vivamente interessado.

– «Aqui,» lhe disse o mancebo, aproximando-se d'um bello painel pintado a oleo.

– «Eu não o conheci n'este mundo, disse o clerigo, contemplando respeitosamente o retrato; mas desejarei muito encontra-lo no outro: pelo que tenho ouvido de vosso veneravel pae, deve lá occupar um bom logar!

Inda pela manhã ouvi alguns pobres camponezes d'estes arredores pronunciarem o seu nome cobrindo-o de mil benções; sabía já dos seus principios de fé, e vejo agora que elle usou da caridade: – quem dá aos pobres empresta a Deus, meu joven conde: Raoul de Nesle a esta hora está pago e bem pago!

Escutae o conselho de um amigo, continuou o cura; – se quereis viver e morrer contente, segui os exemplos de vosso pae; foi a melhor herança que elle vos deixou. Tendes lido a historia, e por isso deveis conhecer o cavalheiro Bayard, nascido em 1476, – appellidado *Bom, Cavalheiro sem medo e Cavalheiro sem mancha*. – Perguntando-lhe um dia, um fidalgo, que bens devia um nobre deixar a seus filhos:

– O que não teme, respondeu Bayard, nem o tempo, nem o poder humano: prudencia e virtude.»

– «Perdi ha muito tempo essas duas qualidades, respondeu melancolicamente o mancebo, digo-vo-lo sinceramente, porque a impostura repugna-me, e repugna-me ainda mais conhecendo a sinceridade com que me fallaes.»

– «Basta que odieis tanto a mentira, para que procureis a verdade: ella vos espera, senhor, e

abrir-vos-ha o caminho que conduz ao tabernaculo da virtude.»

Frederico calou-se.

– «Faz-se tarde, disse o cura, e estou longe de casa: não sei quando vos verei agora, senhor conde; mas nas ultimas palavras que pronunciastes me inspiram um grande desejo de tornar a ver-vos...»

– «A minha sociedade não vos deve agradar, respondeu o conde, pela rasão de eu ser hoje uma ovelha inteiramente desgarrada do vosso rebanho. Se não fôra o grande contraste das nossas opiniões, que se eleva como uma formidavel barreira entre mim e vós, a minha sympathia, a minha mão se estendèra para vós como a do amigo, e porventura não me recusarieis o gosto de demorar por um ou dois dias a vossa visita no castello?»

– «E o que é que se póde recusar á sympathia,

se é que tive a dita de vo-la inspirar? –redarguiu o cura: quando as almas se entendem, o caminho está aberto para a amisade. Durante a pequena conversação que temos tido, observei que sois melancolico: pareceis-me victima de alguma affecção moral... n'esse caso careceis de conforto; e se não vos dedignaes em acceitar uma cordial offerta, aqui tendes um amigo, senhor conde!»

O cura estendeu a mão a Frederico, que a levou aos labios por um impulso espontaneo.

O hospede do castello demorou-se até ao seguinte dia; á noite, como a conversação recaísse sobre politica, no que ambos discorriam desapaixonadamente, Frederico declarou não se achar disposto a habitar nos primeiros tempos em Paris, por ter saído d'ali pungido de amargos desgostos.

– «Ha oito annos, disse elle ao cura, que saí da

minha patria decidido a não voltar mais a ella: mudei de terra, de amigos e de systema; entreguei-me a todas as distracções; mas todas me aborreciam. Quando a vida cáe sobre nós como um peso importuno, a unica idéa que nos dilata o coração é a certeza da morte: então a patria nos chama ao seu regaço, gosta-se de ir lá morrer; a terra natal cobre-nos mais suavemente a fria lagea.

Herdei de minha mãe uma pequena e bonita casa em Montpellier; ali, como aqui, tenho alguns conhecimentos da infancia; passarei lá uns mezes, e aqui outros: acho-me inclinado ao retiro, não por effeito da idade, mas das circumstancias...»

– «O campo não é um deserto retiro para a alma, replicou o parochó: o seu silencio é eloquente para os que sofrem. Se contemplaes o camponez franco, lhano e simples, n'elle

achareis, se não o amigo, o irmão do vosso berço; as avesinhas repartem comvosco o goso da sua liberdade com alegres e continuados gorgeios; os suaves murmurios das aguas encendem-vos na imaginação as mais bellas imagens: nada é morto no campo, tudo vive ou vegeta, tudo amanhece e adormece comvosco: os homens, as aves, as fontes, os arbustos!

Approvo, como amigo, o vosso plano de vida, e estou summamente encantado da vossa projectada assistencia em Montpellier: conto passar algum tempo n'aquella cidade este inverno...»

– «Que feliz acaso, senhor!» exclamou Frederico.

– «Não é o acaso, lhe redarguiu o cura, batendo-lhe brandamente no hombro – foi a Providencia!...

Espero ver-vos restituído á posse do grande

bem que me dizeis terdes perdido: a virtude. Não sómente vos demonstrarei e provarei com palavras a sua efficacia, senão que erguerei para vós o véu do seu santuario: far-vos-hei conhecer o coração de uma mulher!»

– «O coração da mulher... oh! Senhor! Disse o conde, empallidecendo repentinamente – afastae essa imagem dos meus olhos e do meu pensamento... a mulher! Ah! Meu padre, mal sabeis quanto enganam suas magicas feições... não há antidoto contra o veneno que se gera no peito feminino...

Se eu acreditasse em contos, citar-vos-hia por exemplo a antiga alliança entre a mulher e a serpente!»

– «Os contos são mentira, e a historia funda-se na verdade, respondeu o cura: – se a historia da nossa religião fosse inventada e produzida pela razão humana, por si mesma se desmentira como

obra do engano e da illusão: vacillante, impotente como a nossa fraca rasão, não poderia manter-se nem para gloria de Deus, nem para felicidade dos homens.

Assim como houve um Clovis, primeiro rei na historia da nossa nação, o qual abriu a longa lista dos monarchas francezes, tambem nos annaes antigos da creação temos Adão pelo primeiro homem, pae da grande familia da humanidade.

A mulher, perdoae-me, não foi astuciosa, mas fraca; da sua fraqueza devia resultar a imperfeição dos homens, governados pela sabedoria de Deus, creados pela sua vontade, punidos pela sua justiça, sujeitos sempre ao seu poder, e dependentes da sua misericordia.

A mulher de quem vos fallava é uma menina de quinze annos: vós a amareis, conde, e ides ver a virtude, não descripta, não pintada, mas vivente!

Conheceis mr. de Montferrier? Perguntou o cura como a proposito.»

– «Não, senhor,» respondeu Frederico.

– «É o pae d'essa menina, e de uma sua irmã. Bravo militar! fez todas as campanhas de Napoleão, mas retirou-se ao seio da sua familia muito antes da ultima catastrophe do imperador. A sua conversação é mui attrahente. Madame de Montferrier é tambem uma senhora digna de toda a consideração e de todo o respeito, como um composto de raras virtudes!»

– «Não vos prometto grande assiduidade com os vossos amigos, respondeu o conde: tenho-me tornado bastante excentrico, e o tracto das senhoras constrange-me; não acontecerá assim comvosco, meu amigo; pelo contrario, talvez que eu tenha de importunar-vos.»

No outro dia, ao separarem-se, o conde prometeu pagar a visita ao cura, no presbyterio.

CAPITULO XLVII.

AS SUPPOSTAS GEMEAS.

Havia alguns dias que o conde Nesle se achava na sua bella vivenda de Montpellier, e já tinha recebido a visita de mr. de Montferrier, a quem o cura o havia recommendado. Estava convidado a jantar n'aquelle dia em sua casa; o que equivalia a uma pequena viagem, porque o castello de Montferrier ficava um pouco arredado da cidade.

Acompanhemos o conde e entremos com elle.

Mr. De Montferrier recebeu o seu hospede n'uma boa sala armada e mobilada com elegancia: era um mixto de luxo e simplicidade, de graça e conforto. Largos divans, cobertos de ricos pannos de lã matisados de bordaduras, faziam realçar o resto da mobilia; haviam alem d'isso grandes coxins de macio veludo, espalhados pela casa, à moda oriental, fantasia de

Alberto; as porcelanas conservavam em agua a verde urze cheirosa, o jasmim, a rosa branca e vermelha, as flores que se colhiam na estação, mas dispostas com tal symetria e graça, que diríeis que ali vegetavam!

Passados alguns minutos, Alberto levantando-se conduziu o seu hospede ao proximo gabinete, onde estavam as senhoras. Esta sala era mais vasta, e no seu cumprimento abriam-se tres grandes janellas que davam para uma longa varanda, enramada naturalmente por bellas flores trepadeiras, que ali subiam do jardim, e cujos perfumes davam aquelle alegre aposento um ambiente balsamico.

A dona da casa e as suas filhas vieram cumprimentar Frederico.

Já descrevemos Theresa sobre todos os aspectos; mas a par d'ella estão agora duas donzellas, que devemos retratar, porque os annos

e a educação muito alteraram o bosquejo que d'ellas apresentámos em outro logar.

As duas gémeas, longe de se assemelharem nas feições, não passariam por irmãs, se não houvesse entre ellas uma mystica analogia, que partia sem duvida de uma causa ou principio, e era evidentemente esta: a mesma mãe as tinha educado.

Maria, que estava à direita da sua mae, deixava-se eclipsar à primeira vista por sua irmã; a sua belleza era menos brilhante; não excitava logo a admiração, mas ganhava-a progressivamente, exhibindo, um após outro, seus doces attractivos.

Luiza, sua irmã, não diremos que era um typo de belleza regular; mas seus grandes olhos, de um azul deslumbrante, rompendo risonhos o sombrio véu de umas negras pestanas; seu nariz gracioso; sua bôca vermelha e mimosa,

compunham no todo o *não sei que* de enfeitiçar... e Luiza encantava de feito!

Os olhos de Maria eram castanhos como os de seu pae, um tanto abstractos; mas em conversação o seu olhar animava-se de meiga expressão. Seus rubros labios podiam comparar-se a um botão de rosa.

Um observador escrupuloso perceberia facilmente certa preocupação, certo constrangimento em duas das circumstantes, no cumprimento que fizeram ao seu novo hospede: eram madame de Montferrier e Maria.

A primeira, como mãe, sentia-se quasi subjugada pela comoção interior, n'esta scena muda de um pae e filha, que se viam sem conhecer-se!

O sentimento da donzella era de outra natureza, mas não menos grave, não menos profundo. O conde de Nesle havia-lhe sido

recommendo pelo seu sábio preceptor, como uma alta empresa que entregava ao seu empenho, como a sua primeira e santa missão!

Estava informada de uma parte dos seus desgostos, e até que ponto lhe tinham extraviado a razão: o cura ensinou-lhe os melhores meios de pôr em execução a sua laboriosa tarefa.

Pode-se ajuizar do merecimento de Maria, pelo grande conceito em que a tinha Jeronymo; a formosa menina tinha a protecção divina; o seu espirito era inspirado, e as lições do eminente cura haviam-lhe largamente aproveitado.

Todavia, Maria tinha quinze annos; e o seu ensaio em semear e cultivar a saudavel planta da Fé n'um solo ingrato era bastante difficil.

À mesa, mr. de Montferrier a collocou de pé de seu pae. Havia muitas annos que uma voz como a de Maria não tinha soado aos ouvidos do conde: este accento não lhe era estranho: a

virgem tinha-lhe fallado porventura em sonhos, e ele já a amava antes de a conhecer!...

Maria tinha a voz exactamente de sua mãe.

Theresa depressa voltou ao seu meigo natural, e nenhuma nobre dama lhe levava a palma na graça da hospitalidade.

À noite chegaram uns tres convidados, que fizeram a partida com o dono da casa; e Frederico passou entretido com a mãe e as filhas, cuja sociedade quanto mais cultivada mais se tornava appetecida.

Madame de Montferrier trouxe em conversa os antepassados do conde e manifestou ao seu hospede uma tão amavel e singela symphatia, que desaffogou com ella mais do que costumava; e, sem nunca desviar-se da reserva da causa particular do seu padecimento moral, fallou da sua tendencia para a solidão, e do aborrecimento que lhe inspiravam as intrigas e etiquetas do grande mundo.

Quando se despediram, mr. de Montferrier disse ao conde que dava duas vezes na semana um pequeno concerto de música para as suas filhas, e que o esperava n'aquelles dois dias no castello. O conde aceitou e agradeceu.

CAPITULO XLVIII.

EQUÍVOCO.

Nas primeiras vezes o conde usou de algum ceremonial, e vinha tarde, á hora do jantar; depois passou a vir cedo pela manhã, e era ali que se achava verdadeiramente satisfeito.

As graças feiticeiras de Luiza despertaram-lhe por alguns momentos a sua antiga jovialidade; Maria, porém, inspirava-lhe um sentimento que não podia definir; desconhecia-se a si mesmo diante d'ella!

Não era amor: esse sentimento é sempre agitado de uma vaga inquietação... Maria, pelo contrário, derramava-lhe na alma como um balsamo de ineffavel doçura; seu pensamento pousava socegado sobre aquele candido aspecto da innocencia, e sentiu-se tacitamente commovido por essa fé religiosa, que tanto bem produzia, e tanta felicidade!

A virtude já começava a transparecer-lhe;

como poderia definir-se a singela bontade de Theresa, a harmonia, a conformidade, e alegre satisfação d'aquelles entes, se essa palavra não exprimíra em todo o sentido quanto elle ali via!

Pela sua parte, Maria não estava desanimada: tinha minuciosamente estudado a incredulidade do seu protegido: tinha-o encontrado incredulo, blasphemo, destituído emfim de toda a ideia sã; e comtudo, a sua rasão oscillante, prestes a fenecer, havia sido apenas suffocada: percebia-se que o fundo era docil e bom.

Sim, no meio dos seus desvios e erros, Frederico conservára certa equidade: respeitava profundamente a memoria de seu pae; gostava de instruir-se, e cada dia se lhe fortificava mais este desejo. Joven, fraco, tinha-se deixado surprehender; mas a bontade do seu coração evitou que se corrompesse de todo; e se a mina copiosa da religião lhe fosse mostrando, um após

outro, seus suavísimos bens, a chamma de um amor sobrehumano se atearia na sua alma, e ahí consumiria todo o vestígio do mal!

Maria não perdia a ocasião de lh'a inculcar sob todas as formas.

Um dia, pela manhã, que ella colhia no jardim as mais bellas flores para guarnecer pela sua mão as salas, Frederico lhe disse:

– «Mademoiselle de Montferrier, eu podia ter hoje uma filha da vossa idade, e muito folgara que se parecesse comvosco em tudo!»

– «Ah... sois muito lisongeiro; lhe tornou a menina; mas não me tendes verdadeira amisade!»

– Por que? replicou Frederico, encaminhando-se para ella; – por que dizeis que não sou vosso amigo?»

– «Porque? – disse tristemente Maria, levantando os olhos para o céu, e volvendo-os

depois para o conde, arrasados de lagrimas: porque se me amasseis bastante, seria mais feliz; mas enquanto não professardes a minha crença; e reconhecerdes o Deus que adoro, nem daes provas de me estimardes bastante, nem eu posso consagrar-vos todo o affecto que me inspiraes!»

O conde ficou pensativo por algum tempo, e pouco depois a conversação mudou de assumpto.

Frederico tinha casualmente observado, que Maria o distinguia de entre todos os cavalheiros que frequentavam a casa de seu pae, e algumas vezes mesmo tinha surprehendido os seus belos olhos procurarem-no com um particular interesse; suspiros cortavam as fallas da donzela quando ambos discorriam, mas a innocencia não pode occultar mysterios, nem guarda segredos, porque não os tem, e as ultimas palavras de Mademoiselle de Montferrier, e as suas lagrimas tinham sido bastante explicitas: —Frederico era amado!...

Se elle fosse livre, Maria tinha feito certamente a sua felicidade; porém, era casado, e Frederico não podia amar senão com um puro e casto amor.

Passaram-se duas semanas sem o conde apparecer em casa de mr. de Montferrier. Um dia bastante invernosu apresentou-se, porém, muito cedo. Theresa proporcionava de propósito as occasiões a Maria de entreter o conde; e depois do almoço elle achou-se só com a donzella.

O conde estava triste, e Maria, como sempre, pensativa.

– «Mademoiselle de Montferrier, lembraes-vos do que vos disse da ultima vez que estivemos no jardim? – Disse-vos que desejara ter uma filha como vós. Tenho uma filha, Maria!... e ella deve ter hoje a vossa idade...»

– «Ha muito tempo que o sei, senhor; porém, como são lembranças que vos magoam, respeitei sempre o vosso silencio.»

– «E sabeis que sou casado?» replicou o conde com algum esforço.

– «Também o sei, lhe respondeu a donzela socegradamente: sei tudo.»

– «E então, prosseguiu Frederico attonito, dizei-me porque chorastes o outro dia, queixando-vos da minha pouca amizade?»

– «Pois que fostes comigo sincero, e me dissestes os vossos segredos, também serei convosco franca, e vos direi os meus, lhe respondeu Maria com intimativa.»

«Há muito que sei toda a vossa historia, mr. De Nesle: sei que fostes bom filho, bom esposo, e bom christão. Perdestes infelizmente os dois primeiros bens, mas se tivésseis conservado o ultimo, a vida podia correr-vos agradavel, em quanto que, sem arrimo, sem fé, eu lastimo mais a vossa pessoa, do que o miserável mais faminto que vem esmolar à porta!

«Sabei agora por que chorei, prosseguiu Maria; desde o momento que soube do estado lastimoso da vossa alma, desolada pela aridez da incredulidade, nutri e abracei a esperança de vos trazer á conversão... perdoae-me, senhor, mas é assim que vos amo!»

– «Sois um anjo, Maria! – aqui me tendes submisso a vossos pés... fallae... que me quereis?»

– «Que comeceis desde hoje a ser comigo franco; que depositeis n'este coração que vos ama todas as duvidas que se suscitarem em vosso espirito, contra o poder e a misericordia de Deus; como, estimando e respeitando a moral da religião christã, vos não quereis agregar á santa communhão dos que a seguem e praticam!»

– «Sim, Maria, respondeu o conde, eu aprecio o bem, venero a religião dos meus paes, mas... depois de certo tempo desvaneceu-se para mim o

seu prestígio, e perdi a vontade de a praticar. Confesso-vos, porém, sinceramente a verdade; desde esse tempo nada me satisfaz, e de mim mesmo vivo descontente!

– «Quiz seguir a lei natural; e desligar-me do jugo dos deveres que me impunha uma religião, cujos fundamentos nunca se desenvolveram à minha compreensão, e, por conseguinte, me oferecia uma fé obscura. Mas os embaraços que eu queria evitar aglomeraram-se no meu novo trilho, e a seita que adoptei, entranhando-me de dia em dia n'um labirinto de dúvidas, lançou-me n'uma noite mais profunda e mais tenebrosa!

– «Maria, boa Maria, vós quereis vir em meu socorro... Mas que apoio me dareis vós? O christianismo? Mas como poderei penetrar os seus mysterios com tão limitado entendimento?

«O vosso exemplo me attrahe, e gostaria segui-lo: mas falta-me o valor da vossa fé,

porque a minha razão não está convencida. Não serei nunca ingrato à vossa bondade. Deus queira ajudar o vosso triumpho; já é bastante que eu o deseje... prossegui, pois, nas vossas santas intenções.

«Não prometto de oppor-vos duvidas mal fundadas, sophismas vãos, mas apresentae-me provas. Dae-me uma clara determinação aos objetos os mais importantes; deixae-me depois meditar e resolver, mas observae que eu serei impertinente, e que deveis estar provida das autoridades mais respeitaveis!»

– «A fé devia ter a sua obscuridade, meu bom amigo, respondeu Maria; esta obscuridade provém da distância que há do homem a Deus. Os homens presumpçosos, os orgulhosos sábios que têm querido arrostar e penetrar os segredos que Deus guarda na sua essencia, de duvida em duvida, de opinião em opinião, foram caíndo no

profundo abysmo do erro, a que chamam philosophia.

– «Os mysterios da fé não são contrários á nossa rasão; mas superiores a ella. Como pode a creatura descobrir o segredo da Divindade, se se conhece apenas superficialmente a si própria! – A creatura por si mesma é um mysterio. O homem pode arremessar longe a sua rasão, mas jámais transporá as raias do infinito, e ostentando ousadamente investigar e sondar a natureza divina, ve-lo-heis oprimido da sua gloria: o seu esplendor offusca-lhe o seu entendimento!

«Comtudo, Deus, querendo escolher para si uma parte da humanidade, a fé era necessaria aos homens, e devia ter a sua luz, e a sua demonstração. A principio era o mesmo Divino Legislador que passava as suas ordens, como Deus o como Rei, no tabernáculo; e estabeleceu logo para o seu culto os sacrificios, os sacerdotes e levitas.

«Mais tarde deixou-nos a lei da christandade, a qual achaes absurda, porque os seus dogmas offerecem alguma obscuridade. Como a quererieis despida do seu melhor ornamento?

«Os dogmas da religião cristã são a base da sua moral, estrella de guia que conduz os homens; eles têm produzido as virtudes mais sublimes em todo o tempo!

«Sim, senhor, a moral evangelica ensina o homem a reconhecer e amar o seu Deus, e a estreitar os laços que o ligam ao seu próximo; esses dogmas, que infelizmente a vossa rasão intentou quebrantar, estudae-os, e vereis que compõem o corpo de doutrina o mais precioso, que sem desviar-se de sua santa simplicidade, liga todas as suas divisões n'um só systema, completo, firme, inabalavel; estudae syntheticamente a religião, e admiraes a sua unidade!»

Maria tinha um talentoso portento, e uma fé ardente; e de mais a mais recebia regularmente largas epistolas do seu preceptor, que a dirigiam e esclareciam sobre a maneira de levar ao cabo a sua bella empreza.

– «Se não me engano, prosseguiu a donzela, quereis examinar a religião com o animo imparcial e desprevenido que só procura n'ella a verdade?»

– «Sim, Maria; mas em vão a procuro, e se lanço os olhos em torno de mim, não vejo senão erros monstruosos! Sinto-me cada dia mais humilhado da minha imperfeição e insufficiencia; e se o homem devia nascer para a virtude, porque o acompanhou o peccado desde o berço?»

– «Falaes do peccado original? A idea d'esta degradação da humanidade repugna-vos? Mas com uma natureza tão baixa e impotente como a

nossa, reflecti que sem o pecado somos dobradamente incompreensíveis; convireis que o pecado devia de algum modo infectar o homem, por que Deus que o fez à sua imagem e semelhança, teria derogado muito da sua magestosa auctoridade, se o creasse isento de imperfeição.

– «E todavia, abri os olhos, e consultae as escripturas: volvei aos primeiros tempos da criação, d'onde partem também os fundamentos da nossa doutrina. Contempla o homem inocente e feliz no paraizo, mas ali já sujeito a um preceito divino. Esta primeira felicidade que Deus apresentou ao homem não esta perdida nos futuros da eternidade, mas é necessario que elle a ganhe, como o pão, com o suor do seu rosto.

«O homem peccou, e infringiu o preceito de Deus: foi rigorosamente punido, e com elle o genero humano: porém Deus, descarregando com

uma mão sobre ele a sua justiça, apresentou-lhe com a outra a sua redempção. O homem herdou o peccado dos seus primeiros paes, mas recebeu a rasão do seu Supremo Creador, que o condemna. Temos a rasão senhor, e a consciencia: a consciencia que cravou o espinho do remorso no primeiro criminoso, o fraticida Caim, antes que a mão divina e justiceira caísse sobre elle!

– «Ah!... Senhor de Nesle! – a ideia de remorso não bastará para vos fazer abraçar a virtude! Será porventura um mero acaso o remorso, essa terrivel agitação que nos persegue, essa voz interior que nos accusa, que enche de negrumes o coração do delinquente, e o despedaça, antes mesmo que a justiça humana o arraste ao patibulo?!...

«D’onde parte, pois, o remorso (porque tudo deve ter um ponto de partida), d’onde partiria,

pois, o remorso senão houvesse um inferno, um paraizo, a morte, a eternidade?! «Quem vo-lo introduz no coração, senão a mão mysteriosa e potente que nos governa, a mão do Grande Deus, que não quereis reconhecer?!»

– «Ó Maria! Exclamou Frederico, profundamente comovido, como discorreis com acêrto e vontade...Prosegui! meu anjo protector! as vossas palavras são para mim como um balsamo consolador; pois também o remorso me tortura e punge!...»

A conversação dos dois prolongou-se até quasi á hora do jantar.

Maria foi predispondo o coração do seu discipulo, que passava com ella quasi todas as manhãs. Como dissemos, a menina escrevia sempre ao seu mestre, e as suas cartas eram cada dia mais satisfatorias.

Frederico correspondia-se também com o cura, e esperava anciosamente a sua vinda.

CAPITULO XLIX.

A CORRESPONDENCIA.

Um dia pela manhã, a nossa gêmea recebeu esta carta do conde.

«Mademoiselle de Montferrier:

«Vindo de vossa casa antes de hontem à noite, uma das rodas da minha sege partiu-se n'um barranco; por cautela lancei-me á estrada por uma das portinholas, mas tive a infelicidade de torcer um tornozello. Este pequeno incommodo me privará alguns dias das vossas lições; e todavia o vosso triumpho estava proximo! Sinto-me cada dia mais penetrado de respeito sincero pela religião que tão sabiamente me explicastes, e já se vae conciliando com ella a minha rasão, se dissipaes os obstaculos que eu julgava invenciveis, e conseguís convencer-me da verdade da vossa fé, de quanto vos serei devedor!

«Sinto-me interiormente mais satisfeito; Anselmo, o velho amigo da minha infância, também participa da minha satisfação.

«Esqueci-me de trazer os livros que me tinheis emprestado, e hontem pela manhã achei-me contrariado de não poder prosseguir na minha leitura; as dores tinham-se minorado, e a minha ociosidade forçada impacientava-me.

«Chamei o bom Anselmo (sabeis que meditava fazer-lhe uma surpresa solemne, quando me sentisse verdadeiramente constricto): Anselmo, lhe disse, quero entreter-me; sei que tens livros; traze-me alguns para eu escolher.

– «Senhor, me respondeu elle, emprestaram-me ha dias um romance... – «Não quero romances, lhe tornei; traze-me alguma obra de moral ou religião.» – Percebi n’elle uma alegria visivel. – Meu filho, eu vou;» – foram as suas palavras. Sabereis que este velho aio ama-me

como a um filho, mas que raras vezes me dá este carinhoso tratamento; sómente quando lhe agrado por algum modo: ó Maria! quanto serei feliz de merecer todos os dias aos respeitável Anselmo o doce titulo de filho!

Enviae-me essa excelente obra, esse manancial de luzes para todas as difficuldades que se formaram contra o christianismo; vossas palavras tornam-se-me mais necessarias agora: ellas me convenciam melhor apoiadas pela vossa eloquente fé!

Escrevei-me algumas linhas, mademoiselle de Montferrier! – A minha convalescença moral não pode dispensar os vossos socorros espirituaes.

Vosso admirador, Frederico, conde de Nesle.»

O conde recebeu os livros e as linhas que se seguem:

«Senhor:

A notícia do vosso acidente nos contristou a

todos, e minha mãe sente ainda mais que a distancia, que nos separa, a prive de vos servir de enfermeira.

Pedis-me uma cousa que verdadeiramente me dá prazer; sim, senhor, vou escrever-vos extensamente, e podemos manter uma interessante correspondência em quanto durar o vosso ligeiro incommodo.

O que está confirmado não admite conjecturas. A religião prova-se por si mesmo; ella entrou com os homens no universo, e a sua antiguidade é a sua maior prova.

O carácter da lei christã é inteiramente divino. Se ella fosse o fructo da impostura e da mentira, se os homens a inventassem, não podiam faze-lo senão depois de uma longa serie de annos, e assim formaria uma obra á parte, como todas as artes e sciencias por elles inventadas. Se ella fosse o fructo fosse produzida pelo acaso, em que

se apoiàra? que união e connexão teriam entre si as suas partes? Porque sabeis que o scepticismo informe não admitte ordem nem conformidade de composição; e inda bem que jamais pode offerecer duração e perpetuidade!

Mas a religião, meu amigo, foi a primeira obra de Deus, e entrou no plano da criação, e ve-la-heis seguir com a sucessão dos seculos à grande historia universal.

Marcae a antiga historia com as suas epochas; Adão e a criação; Noé e o dilúvio; a vocação de Abrahão ou a primeira alliança de Deus com os homens; Moyses e a lei escripta; a tomada de Trová; Salomão e a fundação do templo; Romulo ou a edificação de Roma; Scipião ou Carthagená vencida; o nascimento de Jesus Christo.

Tudo teve principio: percorrei as paginas d'esses manuscriptos das primeiras eras, e encontrareis sempre vestigios manifestos da novidade do mundo.

A authenticidade d'esses primeiros livros está muito comprovada, tanto pela ordem das genealogias, como pelo character simples de antiguidade que nos apresenta.

Esta antiguidade dos annaes do povo hebreu têm uma conformidade inalteravel. Vereis a história de Josué ligada á dos juizes, a dos juizes á dos reis, depois essa longa cadeia de prophecias, os escriptos de Salomão, os psalmos de Dávid – tudo concorda na simplicidade e no maravilhoso: a lei escripta e os usos da ephoca, os livros e os monumentos têm uma mesma origem.

Sigamos a marcha dos tempos e dos acontecimentos até ao anno de Roma 727. Cesar, sob o nome de Augusto, é imperador dos romanos e senhor do universo. Eis-nos em fim chegados á ephoca desejada por nossos paes, e annunciada de ha tanto por essa memoravel

profecia de Jacob, quando descobrindo a seus filhos o seu futuro estado e posteridade, elle declara em particular a Judá o tempo de Messias, que deve sair da sua tribu. Mil annos antes da dedicação do templo, no anno 754 de Roma, Jesus Christo, Filho de Deus na eternidade, nasce de uma Virgem.

É n'este tempo que o imperador Augusto, tendo feito publicar um edicto para se proceder ao recenseamento de todo o imperio romano, S. José foi com a Santa Virgem de Galiléa a Bethalem.

Paremos aqui. Examinemos com attenção as prophecias.

1°. Que o Messias chegaria quando o sceptro saísse da tribu de Judá. – Há mil e oitocentos annos d'ahi saiu, e foi justamente a ephoca do nascimento de Christo.

2°. Que descenderia de David. Depois da

morte de Jesus todas as raças judaicas se espalharam e confundiram; mas sabemos que nasceu do sangue d'aquelle principe.

Mas lede, meu bom mr. de Nesle, lede as escripturas, e vereis como das dozes tribos de Jacob nasce um povo que Deus escolhe para depósitario d'esta promessa!

Ella é transmitida de era em era, n'esta familia, governada e protegida sempre pelo Senhor, á qual elle impõe as suas leis. Este povo escolhido é o povo do Messias; observae as suas ceremonias; o Cordeiro Paschal, os holocaustos ministrados pelo Santo Pontifice: este povo escolhido jámais se confunde com as outras nações.

Estanciemos, e façamos o nosso exame; procurando os textos mais claros e connexos, a filiação dos factos na preconisada vinda do Messias.

Escutemos os prophetas:

– Filha de Sião – exclama Zacharias – filha de Jerusalem, lançaes vozes de alegria. Eis-ahi o Rei que caminha para vós, esse Rei justo que é o Salvador; elle é pobre e vem montado em uma jumenta: elle anunciará a paz ás nações, e o seu poder se estenderá desde um até outro mar.

E vós Bethlem – diz o propheta Michael, 700 annos, pouco mais ou menos, antes de Christo – vós sois pequena entre as cidades de Judá, mas é de vós que sairá aquele que deve reinar em Israel.

Daniel é dos prophetas a quem Deus revelou mais o futuro com revelações mysteriosas, que representavam a continuação de sucessos dos tempos por uma maneira tão sensível, que os inimigos da nossa religião o consideram um grande historiador das cousas passadas, como observa S. Jeronymo.

Bem pronunciada foi essa visão em que Gabriel lhe conta as semanas que devem preceder a paixão de Nosso Senhor, e o povo que o ha de renunciar, a destruição da cidade e do santuario, a ruina e desolação d'este povo maldito!

Lede-o e ponderae, mr. de Nesle, porque a fé não tem por base a ignorancia; os melhores christãos foram os homens mais eruditos!

Lança os olhos sobre esse povo, disperso por toda a terra; proscripto, errante, objecto de desprezo e maldição, vivendo entre as nações mas sempre desligado dos outros homens! O judeu, inimigo da nossa Fé; o judeu que não reconheceu o Christo é que nos offerece os titulos da sua origem.

As promessas que se cumpriram são os futuros que elles esperam, a lei que professamos é a lei que elles professam, esclarecida e aperfeiçoada;

seus livros são os nossos, e em tudo vemos manifestada a conformidade na primeira origem das duas religiões.

Mas sou chamada pelos meus outros deveres, senhor, e amanhã ou depois receberéis de mim outra carta.

Maria de Montferrier.»

A donzella recebeu a resposta que se segue:

«Ó Maria! – escrevei, escrevei sempre!

Escutae, angelica creatura, o que me dizeis dos judeus não é sómente uma prova de grande monta, mas a quéda d'essa nação torna-se o axioma o mais authentico, nos elementos que compõe o corpo da nossa doutrina.

O que ha de mais respeitavel que a nossa antiguidade? e qual é a illusão, por deslumbrante que seja, que possa apagar a luz da verdade?

Porque dispersou Deus por toda a terra esse povo primitivo, e o lançou entre as nações, senão

para nos apresentar a cada passo os primeiros homens e a primeira lei?!

Ó Maria!... quanto eu era indigno dos gosos da fé! – E como mereci a Deus a vossa affeição?!... Sim... ha um Deus, minha querida, minha excellente amiga, ha um Deus que respeito profundamente, e cuja lei vae ser desde hoje a minha!

Segui a estupenda historia de Christo: continuae!

Frederico, conde de Nesle.»

CAPITULO L.

OUTRA CARTA DE MARIA.

O conde recebeu por este tempo uma carta de Jeronymo, na qual lhe dizia, que resolvido a passar á Itália por negocios particulares, so contava achar-se em Montpellier por meado de abril.

Frederico escreveu immediatamente ao cura, pedindo-lhe de passar com elle dois ou tres dias no caminho da sua viagem; que o negocio que tinham a tratar nao admittia demora, nem mesmo de dias. Maria respondeu ao seu discipulo, e a sua carta era concebida n'estes termos:

«Há alegria inexplicaveis, alegrias que, á maneira das torrentes fertilisam a terra, expandem dentro em nós uma doçura ineffavel; assim foi a esperança que me trouxe a vossa carta.

Devolvamos á historia antiga e universal, que é a historia da nossa religião.

Jesus Christo vem no anno 4000 do mundo; descendente de Abrahão e David, nasceu de uma Virgem.

Foi uma ephoca memmoravel aquella: 1º, ella offerece o acontecimento importantissimo da vinda do Messias; 2º, d'ella começam os christãos a contar os seus annos; 3º, Roma volve ao estado monarchico sob o pacifico imperio de Augusto; florecem as artes e as sciencias!

Sabeis as grandes maravilhas do nascimento de Jesus; elle tem sido cantado e celebrado por toda a terra.

Transponhamos trinta e dois annos depois do seu nascimento: Jesus quer sair da sua idade obscura, e manifestar-se ao mundo; começa por apresentar-lhe o mais sublime exemplo de humildade: Jesus, a propria innocencia quer receber o baptismo!

É n'esta santa intenção que elle faz saír de repente, do fundo da solidão, S. João destinado a ser seu predecessor.

Este justo apparece nas margens do Jordão; ali começara a pregar a penitencia, e começa a baptisar os que o vão ouvir.

Sua vida austera, sua virtude unvida de santidade, faz que o acreditem sem o auxílio dos milagres, e alguns já querem pensar que aquelle seja, por ventura, o Messias preconizado de ha tanto.

Começam a testemunhar por elle a sua admiração, sobrepondo-o a todos os prophetas, que antes tinham apparecido, e todo o Jerusalem corria para o deserto a escutar a voz do santo precursor, e a ser por elle baptisado. Jesus Christo foi ali e escondeu-se entre a multidão, em espirito de humildade; mas Deus quiz distingui-lo d'entre a cliúsma onde se queria

confundir, porque ao seu divino aspecto S. João foi tocado immediatamente de um profundo respeito, e sentia-se como irresoluto a lançar a água do baptismo sobre o Salvador!

O justo disse então a Jesus estas palavras memoráveis:

–Senhor, vós encheis-me de confusão, querendo receber de mim o baptismo, quando sois vós que me deveis lançar esta agua lustral!

Seguindo o fio da história, chegámos á morte de Augusto. Tiberio, que elle tinha adoptado, succedeu-lhe nos imperios dos Cesares. Roma soffreu muito da crueldade de Tiberio; aos quinze annos do seu reinado, João Baptista apparece; Jesus é por elle baptisado, e o Espirito Santo desce sobre o Salvador sob a fórma de uma pomba.

Então começa a ultima semana das setenta de Daniel. Jesus Christo, tendo escolhido d'entre os

seus discipulos os doze apóstolos que deviam estabelecer a futura Igreja, e propagar por toda a terra o seu Santo Nome e o seu Evangelho, levou-os sobre a montanha, onde lhes fez esse grande sermão, que contém todo o Evangelho, e todas as regras de proceder, tanto dos pastores como dos fieis.

Esta ultima semana era a mais importante e a mais assignalada, como a semana em que a alliança se devia confirmar, e no meio da qual os antigos sacrificios deviam perder a sua virtude. É a semana dos mysterios. N'ella se consummou a missão de Jesus Christo.

A hora do meio dia, as trevas que cobriram toda a face da terra, no momento que Jesus foi crucificado, foram tomadas por um eclipse ordinario pelos auctores pagãos, que attestaram este memoravel acontecimento. Os primeiros christãos conservaram a memoria d'este

milagroso prodigio, e faziam ver mesmo nos seus registros publicos, que no tempo da lua cheia, em o qual Jesus foi morto, nem durante aquelle anno, podia ter acontecido um tal eclipse sem ser por effeito sobrenatural.

Jesus tem consummado o sacrificio sobre a Cruz Grandes maravilhas deviam seguir-se á morte do Justo... mas nenhuma como a ressurreição!

A ressurreição de Jesus é um mysterio que comprehende tantos!... Jesus resuscitando, abre-nos o caminho de uma feliz eternidade.

Mas se quereis contemplar mais seriamente o mysterio da Paixão, meu bom amigo, estudae as meditações sobre o Evangelho, do grande Bossuet!

Já fallámos dos prophetas, dos apóstolos; fallemos agora dos quatro evangelistas. O Evangelho, senhor, que saiu das mãos d'estes

quatro patriarchas da Igreja, mostra-nos claramente a sabia intenção de Jesus Christo, de imprimir a sua santa lei na vida interior dos christãos.

S. Matheus, que de publicano se tornou apostolo, foi o primeiro dos evangelistas que Deus escolheu para escrever o Evangelho e a historia de Jesus Christo de uma maneira inteiramente divina. Segundo S. Jeronymo, elle escreveu o seu Evangelho em Jerusalem aos rogos dos judeus que tinham abraçado a fé de Christo.

S. Matheus, muito menos elevado que S. João, que penetrou nos mysterios da Trindade e Divindade de Jesus, parece geralmente mais accomodado ao entendimento dos fieis, dando-lhes um exemplo da vida de Jesus Christo mais imitavel e mais proporcionado à nossa fraqueza.

Tiberio morre, succede-lhe Caligula seu neto,

que oprime os povos com a sua tyrannia. Chèras livra o mundo d'este monstro, e Claudio occupa o throno.

É o anno de Jesus Christo 50. Os apóstolos formam o concilio de Jerusalem, no qual S. Pedro é o primeiro orador, como o foi depois em toda a parte. As sentenças são dadas ali em nome do Espirito Santo e da Igreja.

S. Paulo e S. Barnabé trazem o decreto do concilio ás Igrejas, e exhortam á sua obediência todos os fieis. Tal foi a fórma do primeiro concílio.

Assim vedes a Igreja estabelecida; os apóstolos são os seus fundadores, e S. Pedro é considerado o seu primeiro doutor. A elle se segue essa longa serie de papas que occupam até hoje a sua cadeira.

Tendes lido ha oito annos, mr. de Nesle, as objecções que formam contra a religião os novos

systemas, sem nunca estudar as provas que estabelecem; convireis por vós mesmo, pela continua incerteza que agita o vosso espirito, por esse amor de verdade que fermenta no nosso coração... conhecereis que o mundo inteiro não foi feito para adoptar esses systemas, que a razão não nos foi dada para viver na cegueira com absurdos vagos e desordenados, mas que os homens desde o principio foram inclinados a receber uma tradição pura, apoiada sobre factos comprovados e incontroversos, que jamais poderão confundir-se com esse amalgama informe de theorias com que o scepticismo quer formar o universo!

A natureza, longe, bem longe de ser um acaso, é uma grande arte para nós desconhecida; uma sabia direcção que na apparente desordem encerra immensa harmonia! – O acaso não poz leis ao movimento e ao sentimento. As leis do

movimento regulam-se pela successão do que nos parecem acasos, e que são mudanças ordenadas para a conservação do mesmo corpo: como, por exemplo, as chuvas, os ventos, os calores, os gelos. Tambem ha mudanças que se succedem continuamente nos entes animados; ha lagrimas para a tristeza, ha risos para a alegria.

Se a materia estúpida, informe, formou o universo, como é que a criação pode exceder a Creador? – Como vieram aos homens idéas e sentimentos?

D’onde partem essas noções de prudencia, cautela e previdencia, tao incompativeis com a fatalidade?

Lembrae-vos do que vos disse do remorso... d’onde vem pois esta lei moral que impõe deveres, essa ideia que produz o arrependimento?

Esse sentimento de Divindade é tão antigo, tão

universal, que os povos os mais barbaros e mais selvagens o reconhecem. D'onde vem pois este sentimento, se não póde existir um principio sem causa?

Eu não comprehendo (diz Rousseau) que se possa ser virtuoso sem religião; segui muitos annos a opiniao contraria; mas o tempo enganou-me.

Repito-vos estas belas palavras de Montesquieu: —A religião é a melhor garantia que se póde ter da probidade dos homens.

É por isso certo que suspiraes por voltar ao seu seio.

Acabae, meu caro conde; sei o motivo porque esperaes tão anciosamente a vinda do meu bom mestre: meu pae disse-me tudo. A mamã teve uma idéa que ardentemente desejo pôr em execução: quer que o nosso primeiro encontro tenha logar na Igreja!

Logo que chegue o nosso cura avisa-me, e marca-me igualmente o dia e a hora em que ides ajoelhar aos pés do vosso confessor: quero partipar do mesmo sagrado pão convosco n'esse dia!

Espero a vossa resposta.

Maria de Montferrier.»

CAPITULO LI.
A CONVERSÃO.

Passaram-se alguns dias, e o cura de S. Lourenço appareceu uma manhã em Montferrier com Lia e Joaquim. Maria contou ao seu mestre tudo quanto se tinha passado. O cura depois teve uma larga conferência com Theresa de Montferrier.

Jeronymo apenas tres dias se podia demorar em Montpellier, e tendo jantado com a familia, partiu para a casa do conde.

Convem advertir que o nosso viajante nao seguiu exactamente em direitura o seu caminho; o bolceiro teve ordem de tomar um atalho, atravessando a cidade, e a sege foi parar à porta duma pequena e modesta habitação. Esta porta abriu-se mysteriosamente para o nosso cura, que tendo entrado na pequena casa, ali se demorou

obra de uma hora; a demora fez com que chegasse a bella noite adiante ao bello palacio de mr. de Nesle.

O padre era esperado, e o creado o conduziu ao gabinete do conde, sem o ter annuciado.

Frederico lia junto a uma mesa; a chegada do pastor causou-lhe uma súbita emoção; suas feições, animadas agora de uma pura alegria; quasi que o tornavam desconhecido ao homem que tão recentemente o vira pela primeira vez. A satisfação interior transparecia nas suas maneiras e palavras.

– «Eu sei a que venho, lhe disse o cura: fallei com Maria. Já saciastes a sede do vosso coração, e os vossos olhos já viram a luz! A fé alcançou um grande triumpho, por intervenção de uma virtuosa menina. Eu o vejo; o vosso olhar já não é vago, e as vossas palavras são doces.»

– «Sim, reverendo padre, lhe respondeu

Frederico; o Senhor quiz tocar-me da sua graça, e sentar-me no numero dos seus escolhidos. Devo tudo, primeiro a Deus, e depois a vós, digno amigo. Além da impressão que em mim produziu o aspecto da vossa virtude, introduziste-me, com a melhor das intenções, no interior de uma familia edificante, cujo tracto foi pouco a pouco desenvolvendo o effeito de uma santa doutrina, no systema uniforme e seguido de rasão e de moral.

Pouco depois, eu vi saír d'entre este grupo um anjo, que correu para mim e me lançou na alma as mais risonhas imagens!

Peço-vos que me ensineis como devo manifestar a minha gratidão á creança, que com tão sublimes vozes me salvou do abysmo em que ía despenhar-me!...»

O conde calou-se um momento, e voltando-se com alguma perturbação para o cura, continuou

fallando com mais intimativa e confiança:

«As palavras não satisfazem a vontade do meu coração para com aquella menina... – não posso assás dizer-lhe o quanto a amo, nem ela pode comprehender...

Sou immensamento rico, padre... não tenho mulher... perdi a filha... Maria não poderá ser a minha herdeira?»

– «A alma de Maria, disse o cura, não carece, penso eu, dos bens terrestres; mas quando assim fôra, agora que sois christão, menos deveis deslembrar-vos de que sois pae. Vossa filha vive, mr. de Nesle, continuou elle com a esperança impressa no pobre semblante; vive. eu vo-l'ò affianço! – Esperae; talvez acheis a filha, e porventura sabereis o que é feito da esposa!..

Tendes um coração mui bem formado, conde, para não vos interessardes pela sua sorte!...

Sympathisei com a vossa melancolia, e

conheci a sua verdadeira origem.

Mereceis que a vossa filha vos seja restituída: o título de pae convem a um bom christão. A incerteza sobre o destino da vossa esposa deve necessariamente pungir-vos...

Permitta o ceu que nas minhas pesquisas eu encontre noticias d'ella... – dediquei-me a esse trabalho desde que me separei de vós, mas... as sombras de incerteza vagueiam ainda sobre a sorte d'essa infeliz...»

– «A esperança de abraçar um dia a minha filha, disse o conde, cada dia se apaga na minha alma, e cada dia renasce; todavia Mademoiselle de Nesle podia repartir com Maria, e nos meu coração eu as confundo!...

Inda que tenha renunciado para sempre ao título de esposo, continuou o conde, a sorte da infeliz não me é indiferente; mas respondendo-vos francamente, a ignorancia sobre o seu

destino é o meu remorso!...

– Mas, como pude eu merecer-vos tanto extremo?»

– «Depois de amanhã, conde, quando entrardes na igreja de Deus, Jeronymo fica pago, lhe tornou o cura.

A conversação versou novamente sobre a religião até que se foram recolher.

No outro dia, Frederico passou algumas horas em meditação e oração, e o sabio clerigo dedicou-se a prepara-lo para a grande solemnidade do Sacramento.

Na seguinte manhã, achavam-se duas seges no adro de S. Pedro em Montpellier. O conde de Nesle confessou-se ao cura, cheio de arrependimento e compuncção, Maria e sua mãe achavam-se tambem na igreja, e a virgem comungou com o seu discipulo. Anselmo assistiu ao sacramento de seu filho adoptivo; tinha sido

convidado igualmente com o seu amo e o padre Jeronymo a passar o dia com a familia Montferrier.

O conde não saú da igreja sem pedir humildemente perdão ao seu responsavel aio dos desgostos que lhe causára.

– «Anselmo, lhe disse, agora pódes tratar-me mais a miudo por filho, e todos os dias como amigo: é assim que eu quero que te considerem desde hoje em minha casa; onde não consinto que faças o menor serviço.»

As seges partiram para Montferrier.

CAPITULO LII.

UMA FILHA RESTITUIDA A SEU PAE.

Eram 10 horas da manhã quando chegaram ao castello. Entrando na primeira sala, Theresa, com grande emoção, dirigiu-se ao conde, e disse-lhe:

– «Permitis que introduza o companheiro da vossa infancia um momento n'esta sala?»

– «Sim, minha boa madame de Montferrier, vós adivinhaes que hoje não posso estar sem elle.»

Os hospedes entraram immediatamente todos na sala, e Theresa teve o cuidado de fechar a porta.

Tendo-se todos sentado, então disse madame de Montferrier ao cura:

– «Vós é que deveis tomar a palavra; eu não tenho coragem...»

– «Mulher admirável! – exclamou o cura; a

modestia é o veu da tua virtude, porque a tua alma é cheia de coragem. Eu mesmo sinto-me possuido de um grande sentimento... e só posso articular estas palavras:

– «Conde de Nesle, eis-ahi a tua filha!... disse o cura, conduzindo Maria a seu pae.»

Frederico ergueu-se estupefacto, e Maria ficou imovel diante do seu discipulo. Mas a natureza animou repentinamente esta interessante scena. Maria ajoelhou espontaneamente aos pés de seu pae, e o conde estendendo á donzella os braços, encheu-a de carinhos.

– «Senhor conde, disse o cura levantando-se a final: –as poucas palavras que despertaram todos os vossos parternaes affectos, exigem uma longa explicação; vinde, eu me encarrego de vo-l’a dar, expondo-vos ao mesmo passo a condição do homem, a quem hoje déstes o titulo de amigo! – Mr. Beaupré, continuou o cura, dirigindo-se a

Anselmo: –n'esta casa sois o senhor: conduzi-nos aonde vos aprouver que encete a narração dos sucessos em que tivestes tão brilhante parte.»

– «Vós me confundis, senhor, respondeu Anselmo.»

– «Pae, disse Theresa, dirigindo-se igualmente ao ancião: – levae-os ao vosso gabinete, em quanto eu vou explicar este enigma á minha querida pupila.»

O conde passava de uma a outra surpresa; e não sabia decifrar a causa d'este tratamento e familiariedade, entre uma tão nobre e gentil dama, e o seu velho aio...

Theresa, ficando só com Maria, recordou-lhe á memoria os primeiros dias da sua infancia, de que a menina conservava uma vaga lembrança.

Madame de Montferrier, que era dotada de um coração sensível e bondoso, chorou com Maria a infeliz mocidade de Alicia, lançando como uns

cambiantes de esperança no coração da virgem, sobre a innocencia de sua mãe.

Passado algum tempo ouviu-se a campainha que chamava a familia para o almoço; Theresa e Maria, o conde e os seus dois companheiros chegaram ao mesmo tempo á sala da refeição.

Mr. de Montferrier ali os esperava com Joaquim, Lia, e Luiza; a mesma explicação tinha sido feito aos tres por Alberto. As duas gemeas mal se viram correram aos braços uma da outra, derramando ternissimas lagrimas.

O conde, dando o braço a Anselmo Beaupré, dirigiu-se a mr. e madame de Montferrier:

– «Senhora, disse mr. de Nesle, dirigindo-se a Theresa: –o sentimento que acabaes de inspirar-me, nem eu sei exprimi-lo... mas até á morte eu guardarei d’entro na alma a lembrança de quanto devo á vossa extremada virtude!

O céu houve por bem de recompensar-vos cá

na terra; o logar que ocupaes hoje na sociedade era-vos devido, como a vosso respeitavel marido.

A gratidão expressa-se melhor quando ella custa um sacrificio... continuou o conde, com a voz tremula e mui alterada: – entregaste-me a filha, madame de Montferrier: eu vos entrego o pae!...»

Dizendo isto, suffocado de comoção, Frederico abraçou-se estreitamente com Anselmo, e foi custoso separa-los.

Frederico, sabendo que o cura ía desembarcar no porto de Nice, passou algum tempo a escrever uma extensa carta a seu cunhado lord Clare, que ali havia voltado doentissimo

O cura partiu no outro dia: suspeitâmos que não deixou a França, sem novamente procurar a occulta habitante da casinha nos arrebaldes da cidade.

CAPITULO LIII.

A ALIENADA.

Poucos dias depois Maria entrou em casa de seu pae com a familia de Montferrier que a acompanhou.

– «Meu pae, disse Maria, depois de ali se acharem: –tenho a pedir-vos duas cousas.»

– «Sabes que estou prompto a conceder-te tudo quanto pedires,» respondeu o conde.

– «Peço-vos que me deixeis sempre conservar o nome que trouxe de casa da minha mãe adoptiva: sei que me baptisaram Amelia... mas chamae-me sempre Maria!

E mais, querido pae, disse a menina, tomando a mão de Theresa entre as suas: – deixae-me tratar sempre por mãe a que o foi tanto tempo!...»

– «Sim, Maria, lhe tornou o conde, e mademoiselle de Montferrier continuará a ser a tua irmã; não tens outra.»

O dia passou-se alegremente.

Junto aos quartos de Mademoiselle de Nesle havia um bello aposento ricamente preparado, destinado a Luiza, que ficava com a sua irmã aquelle primeiro mez.

Houve algum enternecimento nas despedidas de Maria com a sua mãe, mas Theresa sabia conformar-se.

No dia seguinte o conde foi apresentar a sua filha a mr. e madame de Gouvion-Saint-Cyr, tia de Maria, irmã de sua avó. Foi ali que a donzella viu pela primeira vez a mãe de sua mãe.

Esta senhora, com mais de 50 annos de idade, apenas pronunciava algumas palavras incoherentes; a morte do entendimento tinha-lhe decomposto as feições.

Seus olhos seriam ainda mais bellos, se não fôra a vaga fixidade do olhar... uma tempestade tinha varrido aquella intelligencia. Comtudo,

parecia conhecer a sua irmã, e muitas vezes a sua alienação não parecia completa, o que claramente se observava ao aspecto dos objectos que lhe recordavam a perda que a affectava: como, por exemplo, a musica, e ultimamente a presença do seu genro.

Logo que o conde entrou na sala, um sorriso apontou-lhe aos labios, sem chegar a expandir-se, e um lampejo fugitivo da rasão a moveu a levantar-se, e a estender-lhe a pallida mão.

Maria não tinha semelhança com sua mãe nas feições, como já dissemos; mas no gesto, na voz, emfim na harmonia d'aquelle todo, dava muitos ares de Alicia.

– «Minha boa mamã, lhe disse a meiga Maria, não conheceis a vossa neta?»

A pobre senhora soltou um grito, apertando nas suas as mãos de Maria, e uns visos de senso pareceram animar aquella physionomia...

percorreu o quarto com um ar estonteado, como quem procurava alguma coisa, e depois sentou-se, recaído no seu usual entorpecimento.

CAPITULO LIV.

A VIRGEM DA MONTANHA.

A historia de mademoiselle de Nesle breve se divulgou por todos os parentes de Alicia, e por toda a cidade.

O pasmoso talento da virgem, a sua vocação religiosa, que se desenvolvia de dia em dia, tanto na santidade da sua vida, quanto na sua edificante e activa caridade, tudo lhe grangeava não somente a admiração, mas um prestigio de entusiasmo por todo o Montpellier.

Estava-se já na primavera, e havia mais de um mez que Maria vivia com seu pae, quando estes boatos circularam de bôca em bôca, e a menina começou a ser conhecida em Montpellier pelo nome da – Virgem da Montanha.

Este nome souo como uma maravilhosa curiosidade a um jovem gentil e estrangeiro,

chegado n'aquelle dia á universidade. A menina tinha passado pela hospedaria, onde elle se achava alojado, quando fora ver lançados os primeiros alicerces, n'um hospicio para invalidas, que se fazia á sua custa. O estrangeiro pediu que o guiassem até áquelle sítio.

Por effeito mórmente da novidade, a apparição de Maria attrahia a concorrência de pessoas de todas as classes; e o nosso estrangeiro, quando chegou ao sitio designado, não pôde distingui-la.

– «Mas onde está ella?» – perguntava ao seu conductor.

– «Lá está, senhor, com seu pae e uma irma gêmea; eu vou já contar-vos a historia prodigiosa d'esta virgem...»

Mas o mancebo sem mais ouvir, perguntou precipitadamente ao homem, se o cavalheiro que se achava com as damas era o pae da menina?

– «Sim, senhor!»

– «Então acceitae, disse o mancebo, dando-lhe uma pequena gratificação: – trouxestes-me ao encontro de um amigo;» e dizendo isto, dirigiu-se immediatamente ao grupo onde se achava a virgem.

O conde e o estrangeiro abraçaram-se antes de se fallarem: conheciam-se e estimavam-se de ha muito...

Luiza e sua mãe tinham acompanhado mademoiselle de Nesle. O conde apresentou sua filha ao amigo, dizendo-lhe que fallava perfeitamente o italiano; Theresa e Luiza foram tambem apresentadas, a primeira como mãe, a segunda como irmã da infancia de mademoiselle de Nesle. Seguiu-se uma interessante conversação n'aquelle bello idioma.

Quando as damas se preparavam para caminhar, o conde disse particularmente a sua filha que fizesse preparar um quarto para o seu

amigo, em quanto elle ía mostrar-lhe o que havia de notavel na cidade.

Quando ficaram a sós, Lourenzo (o estrangeiro era Lourenzo Negroni) voltando-se para Frederico, perguntou-lhe coma era que, sendo elle pae de uma tão angelica creatura, nem uma só vez lhe tinha fallado n'ella?

– «Tinha-a perdido, porque era tão indignadissimo da possessão de uma tal joia! – O conde continuou:

Sempre vos reconheci como um franco e leal gentil-homem; pois é com grande satisfação que vou contar-vos hoje a historia de minha filha, cujo desfecho é o meu feliz regresso ao gremio da santa religiao de meus paes.»

O mancebo, tendo ouvido attentamente até ao fim a historia da bella Virgem da Montanha, pareceu meditar profundamente por algum tempo, e rompendo a final o silencio, disse ao conde:

– «Fallando francamente, conde, quanto mais tenho ouvido d’esse mysterioso caso de vossa esposa, tanto mais me inclino a duvidar da sua culpabilidade!...

O cuidado com que ella recommenda ao velho creado a educação moral da filha, conforma-se tanto com a idéa que conservâmos da sua primeira educação!... Emfim, na presupposição cheia, a meu ver, de contrasenso, da criminalidade de madame de Nesle – depois d’ella, conde (porque se vossa mulher está innocente, a sua virtude é incomparavel!); mas, depois d’ella, digo, jámais senti um tão profundo respeito por uma mulher, como me inspira a acção generosa d’essa excelente madame de Montferrier!»

– «Sinto-me sensivelmente penhorado, senhor Negroni, redarguiu Frederico, apertando a mão do seu amigo, pela vossa boa intenção no que

respeita á minha infeliz e nunca esquecida esposa! – Quizera o ceu que a sua innocencia podesse comprovar-se... mas, infelizmente, não me atrevo a espera-lo, amigo...

Mas quanto ao que me dizeis de madame de Montferrier, essa interessante creatura, confesso-vo-l'ò, inspira-me a mais profunda, a mais affectuosa sympathia, e a minha gratidão pela fineza que lhe devo será eterna!...»

– «Quanto folgo de vos ouvir exprimir tão nobres sentimentos, exclamou Lourenzo enthusiasmado... desejava todavia que o vosso coração conservasse um pouco de amor pela interessante Alicia...»

Lourenzo acceitou o offerecimento que lhe fez o conde da sua casa, tanto mais que o objecto da sua viagem fôra unicamente o interesse que trazia tanto a peito, sobre a sorte dos dois esposos.

CAPITULO LV.

A VOLTA DO CURA.

O que foi fazer á Italia o nosso cura? – Negocio pessoal não o levou ali; elle não tinha ambições; contentava-se com os limitados proventos do seu curato: Jeronymo, digno de occupar o cardealato no metropole do mundo, era alheio a toda a sorte do egoismo.

Tendo-se demorado por fóra mais tempo do que projectára, este homem de coração tanto trabalhou que descobriu a verdade sepultada nos barrancos do erro, trazendo-a como um salvo conducto para o feliz desfecho da sua grave missão.

É um domingo: Jeronymo desembarca, e vae a uma retirada capella onde elle sabe que a essa hora se diz a missa. O santo sacrificio ja esta começado quando elle ali chega. Dita a missa, o

clerigo sai da igreja acompanhando uma dama envolta n'uma negra mantilha á hespanhola, que lhe encobre o rosto e parte da figura.

Quando chegaram ao fim da rua, a porta da casinha mysteriosa abriu-se; o clerigo e a dama entraram.

D'esta vez a visita foi mais extensa, e eram quatro horas da tarde quando chegou a Montferrier.

N'essa noite houve uma grande conferência no quarto de Beaupré, a que assistiram Anselmo, mr. e madame de Montferrier, e o cura de S. Lourenço.

O objecto d'esta conferencia foi grave e melindroso, porque era tarde quando se separaram.

Os donos da casa deram n'essa mesma hora algumas ordens extraordinarias aos seus domesticos.

No seguinte dia começaram a fazer-se grandes preparativos de festa de uma maneira até ali desusada no castello de Montferrier.

Varios obreiros amanheceram ali; o trabalho era na sala grande, no fundo da qual se ía fazer uma especie de divisão em forma theatro. Mr. e madame de Montferrier foram á cidade pela volta de dia, e o nosso cura partiu para casa do conde de Nesle.

O cura já tinha bastante conhecimento do cavalheiro que Frederico lhe apresentou como seu hospede e amigo, e o incluiu cortezmente no convite que trazia da parte de mr. e madame de Montferrier ao conde e sua filha, de jantarem ao outro dia em sua casa, onde eram tambem esperados mr. e madame de Gouvion-Saint-Cyr , e a infeliz Adelaide de Comnène.

Lourenzo, o conde e sua filha, foram os primeiros que chegara a Montferrier á hora

aprazada, mas d'ahi a pouco ouviu-se a sege de mr de Gouvion-Saint-Cyr. Mr. de Montferrier e o conde foram em busca das damas; este ultimo voltou conduzindo sua tia, e atrás d'elle entrava Alberto de Montferrier, trazendo pelo braço a infeliz, mas sempre respeitavel condeça de Connène. Alberto a collocou em uma rica e commoda cadeira que lhe era destinada.

Findos que foram os usuaes cumprimentos, o cura, sentado junto a uma mesa que ficava no centro do respeitavel circulo, ergueu-se pedindo a palavra, ao tempo que tirava da algibeira um volumoso papel.

– «Esta palavra vos é primeiramente dirigida, mr. de Nesle, disse o padre; abri-a; mas cuidado; julgo que dentro vem letras para mais alguem.»

O conde; um pouco agitado, levantou-se, e tomando a carta das mãos do veneravel cura, abriu-a, e tendo posto sobre a mesa um pequeno

macete que vinha dentro, percorreu com os olhos as linhas que lhe eram dirigidas, que leu em voz alta, mas um pouco tremula de emoção.

CAPITULO LVI.

TERCEIRA CONFISSÃO.

«Frederico

Incluso vae um papel por mim escripto e assignado, dirigido a ti, e a meus respeitaveis parentes mr. e madame de Gouvion-Saint-Cyr.

Deveis estar todos presentes ao romper o sêllo d'este papel, de cuja leitura incumbo o respeitabilissimo padre Jeronymo, cura de S. Lourenço no Delphinado.

Teu humilde parente e amigo Oliver Clare.»

«N.B. É mister que Anselmo Beaupré e sua familia estejam igualmente presentes na occasião.»

O cura apresentou a mr. de Gouvion o macete que ficára sobre a mesa; o velho fidalgo, tendo lido o sobrescripto, abriu a segunda carta.

– «Contém o mesmo que a vossa, disse a

Frederico: – vamos, continuou elle, voltando-se para o cura, estamos todos reunidos, como exige o ausente: sois vós agora que deveis romper este sêllo, e a vossa bôca é que nos ha de interpretar o mysterio!»

– «Da contricção e do remorso, prorompeu o cura, dependem muitas vezes as grandes conquistas da verdade. Quando o homem voga nos mares do peccado, não sabe mesmo até onde pôde levá-lo o impulso das torrentes... a calumnia em taes lances serve de couto ao cego navegante... mas, depois, nunca mais pôde acolher-se a sua consciência!...

«A contricção e o remorso é o arrependimento; e desgraçado d'aquelle que é surdo á voz do supplicante que invoca humilde e constricto o perdão da offensa!...

Conheci os vossos desgostos antes de vos conhecer, conde de Nesle, e desde então

consagrei-vos a minha amisade.

Cumpri os deveres de amigo, conde! –
Escutae-me agora:

Antes de vos conhecer o caminho da vida, eu tinha-me encontrado com a virtude, pura, grande e bella de todas as emanações da innocencia... encontrei-a isolada, desvalida, calumniada, e na mais pungente orphandade!

A esta dediquei eu a minha vida!

Sim, conde, para erguer do opprobio a candida innocencia, era preciso trabalho e constancia! Foi para este fim que atravessei o oceano; esperei, duvidei, soffri, sem nunca desmaiar no meu proposito.

Alfim consegui, amigo, exclamou o cura; e a luz da verdade reflectia sobre o seu rosto venerando: – Conde de Nesle, continuou elle, acentuando as palavras com a energia da convicção: – tenho na minha mão o meio d’onde

póde dimanar toda a vossa felicidade na terra: são as provas irrefragaveis da innocencia e virtude de vossa dignissima esposa!!... mas, escutae-me, acudiu o santo clerigo (vendo o arrebatado movimento de Frederico, que se levantou, e foi ajoelhar fóra de si aos pés de Jeronymo); escutae-me, continuou elle, acenando-lhe para que se levantasse: a mim compete-me essa acção, conde; eu prometti obter de vós o perdão para o infeliz calumniador de vossa esposa!

– «Pelo que vejo, replicou Frederico, esse infeliz é meu cunhado... o astucioso começou abalando as minhas crenças religiosas... perdô-lhe, porém, meu padre: a minha alma transborda n'este momento em tanta satisfação, que o poder de perdoar augmenta a minha felicidade! – além d'isso, padre, amigo e protector – vós me ensinaste o perdão pela angélica bôca de

Maria... eu o sei, continuou o conde; tudo vos devo!...

«Mas onde está ella?... Sabei-l'ó... ah! dizei-me onde está a minha esposa?!»

– «Maria fortificou-vos na caridade, conde, redarguiu o cura, e em vossa esposa tendes o exemplo o mais eloquente da paciencia!

Madame de Nesle não está aqui; mas ha um anno que se acha sob a minha guarda; vê-la-heis porventura antes de vinte e quatro horas, mas cumpre-me primeiramente attestar a pureza do seu proceder, a vós seu esposo, e á sua respeitavel familia.»

O cura abriu o ultimo macete, e leu:

«Senhores de Nesle e Gouvion-Saint-Cyr.

A confissão de meus crimes não é só devida ás recriminações vehementes da minha consciencia... mas o gemido doloroso da virtude veiu soar pelos céus... e os anjos comovidos

pediram a Deus justiça... e o Senhor enviou a minha casa o seu mensageiro!

A esse confessei eu já toda a minha iniquidade: mas a ti, conde de Nesle, a quem roubei a risonha esperança de uma eternidade!... a quem sepultei n'um pego de maguas... oh! antes que eu transmita á tua alma a serena e meiga paz, vou de rojo primeiramente a teus pés implorar para mim a tua piedade! – Não pelo meu crime, enorme, horrivel monstruoso! mas pelo arrependimento fervido e constricto do meu coração, que já expulsou de si todo o egoísmo, e que ancioso e quasi exhausto conserva ainda o extremo alento, para receber de ti e de Deus esta só palavra: –perdão!

Alicia, tua esposa, está innocente!

O crime de que accusei seu innocente primo era o meu!...

Alfredo desafiou-me para vingar a tua honra

ultrajada; fui eu o seu assassino! Mas a sua morte foi por todos deplorada... para mim cá na terra só ficou o remorso!!

A vós, dignos parentes da respeitabilissima Alicia de Nesle, attesto a sua innocencia e virtude, com lagrimas ardentes da mais sentida dor: – alcançae-me dos dois, a quem tanto offendi, o perdão em nome de Deus!!

Lord Oliver Clare.»

– «Desgraçado!» – exclamou Frederico, sentindo agora mais amargamente a perda do seu amigo e primo.

O enternecimento tinha-se apoderado de todos os circumstantes, e só a ultima palavra do missionario, o nome de lord Clare, soava ainda surdamente como a voz lamentosa do sino através das florestas sombrias!...

– «O perdão!» – exclamou Jeronymo,

dirigindo-se agora a mr. e madame de Gouvion-Saint-Cyr, com o joelho em terra, assumindo a postura do delinquente.

N'esse momento sentiu-se um leve rumor para o lado onde estava a muda e insensível espectadora d'esta tão tocante scena.

Por um espontaneo movimento, a pobre alienada aproximou-se de sua irmã e cunhado, e imitando a acção humilde e suplicante do cura: — Per... dão! — exclamou ella, com as duas mãos levantadas em ar de supplica!

Frederico correu allucinado a abraçar-se com a sua sogra.

— «Eu já perdoei, exclamou elle — inda que na vossa santa imagem eu veja continuamente o funesto resultado de tanta crueldade!»

— «Reverendo cura, disse, passado um momento, o velho mr. de Gouvion: —respondo pelo coração de minha esposa.»

– «É o de vós espero hoje mesmo, e de mr. de Nesle; cumprida esta condição, madame de Nesle promette comparecer, inda que tarde, n'esta grave assembléa, respondeu o cura.»

Quando foram para a mesa, o cura já tinha expedido um correio a toda a pressa para a cidade.

CAPITULO LVII.

O DOUTOR MENEU.

Pela tarde reuniu-se ao circulo um novo hospede: o doutor Meneu, medico da universidade, acabava de chegar na sege de mr. de Montferrier.

– «Meus caros amigos, disse então mr. de Montferrier aos seus hospedes: – tenho a honra de vos apresentar mr. Meneu, formado em medicina, homem assás experimentado na sua arte, e gosando da mais alta reputação entre os seus collegas; sabemos que se tem dedicado a profunder os grandes enigmas no livro aberto da natureza; foi, não sómente, consultado, mas offereceu-nos o seu auxilio no desempenho de uma peça difficil e pasmosamente combinada no coração filial...

A noite já se aproxima, continuou o dono da

casa, vamos para a sala onde vos espera uma grande surpresa, conde, e mais que tudo, a vossa veneravel sogra, a condeça de Comnène!...»

Dizendo isto, introduziu a compainha na sala preparada como dissemos, onde se achava já madame de Montferrier, e a nossa alienada.

– «Doutor Meneu, disse Alberto – occupae o vosso logar junto a madame de Fermont-Comnène; e vós, meu amigo cura. exhortae ainda um momento á paciencia o vosso discipulo: sentae mr. de Nesle ao pé de vós.

A sala estava magnificamente iluminada, e no fundo, em frente exactamente dos assistentes, havia um grande reposteiro que abrangia de um lado ao outro a parede.

Observou-se no fim d'aquelle dia uma certa alteração, uns vislumbres de interior satisfação na infeliz senhora: sua intelligencia havia sido porventura animada de um raio de vida, e essa

animação era produzida pela *sympathia* que a attrahia visivelmente para madame de Montferrier.

Já dissemos que esta senhora tinha na sua bondade natural uma magia que captivava, uma attracção irresistível, não só para os que estendiam e apreciavam a virtude, porém mesmo para os que não a conheciam.

CAPITULO LVIII.

ALICIA.

Já expozemos os promenores da scena tocante e pathetica, que podemos melhor recompor na imaginação com todas as suas phases, do que traduzi-la pela palavra.

Não ha um leve signal de introducção; mas uns sons começam a ouvir-se; sons que ora se concentram, ora se expandem e multiplicam, exhibindo vozes brandas, fortes, alegres, sonoras, plangentes... vozes para todos os pensamentos: — a musica é lithurgica; o instrumento é um orgão.

O doutor Meneu está sentado, como já dissémos, ao pé da alienada: á proporção que a musica se vae explicando, ella sorri-se, e parece consultar com os olhos tudo quanto a rodeia. Mas depois os sons começam a declinar em melancolicos brados, e imitam pranto

mysterioso... a infeliz condeça de Comnène parece pouco a pouco agitada de uma estranha emoção, e com o vago temor, usual nos que são atacados d'aquella triste enfermidade de espirito, ella parecia forcejar comsigo mesma para não revelar aos outros aquella violenta impressão... mas vê-se que vae ceder na luta: um movimento interior parece agitar-lhe o coração, vacillante, porém, e com intermittencias... alfim ella succumbe: e pela primeira vez (dez annos já passados) seus olhos se arrasam de lágrimas, e desfazem-se em duas copiosas fontes! Mr. Meneu não tira os olhos d'ella, e as pessoas que ali estão observam no doutor um sorriso de esperança: mr. Meneu parece satisfeito! A cura está na crise... Mr. Meneu bate no chão com a bengala de duas pancadas distinctas: uma voz... uma esplendida melodia abala corações que ali palpitam!

A cantora é uma mulher: porque os anjos não vem cantar á terra, e os anjos cantam em côro... e esta voz é unica!

Um espontaneo impulso desordena o hemicycle dos espectadores, cujo centro occupa Adelaide de Fermont-Comnène.

A alienada levantou-se, e seu genro está em pé: – este ultimo, por uma leve advertencia do cura, torna a sentar-se com apparente custo; mas a condeça dá tres passos adiante, e depois voltando-se com um meigo receio para mr. de Meneu, acceita o braço que este lhe offerece, e chamando com os olhos a boa madame de Montferrier, enfia-lhe tambem o braço, agitada e convulsa.

Mr. Meneu bate immediatamente mais duas pancadas com a bengala; o pano abre-se, e os que conheciam Alicia de Nesle a reconhecem! – Ella está ali, bella, innocente como tinha deixado o

convento das Ursulinas, e sua adorada mãe!

Frederico corre, v^oa para sua esposa.

– «Vamos ter com a nossa mãe» – lhe disse ella, e ambos se acharam n'um momento aos pés da condeça.

Mr. Meneu tinha tornado a sentar a sua doente, e quando Alicia caiu aos pés de sua mãe, a pobre senhora já a tinha reconhecido!

Comtudo, a condeça, no momento em que recobrava a cadeia quebrada dos seus sentidos, foi immediatamente repassada de uma dolorosa reminiscencia...

Pousou um momento os labios sobre a cabeça de sua filha, e rompeu o silencio com estas palavras, que a principio articulou com difficuldade.

– «A-li-cia! – mi-nha fi-lha! – mi-nha fi-lha, des-gra-çada !!...»

– «Minha mãe, exclamou Frederico: – vossa

filha Alicia está innocente!»

– «Innocente, disse a dama – innocente, repetiu ella... então – continuou a condeça de Fermont-Comnène, perfeitamente boa, e restituída alfim á rasão: – se minha filha está innocente... o amor de mãe não me allucinou, e o meu coração que o occultava!

«Abraçae-me, caros filhos, disse a boa dama, lançando aos dois esposos um maternal abraço: – nós temos soffrido todos tres bastantes desgostos!»

– «Madame de Nesle, disse então o doutor Meneu, dirigindo-se a Alicia: – viestes achar vossa mãe, não tão moça, não tão bella como d’antes... mas perfeitamente boa para o resto da sua vida!...»

As palavras do doutor foram acolhidas pelos circumstantes com alegria indefinivel.

CAPITULO LIX.

LOURENZO NEGRONI.

Madame de Nesle, depois de ter abraçado estreitamente sua filha, procurou Anselmo com os olhos; o velho tinha-se afastado um momento da companhia.

Alicia aproximou-se-lhe, tirando de uma das mãos um rico anel de diamantes:

– «Aqui tendes uma lembrança de gratidão da mãe de Amelia – lhe disse ella – mas a abnegação com que affrontastes tantos perigos, obstaculos, e provações para o bem da minha casa, não tem preço na gratidão dos homens, mas esperaes de Deus a recompensa.

«Minha querida, minha boa madame de Montferrier, vós não perdereis hoje nada dos vossos direitos ao amor que vos consagra Amelia; espero, porém, que vos dignareis

partilhá-lo comigo; este laço convinha á nossa affeição!»

Lourenzo esperou que terminassem aquelas primeiras effusões do amor materno, para apresentar as suas congratulações á lembrada hospede da villa Negroni.

Então elle fez uma sincera confissão do sentimento profundo que lhe inspirára anteriormente Alicia.

– «O meu primeiro amor foi um delirio, disse o mancebo, e poucas vezes o destino favorece o que arrasta ás cegas os ferros da paixão!»

«O meu delirio foi momentaneo, e fiquei somente impressionado com a historia tocante dos infortunios de madame de Nesle!

«Igual sentimento de admiração me inspiram hoje estas duas donzellas, continuou elle, dirigindo-se para as duas supostas gemeas – e consideravam-me o homem mais feliz pondo

unir a minha sorte a uma d'ellas!

«Não ousou dirigir-me a madame de Nesle... ella está tão ufana de ser mãe, que sem dúvida vamos vê-la por muito tempo avara em excesso da preciosa joia perdida, de que hoje goza a feliz posse...

«Mas vós, madame de Montferrier, vós que tendes o privilegio de ser duas vezes mãe; dignissima protectora e directora da mocidade... permitti que eu aspire ao titulo de vosso filho...

«Meu pae, que oscilla ás vezes nos seus caprichos, deseja hoje muito ter uma nora franceza: folgára de apresentar-lh'a na bella e de boa Luiza de Montferrier!»

Fez-se um pequeno silencio, e Theresa tomou a palavra, respondendo a mr. Negroni n'estes termos:

– «Gosto e gostei sempre de dirigir e acautelar a inexperiencia de meus filhos; mas ha

porventura ocasiões em que desejo também de consulta-los. Felizmente tem sempre acontecido que as nossas symphatias se tem encontrado.

«Mas a união conjugal não depende unicamente da symphatia... a união conjugal tem pontos que devem ser maduramente previstos e ponderados, é um negocio em que á mocidade, noviça nas sendas da vida, não pode nada resolver sem o auxilio do conselho.

«Por isso não posso, nem Luiza pode já responder-vos.

«Mr. Negroni, continuou a boa mãe, pareceis-me sinceramente arrependido do horrivel excesso a que vos levou outr'ora a impaciencia... por conseguinte não fico receiosa pelos resultados que poderá ter a nossa decisão, seja ou não favoravel aos desejos que acabes de enunciar-me.»

Os hospedes de mr. de Montferrier ficaram no castello até ao seguinte dia.

CAPITULO LX.

A IRMÃ DA CARIDADE.

«O campo é o paraizo da terra. Os annaes antigos da criação do mundo fallam da maravilhosa e primeira habitação do homem, pondo-a por sobre todas as cousas mais ricas e magnificentes! E todavia essa riqueza estupenda não consistia em oiro, prata, ou brilhantes pedrarias: nada d'isso havia; mas a natureza ostentava ali profusamente os seus primores. Pelo que concordaremos que o singelo panorama do campo é o que mais propriamente nos offerece a imagem risonha do paraizo.»

Estas e outras reflexões entretiam duas amigas, passeando pelas antigas alamedas do vasto castello de mr. de Nesle, no Languedoe. Estas duas amigas eram Alicia de Nesle, e Theresa de Montferrier.

Mademoiselle de Nesle tinha acompanhado á Italia sua irmã Luiza Negroni, que tinha ido passar o primeiro anno de casamento na companhia de seu sogro.

A donzella era esperada a todo o momento com o reverendo padre Jeronymo, o qual tendo ido a Roma para um importantissimo negocio, devia acompanha-la a casa de seus paes.

Com effeito, em um dos primeiros dias de setembro, o cura e a sua discipula chegaram a Ardêche.

O cura contou a madame de Nesle como se demorára mais no seu caminho, para assistir aos ultimos momentos do infeliz lord Oliver Clare, que expirára conciliado com a religião, e purificado pelo arrependimento o mais vehemente.

– «Vossa filha tambem foi receber o seu ultimo adeus, continuou o cura, e a sua presença

suavisou-lhe os derradeiros momentos.»

– «Sim, minha boa mãe, exclamou Maria: – depois de meu pae, e do meu querido mestre, nenhum homem me inspirou tamanha symphatia como aquelle constricto peccador!»

– «E todavia, disse o cura, o sentimento que repassava aquella alma no extremo transe, ainda que profundamente christão, não tinha a sublimidade do vosso: o desgraçado apenas affagava uma tenue esperança á borda da sepultura, e vós, irmã, já desfrutaes na primavera da existencia os gosos ineffaveis da religiao e da caridade!

«Madame de Nesle, observastes o tratamento que dou a vossa filha...

«Aqui está o breve que alcancei para ella do nosso santo papa, pelo qual mademoiselle de Nesle pode seguir a vocação de sua alma, consangrando a sua vida a proteger e servir os infelizes.

«Irmã Maria de Caridade, abraçae vossos bons

pae e avó, de quem vos não separam as obrigações do vosso instituto, como declara o papel incluso, que pude obter conforme ao vosso desejo.»

Maria abraçou seus paes, avó, e Theresa, que choraram todos de prazer.

– «Irmã Maria, continuou o cura, depois de uma breve pausa:

Se não tivésseis por tantas vezes mostrado mostras d’essa caridade, que resume em uma só todas as virtudes, eu teria certamente hesitado em incumbir-me de um negocio de tanta responsabilidade!

«Sim, Maria! O voto que vos liga hoje a tão santo instituto, não depende somente de poderdes repartir os vossos bens com os pobres, como vos é permitido; mas era mister que nutrisseis na vossa alma essa admiravel caridade, de que fallava S. Paulo aos christãos, quando discorria n’estes termos:

«Quando eu fallasse todas as linguas dos homens e dos anjos, minhas palavras soariam como a toada do bronze, se dentro na alma não tivesse caridade; quando tivesse toda a fé possível, e fosse capaz de transpor montanhas, se não tivesse caridade não seria nada: e quando houvesse distribuido todos os meus bens pelos pobres, e entregue o meu corpo ás chammas, se não tivesse caridade tudo isto de nada serviria.»
(Ad. Cor. 13.)

«O voto que vos liga depende primeiramente do constante constrangimento da vossa vontade.

«Impõe-vos o dever de revelar os defeitos do proximo, como o farieis dos vossos, porque a boa moral da religião manda que nós sofframos com paciencia as nossas mutuas faltas.

«Impõe-vos a humildade, com a qual podeis caminhar a salvo por sobre os espinhos da calumnia.

«Impõe-vos a piedade, que é um essencialismo
elemento na pratica da virtude; e deve estender-
se não sómente ao miseravel indigente, mas o
rico e poderoso talvez careça muitas vezes da
vossa piedade!

CAPITULO LXI.

CONCLUSÃO.

Assim devolveu a amena paz ao antigo domicilio dos Nesles. Frederico viveu largos annos no castello de seus antepassados, amado e venerado de seus vassallos e amigos.

A condeça de Fermont-Comnène, tendo inteiramente recobrado o juizo, não quiz viver mais separada dos dois esposos.

O padre Jeronymo ficou por capellão do castello, e a velha Margarida pôde ainda arrastar-se algum domingo a ouvir-lhe a missa.

Lia não se separou mais da sua amiga, a Irmã Maria da Caridade, a qual viveu contente e ditosa no exercicio das suas funcções, separando-se só por dias do tecto paternal.

A familia de Montferrier passava sempre uma parte do verão no castello de Ardêche, e o joven

Joaquim correspondeu á diligência e ao zêlo evangélico do sabio cura de S. Lourenço.

No mez de outubro, seis mezes depois do casamento de Luiza, madame de Nesle recebeu duas cartas de Italia: uma era de sua irmã Amelia, que lhe annunciava o seu proximo regresso á França, aonde contava estabelecer-se com a sua familia. A outra carta era de Giovani Negroni; eis-aqui o seu conteúdo:

«Minha bella inimiga, madame de Nesle.

Tres anjos visitaram a minha feliz villa: vós, a formosa Maria, e a interessante Luiza.

Quando o céu se conspira contra um pobre homem, o seu orgulho jaz por terra, e elle prostra-se e confessa-se vencido.

Possuido de um invencivel desejo – de uma traidora saudade... (chamo-lhe traidora, porque me faz dobrar tantos e tão velhos prejuizos...) – estou decidido... inteiramente resolvido a ir

procurar-vos no centro da vossa familia, e da
vossa patria... vou á França!

O intento basta para mostrar-vos o excesso da
estima e amisade que vos professo, estima
purificada e ungida pelas lagrimas do remorso!

Vosso admirador

Giovani Negroni.

ISBN: 978-1-329-94628-6